

Carolina S. Bandeira de Melo

**ENSINO DE PSICOLOGIA NA ESCOLA DE  
ENFERMAGEM CARLOS CHAGAS (1933 – 1962)**

Belo Horizonte, 2010

Faculdade de Educação – UFMG

Carolina S. Bandeira de Melo

**ENSINO DE PSICOLOGIA NA ESCOLA DE  
ENFERMAGEM CARLOS CHAGAS (1933 – 1962)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Psicologia, Psicanálise e Educação

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Dias Cirino

Belo Horizonte, 2010

Faculdade de Educação – UFMG

B214e      Bandeira de Melo, Carolina Silva  
              Ensino de Psicologia na Escola de Enfermagem Carlos  
Chagas (1933-1962) : / Carolina Silva Bandeira de Melo. -  
UFMG/FaE, 2010.  
              146 f., enc.

              Dissertação - (Mestrado) - Universidade Federal de Minas  
Gerais, Faculdade de Educação.

              Orientador : Sérgio Dias Cirino.

              Bibliografia : f. 112-124.

              Apêndices : f. 145-146.

              Anexos : f. 125-144.

              1. Educação -- Teses. 2. Enfermagem -- Estudo e ensino. 3.  
Psicologia -- História -- Teses. 4. Psicologia -- Estudo e ensino. 5.  
Escola de Enfermagem Carlos Chagas. I. Título.

CDD- 150.9

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social

A dissertação intitulada “ENSINO DE PSICOLOGIA NA ESCOLA DE ENFERMAGEM CARLOS CHAGAS (1933 – 1962)”, de autoria de Carolina Silva Bandeira de Melo, foi aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes membros:

---

**Dr. Sérgio Dias Cirino (Orientador) FaE – UFMG**

---

**Dra. Geralda Fornatina dos Santos Escola de Enfermagem – UFMG**

---

**Dra. Regina Helena de Freitas Campos FaE – UFMG**

---

**Dra. Rita de Cássia Vieira - UFMG**

**Belo Horizonte, 2010**

Dedico este trabalho a minha família e aos teóricos da Psicologia

## AGRADECIMENTOS

Inicialmente agradeço ao Prof. Sérgio Cirino, por aceitar o desafio de orientar-me em um trabalho que dialogou com a área da saúde, minha grande paixão. Na empreitada de estudar a história do ensino de Psicologia na enfermagem, foi preciso muito empenho e ele auxiliou-me não só em aceitar algumas limitações para este projeto, mas ajudou-me a diminuí-las. Deixou-me com autonomia para trilhar meu caminho e tomar minhas decisões, proporcionando-me grande aprendizado.

Seguindo essa linha, sou grata às professoras e professores do programa de pós-graduação da FAE, que serviram de interlocutores nessa jornada, e ao pessoal da Secretaria da Pós-graduação pelas informações e pela paciência.

É imprescindível citar meu agradecimento à equipe da Escola de Enfermagem da UFMG: o pessoal do Colegiado, da Secretaria e do Centro de Memória, que estiveram sempre disponíveis em minha longa coleta de dados. Eles sempre me entenderam quando o interesse e a curiosidade impulsionavam-me a olhar mais uma caixa, mesmo quando não parecia que lá haveria informações sobre ensino de Psicologia na enfermagem. Foi divertido também responder às perguntas sobre porque papéis velhos interessavam-me e encantavam-me tanto. A receptividade e a presteza de funcionários da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, da Universidade do Rio de Janeiro e da Escola de Enfermagem Anna Nery, da Universidade Federal do Rio de Janeiro também merecem ser citadas.

Ao Tiago, agradeço por amparar-me nas horas difíceis e deixar-me ainda mais contente nos momentos de alegria. Ele soube compreender a importância deste trabalho para mim e não cansou de escutar meus relatos sobre os achados na pesquisa. Além disso, acompanhou-me em uma viagem ao Rio de Janeiro e ajudou-me a pesquisar

documentos em escolas de Enfermagem de lá, zelando pela minha segurança. Ele ainda comemorou comigo e ficou empolgado, de verdade, com o que encontramos por lá.

À família do Tiago, meus agradecimentos pela acolhida, pelos almoços nos dias de correria e nos dias tranquilos. À minha família, sou e serei grata eternamente. Cada um me é caro de uma forma única e especial, e eu incluo tios e primos nessa. Cito em particular minha avó, Laura, por sempre acreditar no meu potencial e me colocar para frente; meu pai, de quem herdei o amor pelo conhecimento e a disciplina para o estudo; minha mãe, pelo carinho, e minha irmã pela presença e apoio.

Agradeço também à equipe do Hospital Municipal Odilon Behrens, pela força, torcida e encorajamento, em especial aos colegas da Psicologia, da Cirurgia Geral e à equipe de apoio da clínica cirúrgica. E de maneira especial agradeço à psicóloga Susana Alamy, que me iniciou na Psicologia Hospitalar.

Os ganhos no mestrado foram imensuráveis. Além do aprendizado sobre pesquisa acadêmica e sobre o meu tema de pesquisa, aprendi como é estar inserida em uma universidade, como planejar uma disciplina, ser professora, organizar eventos científicos e tantas outras coisas. O agradecimento especial eu deixo aos colegas do GENPSI (Grupo de Pesquisa em Ensino de Psicologia do Laboratório de Psicologia e Educação Helena Antipoff – Laped). Eles serviram-me como coorientadores e, com suas características pessoais e estilos de trabalho singulares, enriqueceram meus estudos imensamente. Nesse grupo fiz amigos e aprendi a trabalhar coletivamente.

*Cada um há de tender a ser melhor do que é, sem se comparar a ninguém, sem invejar nem menosprezar a quem quer que seja, por isto, a última razão de sua existência consiste precisamente em realizar sua própria vida e não a dos outros. Debaixo deste aspecto, um homem é tanto mais sociável, quanto mais seguro se sente da finalidade de sua existência, isto é, quanto mais sabe onde vai e porque vai. Somente então se verá livre do receio, da inveja e também da vaidade. Porque saber que se vai a algum lugar é saber que ainda não se chegou, e, por conseguinte, é saber que ainda não se pode estar satisfeito de si mesmo.*

Mira y Lopes

## RESUMO

Esta dissertação teve como objetivo principal conhecer a inserção e o desenvolvimento da disciplina Psicologia no curso de enfermagem da Escola de Enfermagem Carlos Chagas de 1933 até 1962. Verificou-se quando a disciplina foi inserida nesse curso, a fim de conhecer o contexto dessa inserção, bem como os conteúdos ensinados na disciplina Psicologia do curso e os professores que lecionaram a disciplina no período investigado. A escolha pelo curso da Escola de Enfermagem Carlos Chagas deve-se ao fato de o mesmo ser o mais antigo dentre os cursos de enfermagem do município de Belo Horizonte, além de estar entre as primeiras escolas de enfermagem fundadas no Brasil. O referencial teórico metodológico que norteou o estudo foi a historiografia com suas reflexões sobre estudo histórico. As fontes da pesquisa documental foram Documentos Escolares mantidos no Centro de Memória da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (que foi originada da Escola de Enfermagem Carlos Chagas). Para complementar essas fontes, foram consultados arquivos da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, da Universidade do Rio de Janeiro, e da Escola de Enfermagem Anna Nery, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A análise dos documentos revelou que: 1) a enfermagem estava em sintonia com discursos da Psicologia brasileira do período; 2) os médicos inicialmente intermediaram a relação entre Psicologia e Enfermagem; 3) havia presença de concepções educativas na Enfermagem, indicando uma circulação das teorias da Psicologia da Educação na Psicologia da Saúde e vice versa.

**Palavras chave:** História da Psicologia, História da Enfermagem, Ensino de Psicologia.

## ABSTRACT

The main target of the present dissertation is to learn about the insertion and development of Psychology, as a course subject, into the Nursing Course of the Carlos Chagas Nursing School from 1933 to 1962. Both, when the subject was included in the course and the contextualization of its inclusion have been studied, and information about the Psychology syllabus taught at the Carlos Chagas Nursing Course was researched as well as the information about the teachers who were responsible for that subject within the referred period. The Carlos Chagas Nursing Course was selected for this study due to the fact that it is the oldest institution among the other Nursing courses in the city of Belo Horizonte, besides being one the first Nursing schools founded in Brazil. The theoretical and methodological feedback that guided the research was the historiography and its reflections on the historical study. The sources of documents approached were the School Files kept at the Memory Center of the Nursing School of the Minas Gerais State Federal University (which was initially born from the Carlos Chagas Nursing School). Furthermore, the files of the Alfredo Pinto Nursing School of the Rio de Janeiro State University and the files of the Anna Nery Nursing School of the Rio de Janeiro State Federal University were also investigated. The analysis of the documents unveiled that: 1) Nursing was tuned with the prevailing Brazilian Psychology discourse in that period of time; 2) initially, physicians intermediated the relationship between Psychology and Nursing; 3) the occurrence of educative concepts in Nursing indicated the circulation of theories from Educational Psychology within Health Psychology and vice versa.

**Keywords:** Psychology History, Nursing History, Psychology teaching.

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

ABED - Associação Nacional das Enfermeiras Diplomadas Brasileiras

ABEn - Associação Brasileira de Enfermagem

ABEP - Associação Brasileira de Ensino de Psicologia

BVS – Biblioteca Virtual em Saúde

DASP - Departamento Administrativo do Serviço Público

DNSP – Departamento Nacional de Saúde Pública

EEAN - Escola de Enfermagem Anna Nery

EECC – Escola de Enfermagem Carlos Chagas

Genpsi - Grupo de Pesquisa em Ensino de Psicologia

ISOP - Instituto de Seleção e Orientação Profissional

Laped - Laboratório de Psicologia e Educação Helena Antipoff

LBHM – Liga Brasileira de Higiene Mental

PUC - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

SOSP - Serviço de Orientação e Seleção Profissional

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

UMG - Universidade de Minas Gerais

UNIRIO – Universidade do Rio de Janeiro

## **LISTA DE FIGURAS E TABELAS**

Figura 1 – Foto do Hospital Nacional de Alienados

Figura 2 - Divulgação dos cursos na EECC na mídia escrita da época.

Figura 3 - Capa do Livro: O que fazer de seu filho, de Padre Álvaro Negromonte.

Figura 4 – Foto do diário de classe da disciplina Psicologia de 1949.

Figura 5 - Capa do Livro: Constitución y Carácter, de Ernest Kretchmer.

Figura 6 - Capa do Livro: Cultura y Educacion, de Eduardo Spranger.

Figura 7 - Ilustração do Livro: L'Uomo Delinquente, de Cesare Lombroso.

Tabela 1 - Relação de professores e datas em que os mesmos lecionaram na Escola de Enfermagem Carlos Chagas.

## **LISTA DE ANEXOS E APÊNDICES**

Anexo 1 - Programa da disciplina Psicologia no curso da EECC em 1949

Anexo 2 - Programa da disciplina Psicologia no curso da EECC em 1950

Anexo 3 - Programa da disciplina Psicologia no curso da EECC em 1951

Anexo 4 - Programa da disciplina Psicologia no curso da EECC em 1952

Anexo 5 - Programa da disciplina Psicologia no curso da EECC em 1953

Anexo 6 - Programa da disciplina Psicologia no curso da EECC em 1954

Anexo 7 - Programa da disciplina Psicologia no curso da EECC em 1955

Anexo 8 - Programa da disciplina Psicologia no curso da EECC em 1956

Anexo 9 - Programa da disciplina Psicologia no curso da EECC em 1957

Anexo 10 - Programa da disciplina Psicologia no curso da EECC em 1958

Anexo 11 - Programa da disciplina Psicologia no curso da EECC em 1959

Anexo 12 - Programa da disciplina Psicologia no curso da EECC em 1961/A

Anexo 13 - Programa da disciplina Psicologia no curso da EECC em 1961/B

Anexo 14 - Programa da disciplina Psicologia no curso da EECC em 1962

Apêndice A – Biopsicotipologia de Kretchmer extraída de Rego (1994)

Apêndice B – Biopsicotipologia de Sheldon feita com base em Davidoff (2001)

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1 INTRODUÇÃO AO OBJETO DE PESQUISA.....	17
1.1 Trajetória pessoal.....	17
1.2 Esboço do processo de desenvolvimento da profissão de Enfermagem.....	19
1.3 Notas introdutórias de história da Psicologia.....	23
1.3.1 Desenvolvimento da psicologia moderna.....	23
1.3.2 Psicologia no Brasil.....	27
1.4 Objetivos.....	32
1.4.1 Objetivo geral.....	32
1.4.2 Objetivos específicos.....	32
1.5 Justificativa.....	32
1.6 Referencial Metodológico.....	34
1.7 Procedimentos.....	40
2 A ENFERMAGEM NO BRASIL.....	41
2.1 Contexto político social do desenvolvimento da Enfermagem no Brasil.....	41
2.2 Formação oficial de Enfermagem.....	46
2.3 A Psicologia no desenvolvimento da Enfermagem brasileira.....	58
3 A ESCOLA DE ENFERMAGEM CARLOS CHAGAS.....	65
3.1 A Criação da Escola.....	65
3.2 Inserção e trajetória da disciplina Psicologia entre 1933 e 1948.....	71
3.3 A disciplina Psicologia de 1949 a 1962.....	81
4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	104
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	111
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	112
ANEXOS.....	125
APÊNDICES.....	145

## INTRODUÇÃO

Meu<sup>1</sup> interesse inicial quando entrei no mestrado foi pesquisar sobre o ensino de Psicologia na formação de Enfermagem. A pergunta de pano de fundo que eu carregava era de ordem funcional: como o ensino de Psicologia pode contribuir na formação de um enfermeiro? Na busca sobre bibliografias do tema fui afunilando minhas dúvidas, que passaram a ser: 1) Quando a disciplina Psicologia foi introduzida no curso de Enfermagem? 2) Qual foi o motivo dessa inclusão? A decisão por fazer uma pesquisa histórica foi saciar a sensação de estar começando do início. No entanto, um estudo sobre pesquisa histórica fez cair por terra o mito de origem, pois compreendi que não podemos partir do início, de um ponto zero. Construí no lugar da ingênua vontade de “começar do começo” a noção de processo e continuidade nos fatos históricos. Essa perspectiva deixou-me ainda mais entusiasmada para realizar um trabalho no campo da História. Em conjunto com o orientador, optei por pesquisar sobre o ensino de Psicologia no curso da Escola de Enfermagem Carlos Chagas (atual Escola de Enfermagem da UFMG), identificando a inserção e o desenvolvimento da disciplina Psicologia nesse curso que foi criado em 1933. O estudo proposto trata sobre a história da Psicologia, visto que a profissão e a formação de psicólogo foram regulamentadas apenas em 27 de agosto de 1962, pela Lei 4119.

Nesse sentido, informações sobre a Psicologia antes de 1962 fornecem elementos para a história da sua regulamentação no Brasil. Por essa razão, decidimos investigar a disciplina Psicologia no curso da Escola de Enfermagem Carlos Chagas até 1962, ano da regulamentação da Psicologia no Brasil e da reforma curricular do curso de Enfermagem, com seu currículo mínimo estabelecido pelo Parecer nº 271, de 19 de

---

<sup>1</sup> Utilizamos uma variação entre a primeira pessoa do singular e primeira pessoa do plural buscando explicitar o percurso da autora para a realização deste trabalho. A dissertação encontra-se na primeira pessoa do plural, indicando a autora e seu orientador como os produtores deste trabalho.

outubro de 1962, estando a Psicologia entre os fundamentos de Enfermagem. Vale mencionar que a elaboração do parecer pelo Conselho Federal de Educação teve relação com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação do ano anterior (LDB/61).

Estudos sobre a história da Psicologia concentram-se sobre o desenvolvimento da Psicologia no país especialmente na área da Educação e na saúde. A maior parte dos trabalhos sobre o desenvolvimento e constituição da Psicologia na saúde investiga a inserção dessa disciplina na medicina. Dessa forma, nosso foco na pesquisa sobre o ensino de Psicologia na Enfermagem complementa estudos anteriores.

A presente dissertação está dividida em cinco capítulos. No primeiro capítulo, introduzimos nosso objeto de pesquisa; relatamos brevemente minha trajetória profissional e pessoal; apresentamos o processo de desenvolvimento da profissão de Enfermagem e a história da Psicologia; e apresentamos também os objetivos do trabalho, assim como sua justificativa, nosso referencial metodológico e os procedimentos de pesquisa.

Outros fatos poderiam ter sido mencionados, mas foi preciso realizar escolhas e um recorte, pois o assunto é vasto. Reservamos o segundo capítulo para escrever sobre a Enfermagem no Brasil, especialmente por meio da formação profissional do enfermeiro, identificando aspectos do contexto político e social do país que influenciaram no desenvolvimento dessa profissão e identificando também a presença da Psicologia no curso de Enfermagem.

No capítulo três, denominado *A Escola de Enfermagem Carlos Chagas*, contamos como ocorreu a criação da Escola de Enfermagem Carlos Chagas, a inserção e a trajetória da Psicologia no curso dessa Escola, dividindo o período estudado em dois momentos: de 1933 a 1948 e de 1949 a 1962. Essa divisão se justifica pelo acesso aos diários de classe da disciplina Psicologia do período que compreende o ano de 1949 ao

ano 1962. Com base especialmente nesse material, enumeramos os conteúdos ensinados na disciplina, observando as mudanças no programa das aulas.

Fizemos uma síntese dos resultados da pesquisa no capítulo quatro e no último capítulo realizamos considerações finais sobre o trabalho.

Nas referências bibliográficas, citamos os textos que foram utilizados na escrita da dissertação, apesar da leitura durante o mestrado ter sido mais abrangente do que os assuntos que foram escolhidos para compor esta dissertação. Disponibilizamos nos anexos os programas da disciplina Psicologia no curso da Escola de Enfermagem Carlos Chagas de 1949 até 1962, pois esse material foi central para a nossa pesquisa.

## CAPÍTULO 1

### INTRODUÇÃO AO OBJETO DE PESQUISA

*“Qual exatamente o prazer e o consolo que o historiador e seu consumidor encontram nessa empresa pode estar perdido em algum impulso freudiano, em algum complexo adleriano, ou em algum arquétipo jungiano.”*

Wertheimer, 1977, p.11

#### 1.1 Trajetória pessoal

Durante o curso de graduação em Psicologia voltei minha formação para o trabalho em hospital, cursando disciplinas afins e estágios na área. Ao graduar-me cursei licenciatura, espaço onde iniciei reflexões sobre o ensino de Psicologia na área da saúde. Continuei trabalhando com esse tema no Genpsi/Laped (Grupo de Pesquisa em Ensino de Psicologia do Laboratório de Psicologia e Educação Helena Antipoff), em uma pesquisa sobre os trabalhos produzidos por alunos da licenciatura em Psicologia na disciplina Prática de Ensino. Esses trabalhos enfocavam com frequência a disciplina Psicologia em cursos técnicos de Enfermagem e, assim, meus questionamentos voltaram-se para esse tema.

Além disso, desde 2007 trabalho como psicóloga no Hospital Municipal Odilon Behrens, onde sou requisitada por integrantes da equipe multiprofissional a auxiliá-los na compreensão de problemas dos pacientes e seus familiares diante do adoecimento. Percebo, assim, um interesse de colegas de trabalho (enfermeiros e não enfermeiros) na Psicologia da Saúde e tive, inclusive, oportunidade de acompanhar uma capacitação em serviço para técnicos de Enfermagem do Hospital. Portanto, o contexto que em que atuo

estimulou a realização desta pesquisa de mestrado. Minha expectativa foi tentar identificar e compreender alguns dos motivos da demanda feita pela Enfermagem à Psicologia.

Ao realizar a revisão bibliográfica, dei-me conta da “mocidade” em que vive a Psicologia brasileira e, ao mesmo tempo, como suas influências filosóficas são antigas. A Psicologia como profissão foi regulamentada no Brasil em 1962, mas conteúdos psicológicos podem ser identificados na sociedade brasileira desde o século XIX nas Escolas Normais (Antunes, 2004) e até mesmo no período colonial, segundo Massimi (1999). Como diz Wertheimer (1977, p.10): “A Psicologia de hoje é filha da Psicologia de ontem; a Psicologia de hoje faz mais sentido se se compreende como chegou a ser como é”. A pesquisa de mestrado me conferiu uma dimensão mais concreta sobre a história da Psicologia, solidificando minhas bases teóricas.

É relevante, no entanto, esclarecer que sou uma psicóloga trabalhando com pesquisa histórica e não uma historiadora. Minha formação impôs alguns limites para a investigação e precisei de muito trabalho para conhecer especificidades do estudo historiográfico. Por outro lado, o curso de graduação em Psicologia e minha experiência profissional permitiram-me pensar sobre a minha área profissional, que é o objeto do estudo. O estudo do homem no tempo, ou seja, o estudo histórico, sempre me interessou. Em suas investigações clínicas os psicólogos levantam o contexto sócio-histórico dos sujeitos e, de certa forma, trabalham com história. Motivada por curiosidade, desejo e, diria até, necessidade de saber, iniciei o mestrado. Considerando o tema desta dissertação, além da história da Psicologia, pesquisei também sobre a história da Enfermagem, que será tema da próxima seção.

## 1.2 Esboço sobre o processo de desenvolvimento da profissão de Enfermagem

As práticas de cuidado aos doentes são mais antigas do que a profissão de Enfermagem. Estudos apontam que cabia às mulheres cuidar das crianças, idosos e enfermos (Geovanini, 1995; Paixão, 1969; Oguisso, 2007). Os conhecimentos sobre tratamentos e curas estavam associados ao misticismo, sendo responsabilidade de pajés, sacerdotes, feiticeiros ou xamãs. Em 460 a.C. Hipócrates sistematizou essas ações e desenvolveu, na Grécia antiga, o levantamento de diagnóstico, prognóstico e terapêutica, com observação da natureza, dissociando a medicina das superstições. Esse movimento foi difundido e desenvolveu-se especialmente até o século XIII, quando epidemias, terremotos e inundações ocorridas na Europa influenciaram o retorno das crenças e superstições (Geovanini, 1995). O momento de maior incerteza e insegurança causado por desastres naturais e doenças propiciou que o pensamento mágico retomasse sua força e impediu temporariamente o desenvolvimento das ciências médicas. Isso porque as superstições ofereceram explicações e formas de lidar com as adversidades, confortando as pessoas.

A assistência aos doentes foi assumida por organizações eclesíásticas, especialmente pela Igreja Católica, que tentou manter sob seu domínio os conhecimentos de saúde. Leigos movidos pela fé, com intuito de fazerem caridade, ajudavam os religiosos a cuidar dos pobres e enfermos. Investigações empíricas ocorriam em paralelo, mesmo com a repressão exercida pela Igreja Católica. Movimentos como o Renascentista<sup>2</sup> e a Reforma Protestante<sup>3</sup> influenciaram as práticas de saúde. Geovanini (1995) considera que se iniciou nesse momento o despertar da

---

<sup>2</sup> Conhecido como Renascimento ou Renascença, por volta do final do século XIII e meados do século XVII foram percebidas na Europa mudanças na arte, filosofia, política, ciências, ou seja, na cultura de um modo geral. Esse movimento iniciou-se na Itália com inspiração nas civilizações grega e romana e marcou o final da Idade Média e o início da Idade Moderna.

<sup>3</sup> Reforma Espiritual ocorrida no século XVI iniciada por Martin Lutero na Alemanha e difundida em vários países da Europa.

ciência moderna com o estudo do corpo humano. Posteriormente, a Enfermagem sofreu, segundo Paixão (1969), grande influência da Reforma Protestante, pois católicos que cuidavam dos doentes foram expulsos e substituídos por pobres e prostitutas, ocasionando o fechamento de vários hospitais na Europa<sup>4</sup>. Os religiosos que se formavam (os protestantes) perceberam na retirada dos católicos da assistência aos doentes uma forma de enfraquecer o catolicismo na Europa. Geovanini (1995) localiza nesse momento (séculos XVI e XVII) uma decadência e desprestígio da Enfermagem, pois a profissão confundia-se com o serviço doméstico, desvinculada de conhecimentos científicos.

A reforma organizacional da assistência à saúde teve início nos hospitais marítimos e militares<sup>5</sup>. O serviço em Enfermagem, desse modo, sofreu influência religiosa e militar, incorporando características dessas instituições, pois os religiosos assumiram durante muito tempo o cuidado com os doentes e os militares também desenvolveram suas práticas de saúde e o serviço de Enfermagem.

Vale destacar também que a área da saúde desenvolveu-se com o mercantilismo, devido à necessidade de redução da mortalidade para que a população pudesse trabalhar e consumir (Geovanini, 1995). O hospital foi tornando-se um ambiente voltado para a cura e para a formação e a transmissão do conhecimento. A entrada dos médicos no ambiente hospitalar trouxe mudanças na assistência ao doente e “as primeiras tentativas para ensinar a cuidar de doente foram feitas por médicos que sentiam a necessidade de ter ao lado pessoas mais preparadas para ajudar em seu trabalho” (Oguisso, 2007, p.59).

---

<sup>4</sup> Na Inglaterra, por exemplo, foram fechados mais de mil hospitais e doentes que tinham alguém por eles, mesmo estando mal alimentados e desprovidos de conforto, recusavam-se ir para um hospital (Paixão, 1969).

<sup>5</sup> Os hospitais marítimos eram usados para o contrabando. Os contrabandistas, ao passarem pela alfândega, diziam-se portadores de doenças transmissíveis e passavam sem problema. Eles ficavam um período nos hospitais e pagavam propina aos enfermeiros para saírem com seus contrabandos. Os hospitais militares se desenvolveram também pelo alto custo que cada soldado tinha com os treinamentos que fazia e era dispendioso perdê-los por falta de tratamento adequado.

A partir dessas iniciativas<sup>6</sup>, a Enfermagem foi deixando de ser considerada uma atividade rudimentar e doméstica, tornando-se uma atividade técnica e científica.

A contribuição mais citada por estudiosos da historiografia da Enfermagem no desenvolvimento da profissão é o papel de Florence Nightingale<sup>7</sup>, que fez parte da aristocracia inglesa, estudou em casa com os pais e professores particulares, tendo adquirido conhecimentos de matemática, literatura, história natural, filosofia, línguas, etc. Teve um apreço especial por estatística<sup>8</sup>, o que contribuiu para suas ações na Enfermagem. Ela acompanhou a mãe em visitas a doentes que serviam nas propriedades da família, cuidou de um parente enfermo, teve contato com instituições de caridade da Grécia e do Egito e aprendeu Enfermagem com religiosas na Alemanha, em 1851, e na França, em 1853 (Oguisso, 2007).

Nightingale ficou internacionalmente conhecida após seu trabalho nos hospitais militares, onde prestou assistência aos soldados feridos na Guerra da Criméia<sup>9</sup>. Ela comandou e treinou uma equipe de 38 enfermeiras voluntárias que partiram com ela em 1854 para essa missão. Com as intervenções<sup>10</sup> propostas por Nightingale, a mortalidade no hospital militar reduziu significativamente. Por esses resultados Florence foi condecorada pela coroa britânica e recebeu outros prêmios. A mídia inglesa divulgava seu trabalho “provocando em toda Inglaterra uma onda de simpatia, de respeito, de solidariedade à Miss Nightingale e à equipe” (Santos, n.d, p.21).

---

<sup>6</sup> Para saber mais sobre escolas de enfermagem sugerimos a consulta de: Oguisso, Taka. *Florence Nightingale*. Em: Trajetória histórica e legal da enfermagem. Editora Manole, 2007, p.58-97.

<sup>7</sup> Seu nome foi escolhido em homenagem à cidade de Florença, na Itália, onde nasceu quando seus pais estavam em viagem pela Europa em 12 de maio de 1820. Por ser filha de ingleses e ter sido criada na Inglaterra é considerada inglesa e não italiana.

<sup>8</sup> Florence foi pioneira na utilização do sistema de representação visual de informações como, por exemplo, o gráfico setorial, popularmente conhecido como gráfico de “pizza”. Informação disponível em: [http://wapedia.mobi/pt/Florence\\_Nightingale](http://wapedia.mobi/pt/Florence_Nightingale) Acesso em 28 de jan de 2010. Ela se tornou membro da Real Sociedade de Estatística da Inglaterra em 1858 e membro honorário da Associação Americana de Estatística em 1874. Ela quantificava suas intervenções, relacionando ações com resultados estatísticos.

<sup>9</sup> Conflito que se estendeu de 1853 a 1856, entre a Rússia e uma coligação integrada pelo Reino Unido, França, Piemonte-Sardenha (na atual Itália), com apoio do Império Turco-Otomano (atual Turquia), e da Áustria. Essa colisão foi formada como reação às pretensões expansionistas russas.

<sup>10</sup> Florence propôs intervenções como o suprimento regular de água fresca, além de fundos próprios para comprar frutas, vegetais e equipamentos hospitalares.

Por solicitação do gabinete de guerra britânico, Nightingale prestou assessoria nos cuidados médicos voltados para as forças armadas no Canadá e foi também consultora do governo estadunidense sobre saúde militar durante a Guerra Civil Americana<sup>11</sup>. Santos (2006, p.18) complementa que “historicamente, a Enfermagem como profissão foi instituída na Inglaterra em 1860, com a criação da Escola de Enfermagem São Thomas por Florence Nightingale.” A autora explica que a criação dessa Escola é considerada por pesquisadores de história da Enfermagem como um marco que deu origem à Enfermagem escolarizada, com ênfase na formação profissional. Florence considerava necessário para cuidar de um doente, além do carinho, bondade e paciência, “conhecimentos e habilidades, e isso somente poderia ser alcançado com adequado treinamento.” (Oguisso, 2007, p.69). A atividade profissional defendida e desenvolvida por ela é chamada de *Enfermagem moderna*<sup>12</sup>.

O Hospital de São Thomas em Londres formou enfermeiras<sup>13</sup> que foram responsáveis pela divulgação das ideias de Nightingale, com trabalhos em diversos países como Turquia, França, Escócia, Japão, Prússia, Noruega e Suécia e com intervenções que se estenderam às colônias inglesas, principalmente na Índia, África e Austrália (Santos n.d, Lunardi 1998, Oguisso 2007). Com a divulgação internacional da profissão, a Enfermagem mudou sua imagem em vários países, ganhando importância social e deixando aquele período de decadência e desprestígio para trás. O percurso de

---

<sup>11</sup> Informações contidas na biografia de Florence Nightingale publicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.pucrs.br/famat/statweb/historia/daestatistica/biografias/Nightingale.htm> Acesso em 16 de junho de 2009.

<sup>12</sup> Santos (2006) explica que o adjetivo 'moderna' para enfermagem está cristalizado na historiografia brasileira (diferente de outros países), como sinônimo da enfermagem escolarizada ou enfermagem profissional, com base no Sistema Nightingale.

<sup>13</sup> Utilizamos o termo no feminino, pois, historicamente, mulheres definiram os contornos da profissão de enfermagem e nos primeiros cursos oferecidos as turmas eram eminentemente feminina. Em outros momentos optamos por usar “enfermeiro” no masculino, de acordo com a convenção da língua Portuguesa - o plural que envolve dois gêneros (masculino e feminino) será utilizado no masculino. A variação, portanto, foi intencional e consciente.

Nightingale reforça a influência religiosa e militar na Enfermagem, pois ela estudou com religiosas e prestou serviços para militares.

No Brasil, a primeira forma de assistência aos doentes, de acordo com Geovanini (1995), foi por meio dos padres jesuítas e, posteriormente, voluntários e escravos auxiliaram os religiosos nas Santas Casas de Misericórdia. A Enfermagem brasileira será tratada no próximo capítulo. A seguir, faremos uma breve exposição introdutória sobre o desenvolvimento da Psicologia.

### **1.3 Notas introdutórias de história da Psicologia**

#### **1.3.1 Desenvolvimento da Psicologia moderna**

A Psicologia também passou por um processo semelhante ao da Enfermagem para conquistar legitimidade como prática e conhecimento científico. Penna (1991) distingue a história da Psicologia como ciência de uma história das idéias psicológicas, anterior à primeira. Tal distinção é similar na historiografia da Enfermagem que separa a profissão dita moderna, institucionalizada ou escolarizada de uma prática chamada de leiga. Alguns livros sobre história da Psicologia fazem uso do termo “moderna”, definindo sobre qual história irão tratar, ou seja, demonstrando o enfoque na história da Psicologia científica. Essas similaridades entre as duas áreas talvez se deva ao fato de que filosofar sobre a vida seja um costume tão antigo na história da humanidade como cuidar de doentes.

Muitos ramos do conhecimento desmembraram-se da filosofia, como por exemplo, a Psicologia. Os pensadores clássicos são considerados, ao mesmo tempo, matemáticos, filósofos, sociólogos e psicólogos, por exemplo, uma vez que investigavam assuntos de natureza diversa. A separação em especialidades do saber ocorreu em um momento posterior na história das ciências. O desenvolvimento da

filosofia se confunde com os primórdios da Psicologia, pois os filósofos buscavam entender o mundo e os seres humanos. Ferreira (2005) diz que podemos encontrar em alguns estudos “as trilhas da história da Psicologia se cruzando com os caminhos de uma busca ancestral de conhecimento de si, confundindo-se com a própria história do saber ocidental.” (p. 13). Os filósofos clássicos trabalharam assuntos que consideramos ser atualmente temática da Psicologia, como, por exemplo, reflexões sobre o homem no mundo, suas formas de comportar e pensar.

Figueiredo e Santi (2008, p. 14) afirmam que “todos os grandes sistemas filosóficos desde a Antiguidade incluíam noções e conceitos relacionados ao que hoje faz parte do domínio da Psicologia científica, como o comportamento, o ‘espírito’ ou a ‘alma’ do homem.” A história da Psicologia pode, dependendo do foco que se queira dar, abranger as questões filosóficas mais antigas. Schultz e Schultz (2007) atribuem interesses desse tipo ao século V a.C., com estudos relacionados aos filósofos Platão (428/427 - 348/347 a.C.) e Aristóteles (384 - 322 a.C.) que procuraram entender, por exemplo, o funcionamento da memória, o pensamento e os comportamentos anormais.

O percurso do processo de constituição da Psicologia como ciência e profissão oferece suporte às discussões filosóficas metodológicas atuais da Psicologia. Muitos filósofos são estudados na Psicologia por estarem situados na base de formulações teóricas subsequentes. Wertheimer (1977, p.21) exemplifica que “o problema da diferença corpo e mente, e da relação entre eles, continuou a empolgar os filósofos e psicólogos ocidentais até os dias de hoje” e considera que essa temática é explorada desde Platão. Antigas discussões filosóficas resumem muitas das controvérsias atuais da Psicologia. Herrnstein e Boring (1971, p. 727) consideram que “A oposição entre Helmholtz e Hering, entre Wundt e Stumpf, entre os comportamentalistas e os gestaltistas – todas lembram a oposição entre Hume e Kant, Locke e Descartes.” Os

debates presentes na história das ciências sedimentam conflitos atuais da Psicologia, mas esse não é o foco do presente trabalho.

Na Idade Moderna, físicos, anatomistas, médicos e fisiólogos estudaram comportamentos voluntários e involuntários do homem. Figueiredo e Santi (2008, p. 15) declaram que “os temas da Psicologia estavam dispersos entre especulações filosóficas, ciências físicas e biológicas e ciências sociais.” No desenvolvimento da Psicologia como ciência, a fisiologia e a biologia influenciaram no uso da quantificação e com a tenderam a instituir pesquisas universitárias e laboratórios de treinamento. Wertheimer (1977) considera que a filosofia influenciou a Psicologia com o empirismo crítico, o associacionismo e o materialismo científico de Descartes.

A Psicologia no século XVIII não era ainda uma profissão institucionalizada, mas era uma disciplina, com um conjunto de saberes, regras, métodos, divergências e debates; com uma terminologia comum, publicações e pessoas dotadas de autoridade especial (Vidal, 2005). A Psicologia estava presente em currículos acadêmicos e em materiais de ensino, como manuais e livros didáticos, por exemplo. O século XIX recebeu os méritos da constituição da Psicologia científica<sup>14</sup>. Estudiosos da História da Psicologia (Wertheimer, 1977; Figueiredo e Santi, 2008; Ferreira, 2005) consideram que ela se tornou ciência independente na segunda metade do século XIX. Contudo, Vidal (2005, p.49) discorda de negar a existência de uma Psicologia empírica no século XVIII e justifica:

A Psicologia podia não ter laboratórios, mas era concebida como uma disciplina de pesquisa empírica comprometida com a perspectiva naturalista que excluía a alma como *um princípio explicativo*; por exemplo, ela analisava o pensamento em sua relação

---

<sup>14</sup> A cientificidade da Psicologia ainda hoje é questionada e defendida. Para introduzir essas questões buscar: Penna, Antônio Gomes. História das idéias psicológicas. Rio de Janeiro, editora Imago, 1991.

com a sensação em lugar de remetê-lo à natureza da substância imaterial e imortal. (p.49).

Figueiredo e Santi (2008) dizem que, pela complexidade na criação de uma nova ciência, a Psicologia precisava mostrar que tem um objeto próprio, além de métodos adequados para estudá-lo. Esse foi o caminho que a Psicologia percorreu em busca de legitimidade. Segundo Ferreira (2005, p.38), “Durante todo o século XIX, a Psicologia para se fundar e ser aceita no restrito clube das ciências irá tentar cumprir o novo decálogo do saber, buscando objetividade, embasamento matemático e a determinação de um elemento básico de investigação.” A Psicologia buscou apoio nos conceitos e métodos das ciências naturais, especialmente na fisiologia, biologia e química. Na área da saúde mental, por exemplo, a Psicologia ficou no entorno da psiquiatria e da neurologia para especificar a loucura como patologia da mente (Ferreira, 2005). A Psicologia recorreu às áreas mais consagradas cientificamente para constituir suas bases e ganhar reconhecimento.

A distinção entre a Psicologia moderna e a Psicologia filosófica ocorre mais em função do método usado para responder aos questionamentos da área do que propriamente às perguntas feitas pelos estudiosos. “São a abordagem e as técnicas empregadas que diferenciam a antiga disciplina filosófica da Psicologia moderna e marcam o aparecimento da Psicologia como um campo de estudo independente e essencialmente científico.” (Schultz e Schultz, 2007, p. 2). Para conseguir autonomia a Psicologia precisou filiar-se ao que era mais valorizado pela ciência moderna para desenvolver-se a partir dessas bases. Schultz e Schultz (2007) dizem que foi a partir da confiança dos pesquisadores na observação e na experimentação minuciosamente controladas que a Psicologia começou a adquirir uma identidade distinta das suas raízes

filosóficas para o estudo da mente. Iremos, a seguir, tecer considerações acerca do desenvolvimento da Psicologia no Brasil.

### **1.3.2 A Psicologia no Brasil**

Brozek e Massimi (1998) consideram a historiografia da Psicologia brasileira recente, pois alguns dos estudos mais antigos têm cerca de 60 anos de existência. Nas produções sobre história da Psicologia brasileira (Pessoti, 1988; Antunes, 2007) observamos que o estabelecimento e desenvolvimento da Psicologia como ciência autônoma no Brasil deram-se, principalmente, a partir do século XIX, na área educacional e da saúde. Entretanto, a profissão foi regulamentada apenas na segunda metade do século XX, assim como a formação de psicólogo (Lei 4119/1962).

Pessotti (1988) divide a história da Psicologia brasileira nos períodos: 1) Pré-institucional (até 1833), 2) Institucional (1833-1934), 3) Universitário (1934-1962) e 4) Profissional (a partir de 1962). O primeiro período corresponde aos escritos sobre o Brasil colônia até a criação das primeiras escolas de medicina no Rio de Janeiro e na Bahia, em 1833. O Período Universitário inicia, de acordo com Pessotti (1988), a partir de 1934, quando a disciplina Psicologia passou a ser obrigatória nos cursos de Filosofia, Ciências Sociais, Pedagogia, Licenciatura e opcional na Psiquiatria e Neurologia. Em 1962 a profissão foi regulamentada, iniciando o Período Profissional.

No Período Pré-institucional, religiosos e políticos, especialmente, escreveram sobre assuntos do saber psicológico. Entre os séculos XVII e início do século XIX, a política cultural da metrópole proibiu a criação de universidades no Brasil colônia. Dessa forma, jovens de famílias ricas iam estudar na Europa, especialmente em Portugal e na França. A influência europeia no Brasil foi grande e esses jovens não tinham, de acordo com Pessotti (1988), a intenção de melhorar a colônia com suas obras, as quais

foram publicadas principalmente na Europa. Ribeiro (1964) cita um dos primeiros escritos sobre medicina em português, datado de 1677 e produzido por um português que morava desde 1671 em Pernambuco. Essa obra continha um capítulo dedicado ao delírio e outro à mania.

Religiosos da Igreja Católica estiveram presentes na colonização brasileira, especialmente jesuítas, beneditinos e franciscanos. Nesse contexto, segundo Massimi (1990), é revelado nas obras de jesuítas do século XVII e XVIII o interesse pelos assuntos psicológicos nas perspectivas da Pedagogia, da catequese e da Teologia Moral. Os jesuítas trouxeram ideias da Europa, onde estudaram. Eles preocupavam-se com o conhecimento de si, com a compreensão da dinâmica interior e resgataram ideias de Aristóteles (384 – 322 a. C.) e de São Tomás de Aquino (1225 – 1274), pois acreditavam que conhecer a si mesmo era fundamental para a conversão religiosa e para o comportamento virtuoso (Massimi, 2005). Os religiosos buscaram também auxílio nas teorias psicológicas para conhecerem os índios que habitavam o Brasil.

Massimi (2005, p. 79) diz que “a demonstração da ‘humanidade’ do índio é feita a partir do conhecimento de suas características psicológicas” e cita o trabalho de Nóbrega (1517 – 1570), que defendeu, com base nas “potências” atribuídas à alma (entendimento, memória e vontade), que o índio possui alma. Vemos, portanto, que a Psicologia utilizada nessa época faz parte da Psicologia filosófica. As diferenças culturais dos índios parecem ter estimulado a reflexão dos padres, que organizaram escolas de formação para crianças indígenas. Foram produzidos estudos sobre os índios com temas diversos como: a criança na sociedade indígena, sociabilidade, relação entre pais e filhos, a mulher na sociedade indígena e maternidade. Pessotti (1988, p. 18) cita outros temas da Psicologia na colônia: “métodos de ensino, controle das emoções, causas da loucura, diferenças de comportamento entre sexos e raças, controle político,

formação da juventude, persuasão dos selvagens, condições do conhecimento, percepção, etc.”

As escolas dos jesuítas para as crianças foram fundamentais na colonização do Brasil e geraram tratados pedagógicos advindos dessas experiências. Os jesuítas desenvolveram um conceito de infância, com uma visão determinista e forte crença na educação. Massimi (1990) relata que, para os padres, a evolução da personalidade infantil e a educação são complementares, sendo mais fácil estimular a razão no primeiro ano de vida. As ideias de que o homem pode ser moldado através da educação eram advindas do Humanismo e do Renascimento, de acordo com Massimi (2005). Os jesuítas defendiam a educação para as meninas, a importância do brincar e eram contra a repetição exagerada do conteúdo escolar. Isso para que, além da memória, o raciocínio fosse usado. Essas concepções de ensino eram diferentes do que se via na Europa. Podemos observar, assim, que não ocorreu uma simples repetição das ideias educativas de fora do país, pois as particularidades revelam um ensino contextualizado e construído pelos educadores religiosos no contexto brasileiro. Ao educador cabia o sucesso e o fracasso da educação. Os religiosos da Companhia de Jesus ganharam tanto prestígio que foram expulsos da colônia, em 1759, pela Coroa Portuguesa, que temeu o poder dos jesuítas.

Bock (1999) também adotou a divisão proposta por Pessotti (1988) e demonstra que, no Período Institucional da Psicologia brasileira, a concepção evolucionista e ideias progressistas foram defendidas. A independência política proclamada em 1822 propiciou a criação de instituições para promoverem o desenvolvimento cultural e “nessas instituições e em escolas de formação do magistério que se inicia a formação de um saber psicológico brasileiro em moldes acadêmicos” (Pessotti, 1988, p. 21). Pelo que consta, a Psicologia já estava presente no país, mas, sua aplicação era diferente do

se fazia na fase anterior. A Independência do Brasil fez com que a saúde, a educação, a religião e a moral passassem a ser gerenciadas pelo Estado e escolas e faculdades foram criadas pelo país com inspiração europeia, especialmente seguindo o modelo francês. A Igreja Católica diminuiu seu poder especialmente por perder o controle de escolas.

A criação de escolas e faculdades influenciou no desenvolvimento e a constituição da Psicologia como ciência, que fez parte de disciplinas em diferentes áreas do saber: Filosofia, Direito, Medicina (higiene, medicina forense e psiquiatria), Pedagogia, Teologia Moral. A Psicologia esteve presente ainda na Arquitetura e também no movimento cultural do Barroco, que concebia o homem como movimento, transformação, questionando a ideia de verdade e defendendo a instabilidade da vida (Massimi, 1999). As teorias psicológicas forneceram pressupostos da jurisprudência, da ética natural e justificavam políticas públicas<sup>15</sup>. A Psicologia respondeu a uma funcionalidade no âmbito do projeto de formação de cidadãos e indivíduos bem adaptados e atuantes.

Segundo Massimi (1990), houve quatro tipos de discursos psicológicos presentes no século XIX: Psicologia filosófica, Psicologia médica, Psicologia pedagógica e Psicologia no âmbito da Teologia Moral. Consideramos que ocorreram combinações entre esses discursos, com fortes intercâmbios nas ações pedagógicas propostas pela medicina, por exemplo. Como o estudo realizado focaliza o ensino de Psicologia na Enfermagem, trataremos mais especificamente da Psicologia médica, que forneceu grande influência na relação que foi estabelecida entre a Psicologia e a Enfermagem.

Massimi (1990, p. 49) atesta que “o saber sobre a subjetividade estrutura-se, na cultura e na sociedade do período, como parte da higiene – área da medicina que mais

---

<sup>15</sup> “O conhecimento da ‘ciência do homem’ permite ao legislador discernir a respeito da igualdade das ações humanas, das modificações do comportamento, das diferenças individuais; a ‘ciência do homem’ fornece esclarecimentos a respeito da origem e da função de idéias, sensações e paixões, que são fatores determinantes dos atos individuais e sociais. Por fim, tal estudo põe em vidência as condições interiores e exteriores da conduta humana.” (Massimi, 1990, p. 31).

claramente assume a função de prevenção e controle do bem-estar social e individual.” Os médicos tinham função reguladora, inclusive da moral social, e grande interesse pelo fenômeno da loucura. Os médicos se interessaram principalmente pelo estudo do amor, da sexualidade, do ciúme, da tristeza, da melancolia e da educação, com valorização da Psicologia Científica em detrimento da Psicologia Filosófica.

O Período Universitário iniciou-se, de acordo com Pessotti (1988), a partir de 1934, quando a disciplina Psicologia passou a ser obrigatória nos cursos de Filosofia, Ciências Sociais, Pedagogia, Licenciatura e opcional na Psiquiatria e Neurologia. Vemos aí a Psicologia como ciência complementar a essas áreas do conhecimento. Para Bock (1999), o movimento escolanovista<sup>16</sup> influenciou as concepções de Psicologia ensinadas na Educação, com objetivo de adaptar o indivíduo à sociedade.

Em 1945 criou-se a Sociedade de Psicologia de São Paulo e em 1954 a Associação Brasileira de Psicólogos. Nesse ano foi proposto um projeto de Lei sobre o ensino obrigatório de Psicologia nos cursos de Medicina. Além disso, o Arquivo Brasileiro de Psicotécnica publicou um anteprojeto de Lei sobre formação e regulamentação da profissão de psicólogo (Pessotti, 1975). A formação e profissão foram regulamentadas quase dez anos depois, em 27 de agosto de 1962, pela Lei 4119. Nessa data foi instituído o dia do Psicólogo e iniciou-se o Período Profissional da Psicologia. Esta dissertação não contempla o período posterior a 1962. Com o panorama sobre a história da Enfermagem e história da Psicologia neste capítulo buscamos tecer o cenário do que será exposto nos próximos capítulos.

---

<sup>16</sup> O movimento, conhecido também como Escola Nova, contrapôs o que chamavam de “tradicional”, ou seja, as práticas pedagógicas anteriores às práticas de então.

## **1.4 Objetivos**

### **1.4.1 Objetivo geral**

Conhecer a inserção e o desenvolvimento da disciplina Psicologia no curso de Enfermagem da Escola de Enfermagem Carlos Chagas (EECC), de 1933 até 1962.

### **1.4.2 Objetivos específicos**

- 1) Verificar quando a disciplina Psicologia foi inserida no curso da EECC;
- 2) Identificar elementos sobre o contexto dessa inserção;
- 3) Identificar os conteúdos ensinados na disciplina Psicologia no curso da EECC ao longo do período de 1933 a 1962, observando possíveis mudanças no conteúdo ensinado.

## **1.5 Justificativa**

A escolha pelo curso de Enfermagem da UFMG deveu-se ao fato dele ser o mais antigo entre os cursos de Enfermagem do município de Belo Horizonte e um dos primeiros do Brasil (Santos, 2006). A importância desta pesquisa se deve às contribuições trazidas para o tema investigado. Barros (2007) justifica um projeto de pesquisa em história pela sua relevância social, pertinência do tema, relevância científica e acadêmica, originalidade e viabilidade, fatores presentes neste trabalho.

Este estudo apresenta relevância social à medida que, a partir dele, conhecemos sobre o ensino de Psicologia na formação do enfermeiro. Esse conhecimento pode contribuir para nossa compreensão sobre o referido ensino nos dias de hoje, contextualizando-o historicamente e possibilitando-nos vislumbrar o futuro da interseção entre Psicologia e Enfermagem. Reflexões acadêmicas sobre esse tema poderão contribuir para futuras discussões e pesquisas sobre as aulas de Psicologia na

formação de Enfermagem, enriquecendo, não só o curso de Enfermagem, como a atuação profissional dos enfermeiros.

A Associação Brasileira de Ensino de Psicologia (ABEP) tem retomado discussões sobre o ensino de Psicologia em outros cursos, com uma frente para a área da saúde. Esse grupo demonstra que tal interesse está presente em entidades da Psicologia. Estudar o ensino de Psicologia no curso de Enfermagem é, portanto, de uma demanda atual, o que confere pertinência ao tema deste trabalho. O presente estudo poderá beneficiar docentes, oferecendo-lhes mais elementos para discutir sua prática de ensino.

A relevância científica e acadêmica se baseia no levantamento bibliográfico realizado para o desenvolvimento desta pesquisa. Isso porque não encontramos autores que relacionam a história da Psicologia com o ensino da mesma em cursos de Enfermagem. Frequentemente os estudos focalizam o desenvolvimento e a constituição da Psicologia na Educação e na Medicina. Dessa forma, esta pesquisa, complementa estudos anteriores. A relevância científica e acadêmica deste estudo se dá também por nem sempre ser possível conhecer os conteúdos de Psicologia ensinados, dada a dificuldade de encontrar fontes que revelem quais são esses conteúdos. No nosso estudo conseguimos fazer essa coleta. Esta pesquisa pode nos tornar mais conscientes das influências do contexto sociocultural nas teorias psicológicas, uma vez que apresenta o desenvolvimento da disciplina investigada em um período que ela sofreu influências socioculturais específicas e visíveis.

A interseção entre história do ensino de Psicologia e história da formação de enfermeiros revela de acordo com o que divulgamos anteriormente, a novidade do estudo. Uma pesquisa histórica sobre ensino de Psicologia na Enfermagem tem, portanto, um caráter original.

A viabilidade da pesquisa foi garantida pelo acesso às fontes. Esse acesso é um ponto essencial na pesquisa histórica e no caso deste trabalho, foi garantido pela existência do acervo de documentos mantidos no Centro de Memória da Escola de Enfermagem da UFMG e pela autorização para nosso acesso a essas fontes. Obtivemos acesso também aos arquivos da Escola de Enfermagem Anna Nery, da UFRJ, e fomos recebidos por um pesquisador na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, da UNIRIO, que nos apresentou documentos da Escola.

### 1.6 Referencial Metodológico

De acordo com Guedes e Campos (1999), em uma investigação histórica, como a que realizamos, o pesquisador coleta, cataloga e descreve os acontecimentos para depois interpretá-los. A base do trabalho foi a análise documental de fontes primárias<sup>17</sup>, sedimentada em fontes secundárias, que foram estudos especialmente sobre história da Psicologia e história da Enfermagem. Dessa forma, partindo de uma bibliografia especializada sobre o assunto, tivemos mais elementos para interrogarmos as fontes.

Entendemos que os Documentos Escolares possuem um contexto, pois são fontes que nos apresentam uma época e uma realidade específica. Eles foram, portanto, tratados em conjunto e em relação com esse contexto, que correspondem às influências da época em que foram produzidos, e à finalidade na sua confecção. Ma vale destacar que nem todas as informações são passíveis de registro e se tornam documentos. Algumas informações são selecionadas para comporem o conteúdo de um documento e essa seleção pode satisfazer a necessidades específicas. Por essa razão, tentamos considerar a intenção deduzida que estivesse por trás dos documentos que encontramos. As fontes foram, desse modo, tratadas como *monumentos* (Le Goff, 1994), ou seja,

---

<sup>17</sup> Fontes primárias são aquelas que possuem testemunhos diretos do período estudado, enquanto textos secundários são considerados os de testemunho indireto (Samara e Tupy, 2007).

foram analisadas também em função de quem as produziu e dos objetivos e possíveis intenções na sua produção.

Reflexões de pesquisadores da História das Disciplinas Escolares<sup>18</sup> nortearam o estudo, pois eles ampliam o olhar sobre a escola. Estudar currículo, planos de aula, livros, manuais escolares, etc, nos revela o interior da escola. Consideramos a Escola de Enfermagem Carlos Chagas como o espaço em que o ensino da disciplina Psicologia constituiu-se ao longo do tempo. Embora nosso interesse central não tenha sido o curso de Enfermagem propriamente dito, e sim, o ensino da Psicologia nesse curso, para investigar essa disciplina no referido curso, precisamos conhecer algumas particularidades da Enfermagem. A inserção e o desenvolvimento da disciplina Psicologia no curso indicam o perfil de enfermeira que se queria formar. O olhar amplo sobre o tema pesquisado faz com que esses e outros pontos sejam considerados.

Concordamos com Souza Júnior e Galvão (2005) que uma disciplina não está presente como reprodutora de um conhecimento externo à própria escola. A disciplina sofre adaptações que passam pelas escolhas das instituições de ensino, dos docentes e dos alunos envolvidos no processo. Seus determinantes não são unilaterais e ligados apenas à área específica do conhecimento. Sendo assim, procuramos considerar que a Enfermagem se apropriou do saber psicológico, inclusive ao fazer a seleção dos conteúdos que deveriam ser ensinados. Nessas escolhas existem pistas que apontam para as complexas relações entre escola e sociedade, ou seja, entre Psicologia e Enfermagem. As mudanças sofridas pela disciplina refletem o movimento de transformação do conhecimento científico vinculados aos processos internos da Escola de Enfermagem. Uma alteração do conteúdo ensinado pode estar relacionada a um

---

<sup>18</sup> Podem ser encontradas outras expressões para se remeterem à mesma área de pesquisa: História das Disciplinas Curriculares, História das Matérias Escolares, História dos Saberes Escolares ou ainda História dos Conteúdos Escolares. Para saber mais indicamos a leitura de: “A história das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisas”, André Chervel, revista *Teoria & Educação*, 1990.

movimento da ciência psicológica ou, ainda, a uma mudança de concepção da escola, por exemplo. Além disso, o curso de Enfermagem tinha características de curso superior, sendo um espaço não apenas de transmissão de conhecimento, mas de construção do saber.

Currículo<sup>19</sup> é um tema bastante estudado na Educação. Apresentar a discussão desenvolvida por estudiosos sobre esse assunto sairia da proposta deste estudo, entretanto, Souza Júnior e Galvão (2005) explicitam a interação entre currículo deliberado, interpretado e efetivado. A partir dessa diferenciação, esclarecemos que pelas fontes da nossa investigação nos foi permitido dizer sobre o currículo deliberado. Isso porque nosso material primordial foram os diários de classe, ou seja, o que a professora registrou sobre sua prática. Nosso foco, contudo, não foi no currículo do curso de Enfermagem diretamente, pois centralizamos a investigação na disciplina Psicologia ensinada no curso.

O estudo no interior das escolas faz parte de uma nova forma de se fazer pesquisa histórica. O nome usado com frequência para essas novas formas de investigação é *Nova História*<sup>20</sup>. A Nova História é marcada pela ampliação do conceito de documento histórico e dos temas de pesquisa, tendo um ocasionado o outro; e apresenta mudanças de objeto e de método de pesquisa. A Nova História é marcada ainda, segundo Samara e Tupy (2007), pela interdisciplinaridade. O subjetivo, o individual e o simbólico se tornaram dimensões de análise para o grupo de pesquisadores da História (Cardoso, 1997). Para a consistência da pesquisa realizada procuramos compreender melhor algumas concepções de investigação em História.

---

<sup>19</sup> Para o leitor interessado em aprofundar nessas questões sugerimos a leitura de Silva, Tomaz Tadeu. Documentos de Identidade – uma introdução às teorias do currículo. Editora Autêntica, 2002.

<sup>20</sup> Também chamada de História Nova, que se opõem à História Tradicional. Tal concepção está fortemente associada ao periódico *Annales d'histoire économique et sociale* (ou somente *Annales*) e aos nomes de Lucien Febvre e Marc Bloch. Para saber mais buscar: Le Goff, Jacques (2005). A História Nova. São Paulo: Martins Fontes. Título Original: La Nouvelle Histoire. (Original publicado em 1978).

A História Tradicional privilegiava como objeto de estudo a política, os pensadores, o Estado, a descrição de fatos notáveis e a ação dos “heróis” em um tempo histórico linear, ordenado de maneira cronológica e sucessiva (Souza Júnior e Galvão, 2005). A Nova História busca substituir a narrativa tradicional de acontecimentos factuais por uma história-problema. Bloch (2001, p.19) diz que “o fato histórico não é um fato ‘positivo’, mas o produto de uma construção ativa de sua parte para transformar a fonte em documento, em seguida, constituir esses documentos, esses fatos históricos, em problema.” Assim sendo, a veracidade do fenômeno histórico é questionada e fica mais correto dizermos “histórias”, no plural, ao invés de “história”, no singular. O que vamos construir neste trabalho, por exemplo, é uma história, ou melhor, uma forma de contar a história do ensino de Psicologia na Enfermagem.

Wertheimer (1977, p.3) problematiza que “a verdade histórica é mais enganosa do que a verdade científica.” A partir dessa ideia identificamos que os registros que tivemos acesso para nossa investigação não representam a totalidade do ensino de Psicologia, mas por meio deles podemos fazer inferências, construções e interpretações. Alcançamos um conhecimento indireto da realidade, por meio dos vestígios encontrados. Os diários de classe, por exemplo, não são as aulas dadas, mas a descrição de um programa, documento esse que precisava ser apresentado à secretaria da escola. Além do mais, a investigação já pressupõe que a busca tenha uma direção. Bloch (2001) nos revela que a história é busca e, portanto, escolha. A pesquisa foi direcionada pelas nossas escolhas ao longo do processo e dirigida por nossas interpretações.

Escolhemos o que incluir e o que excluir dentre as fontes que tivemos acesso, além de termos interpretado o que escolhemos. Com os mesmo materiais, as perguntas poderiam ser outras e certamente as respostas também o seriam. O pesquisador ocupa um lugar definido por suas escolhas, pois ele tem que interrogar os documentos e, para

isso, precisa definir uma direção. Segundo Bloch (2001, p.75) “o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa”. Documentos diferentes podem expressar uma perspectiva distinta de uma situação. Não existe uma história definitiva, correta e imutável (Wertheimer, 1977), pois pesquisas posteriores podem revelar uma falta de unanimidade e ajudam a desenvolver um assunto.

Freitas (1998) interroga se o senhor da narração não seria também o senhor do fato. Isso porque o pesquisador e a história se misturam e são inseparáveis. Consideramos importante estar ciente dessas questões para ampliarmos nossa consciência crítica. Não queremos, no entanto, tomar uma posição muito radical, que pode levar ao relativismo. Cardoso (1997) questiona o exagero no processo de construção de uma história, como se nada pudesse ser verdadeiro, criticando diretamente a Nova História por esse excesso.

Seguimos as recomendações de Samara e Tupy (2007), de observar em um texto escrito a forma, o conteúdo, os objetivos e o discurso. Outro cuidado que tivemos na análise das fontes foi o de evitar o anacronismo, ou seja, tomar o significado de uma palavra com base no seu sentido atual, que pode ser diferente do sentido pretendido pelo autor do documento pesquisado. No processo histórico de uma sociedade, palavras iguais podem ter sentidos diferentes em tempos distintos. Como bem descrevem Samara e Tupy (2007, p.123): “Ao historiador, cabe realizar uma análise das informações obtidas sem atribuir a elas valores próprios de uma época ou de uma sociedade distintas.” Não apenas os significados, atribuídos em uma época, podem ter sentidos diferentes em outro momento. Os valores diferentes também podem distorcer e influenciar nossa percepção e análise.

Segundo Cardoso (1997), a interpretação dos documentos é culturalmente contextualizada. A cultura está presente na forma do ser humano viver e também influencia nos seus meios de apreender a realidade que o cerca. A ciência está incluída nos determinismos culturais e, dessa forma, a Psicologia também pode ser vista como produto de um contexto sociocultural. Para Wertheimer (1977), estudar história da Psicologia pode ampliar a consciência das influências do contexto sociocultural nas teorias psicológicas. A cultura influencia as teorias da Psicologia, assim como influencia o restante das ciências. O oposto também ocorre. A ciência é uma expressão da cultura e as ciências humanas, de um modo especial, é resultado da reflexão do homem, tendo ele próprio como objeto da natureza. Guedes e Campos (1999) consideram a história da Psicologia como história da consciência do ser humano sobre si mesmo. Logo, essa temática da cultura em relação às ciências ocorre de uma forma especial com a Psicologia, que está ainda mais misturada com a cultura.

Psicólogos e enfermeiros têm feito pesquisas sobre a história de suas profissões. Pessotti (1988) afirma que esse interesse indica a maturidade da área e a capacidade de uma consciência crítica sobre si mesmo. A Psicologia, na visão dele, estaria mostrando-se adulta pela disposição em examinar-se. Sabemos, no entanto, que tais estudos são recentes se comparados com os trabalhos da história propriamente dita. A busca por outros tipos de fontes e as novas perspectivas desenvolvidas pela Nova História são possíveis, pois o campo já percorreu uma grande estrada. Para este trabalho tivemos que resgatar, em alguns momentos, a ação de pessoas de destaque no processo de desenvolvimento da Psicologia no Brasil. Acreditamos que a história da Psicologia precisa ainda conhecer seus “heróis” e seus processos políticos, para que depois dessa estruturação mais concreta possamos contextualizar nosso percurso considerando a história das ciências, da cultura do país e de um saber hegemônico legitimado pelo

discurso de ciência. Tentamos não centralizar a história em grandes personalidades, mas citaremos algumas figuras de destaque.

### **1.7 Procedimentos**

O “acesso” aos acontecimentos foi intermediado por documentos aqui chamados de fontes, sendo em sua maioria Documentos Escolares mantidos no Centro de Memória da Escola de Enfermagem de Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Visitamos ainda os arquivos da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto da Universidade do Rio de Janeiro (UNIRIO) e da Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Os documentos foram fotografados para o cuidado com sua conservação. Nos poucos casos em que havia cópias dos documentos fizemos xérox dessas cópias.

Dentre os registros do Centro de Memória da UFMG selecionamos: 1) documentos emitidos pela diretoria para instituições e para ex-alunas; 2) atestados em papel timbrado para professores de que lecionaram a disciplina Psicologia na Escola; 3) reportagens de jornal da época; 4) matrizes curriculares; 5) diplomas e históricos de alunas que estudaram no período investigado; 6) diários da disciplina Psicologia de 1949 até 1962. Procuramos informações que nos permitissem identificar o ensino de Psicologia no curso de Enfermagem.

## CAPÍTULO 2

### A ENFERMAGEM NO BRASIL

*Os pesquisadores não têm condições de controlar nem de reconstruir os eventos do passado para examiná-los à luz do conhecimento presente.*

Schultz e Schultz (2007, p. 6)

#### **2.1 Contexto político social do desenvolvimento da Enfermagem no Brasil**

No capítulo anterior, na sessão 1.2, sobre a história da profissão de Enfermagem, mencionamos o cuidado aos doentes por pessoas que passaram por uma formação estruturada, em contrapartida com a assistência prática por leigos que possuíam experiência prática. O processo de desenvolvimento da Enfermagem profissional foi semelhante no Brasil. Trabalhos sobre a história da Enfermagem enfocam especialmente o exercício do profissional com formação institucional. Geovanini (1995) cita como primeiras escolas de Enfermagem no Brasil a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras (fundada, nos moldes franceses, no Rio de Janeiro em 1890); a Escola de Enfermagem do Hospital Samaritano (criada em São Paulo em 1901, baseada no modelo nightingaliano); e a Escola da Cruz Vermelha (do Rio de Janeiro, criada em 1916). Isso não quer dizer que não existiram no Brasil cursos práticos para a atuação de enfermeiros, mas, talvez por falta de documentação sobre esses espaços, não são encontrados estudos sobre cursos desse tipo.

Moreira (2007) faz uma crítica sobre a tendência dos pesquisadores da História da Enfermagem brasileira em concentrar seus estudos nas escolas da Capital da República, ou seja, no Rio de Janeiro<sup>21</sup>. Serão abordados neste capítulo aspectos do

---

<sup>21</sup> A partir de 1960, com a construção de Brasília foi que a capital federal passou a ser essa cidade.

desenvolvimento da Enfermagem que contribuem para compreender a relação entre essa área e a Psicologia. Alguns cursos de formação de enfermeiros existentes no Brasil serão citados, especialmente aqueles aos quais tivemos acesso ao primeiro currículo adotado pela escola quando foi criada. Os acontecimentos estão concentrados no Rio de Janeiro, de onde veio boa parte das professoras que lecionaram no curso da Escola de Enfermagem Carlos Chagas que se iniciou em Belo Horizonte em 1933.

Aspectos do contexto brasileiro merecem ser citados, de modo a contribuir para a compreensão e interpretação do desenvolvimento profissional da Enfermagem. O século XIX foi um período em que se deram mudanças na estrutura político-administrativa do Brasil, concomitantes a modificações econômicas e sociais, a exemplo da urbanização e do aumento da população. Esses fatores geraram um conjunto de necessidades sociais, tornando necessária a formação de profissionais para atender a essas crescentes necessidades (Rocha, 2004). Segundo Fausto (2007), a população brasileira em 1819 era estimada em 4,6 milhões de pessoas, chegando a 9,9 milhões em 1872 e a 14,3 milhões em 1890. Percebe-se, portanto, um crescimento semelhante entre os dois intervalos (de 1819 a 1872; e de 1872 a 1890), o que demonstra que a população cresceu em 18 anos o que havia levado, no início do século, quase sessenta anos para aumentar.

Com a urbanização, somada à intensificação do comércio, a área da saúde sofreu maior intervenção do governo, pois de acordo com Moreira (1995), a saúde influenciava as relações comerciais estabelecidas. Isso porque, segundo essa autora, doenças infectocontagiosas trazidas pelos navios vindos da Europa e da África tomaram grandes proporções originando uma preocupação em países com os quais o Brasil mantinha relações comerciais. O governo, sob pressões externas e internas, criou serviços de controle e vigilância, especialmente nos portos, evitando prejudicar as relações

comerciais com outros países, os quais exigiam maior controle das doenças infectocontagiosas nos portos.

Além do controle nos portos, houve a atuação de membros da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, fundada em 1829. Esses membros estiveram à frente nos “[...] primeiros protestos contra o livre trânsito dos doidos pelas ruas do Rio de Janeiro” (Silveira, 2008, p. 111). Pressões especialmente dos médicos, contando com apoio da opinião pública, exigiam a construção de um hospício no Brasil. Pelo Decreto n. 82 de 18 de junho de 1841, Dom Pedro II criou o Hospício Dom Pedro II, que começou a funcionar em dezembro de 1852 no Rio de Janeiro, sob supervisão de religiosos (Moreira, 1995). Não é de se estranhar essa supervisão ao considerarmos que, no Brasil, uma das primeiras formas de assistência aos doentes foi por meio dos padres jesuítas<sup>22</sup>.

#### Figura 1

Foto do Hospital Dom Pedro II em 1865.<sup>23</sup>



---

22 A Igreja católica teve forte presença na colonização brasileira, tendo tido os jesuítas um papel importante nesse processo. Antunes (2007) e Massimi (2004) abordam as atividades jesuíticas no campo Educacional, Psicológico e da Saúde. Os religiosos supervisionavam voluntários e escravos, que os auxiliaram nas Santas Casas de Misericórdia, fundadas a partir de 1543 nas principais capitanias brasileiras. A Enfermagem, nesse período, segundo Moreira (1995), era mais instintiva do que técnica e não era remunerada.

<sup>23</sup> Foto extraído do site <http://fotolog.terra.com.br/luizd:588>. Acesso em 17 de julho de 2010.

O governo sofreu pressão de diferentes setores para intervir na saúde da população. Outro fator impulsionou uma atuação mais geral do governo sobre a saúde no Brasil: a aprovação da Lei do Ventre Livre<sup>24</sup> em 1871. O governo provincial<sup>25</sup> esforçou-se para atrair imigrantes para servirem como mão-de-obra, apresentando incentivos e subsídios (Fausto, 2007). No entanto, em 1885, de acordo com Fausto (2007), o governo italiano divulgou uma circular que promovia São Paulo como uma região inóspita e insalubre e desaconselhava a imigração para o Brasil. Consideramos que maiores mudanças faziam-se obrigatórias para que os europeus imigrassem para o Brasil. A necessidade de trabalhadores foi ainda mais urgente quando, em 1888, as pressões abolicionistas conseguiram a aprovação da Lei Áurea, acabando com a escravidão no Brasil (Basile, 1990). Uma das formas de atrair trabalhadores vindos da Europa seria melhorar as condições de vida da população, incluindo mudanças na assistência à saúde que, por sua vez, passavam pela necessidade de formação de profissionais para atuarem na área.

Com a Proclamação da República, em 1889, exemplos de intervenções direta na área da saúde foram as ações no saneamento da capital. Um dos pontos dessas ações foi o cuidado com os chamados “desequilibrados mentais”. Esse cuidado, na interpretação de Moreira (1995), era de ordem econômica, com intenção de melhorar a aparência especialmente do Rio de Janeiro: “(...) onde ocorriam os grandes negócios comerciais e financeiros, deveria estar ‘arrumado’, de acordo com os padrões desta burguesia” (Moreira, 1995, p. 49-50).

---

24 Lei que concedia a liberdade a todos os filhos de escravos nascidos a partir da sua data. Segundo essa lei, os filhos dos escravos ficavam com seus senhores até a maioridade (21 anos) ou poderiam ser entregues ao governo.

25 Governo provincial, ou seja, da província. As capitâneas brasileiras tornaram-se províncias em 28 de fevereiro de 1821. Após a proclamação da república, em 1889, as províncias imperiais tornaram-se estados. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Prov%C3%ADncias\\_no\\_Brasil](http://pt.wikipedia.org/wiki/Prov%C3%ADncias_no_Brasil) Acesso em 04 de março de 2010.

O Hospício Dom Pedro II, após a instauração da República, passou a chamar-se Hospital Nacional de Alienados e modificou também sua administração, anteriormente de responsabilidade da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, para as mãos do Estado (Antunes, 2007). Com a modificação administrativa, as irmãs de caridade foram liberadas do serviço de assistência nesse hospício. A ala masculina ficou sob a responsabilidade de alguns enfermeiros e guardas, enquanto enfermeiras vindas de Salpêtrière<sup>26</sup>, na França, assumiram a responsabilidade pela ala feminina de 1891 a 1894 (Porto & Amorim, 2007).

Esse momento é considerado por Moreira (1995) como o início da organização e profissionalização da Enfermagem no Brasil, uma vez que a assistência deixou de ser responsabilidade de leigos religiosos (substituídos por profissionais vindas da França). As enfermeiras francesas influenciaram a forma de lidar com os doentes mentais no Hospital Nacional de Alienados. Sobre esse fato, podem-se comentar dois aspectos relevantes. O primeiro deles diz respeito a um conflito existente entre Igreja e Estado. Fausto (2007) comenta sobre uma disputa de poder entre as duas instâncias desde o Segundo Reinado (1840-1889). Liberar as religiosas da assistência ao Hospital pode ser entendido como uma disputa semelhante, onde o Estado assume a função de cuidar dos doentes e destitui os religiosos desse lugar. Outro ponto é a influência do pensamento francês na área de saúde. Essa influência ocorre principalmente na assistência à saúde mental e não foi novidade no Brasil. Rocha (2004), em um estudo sobre a Faculdade de Medicina da Bahia durante o século XIX, pontua que era comum nesse local a ida de estudantes à França para aperfeiçoamento, além do predomínio de doutrinas francesas na própria Escola.

---

<sup>26</sup> Salpêtrière foi um dos hospícios mais famosos da França, atualmente se chama Pitie-Salpêtrière. Foi construído no reinado de Luís XII como depósito de munições e apenas no século XVII tornou-se um hospital que, durante bastante tempo, funcionava como um local de reclusão de vagabundos, prostitutas, mendigos e loucos. Nomes ilustres da psiquiatria estiveram envolvidos com Salpêtrière, como Philippe Pinel (1745-1826); Jean-Étienne Esquirol (1772-1840) e Jean-Martin Charcot (1825-1893).

## 2.2 Formação oficial de Enfermagem

A Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras do Rio de Janeiro é considerada por autores da História da Enfermagem (Santos 2006; Moreira 2007; Porto & Amorim, 2007; Freitas 2007) como a primeira escola de Enfermagem brasileira e tem relação direta com o Hospital Nacional de Alienados. Com base no Decreto Federal n.791 de 27 de dezembro de 1890<sup>27</sup>, que criou a Escola, ela serviria como preparação de mão-de-obra para trabalhar no Hospital Nacional de Alienados, nos hospitais civis e hospitais militares do Rio.

A reorganização do Hospital Nacional de Alienados e a criação da Escola de Enfermagem, conforme a análise de Moreira (1995), seguiram a mesma direção da Reforma da Educação de Benjamim Constant<sup>28</sup>. Com essa Reforma, buscava-se cientificidade na Educação. A formação de profissionais para atuação na saúde proporcionaria a retirada de religiosos nos cuidados com a saúde da população, garantindo cientificidade e laicidade. Oferecer assistência especializada aos doentes era, portanto, buscar a ciência para responder ao problema dos “desequilibrados mentais”, que não ficariam mais a cargo de missionários religiosos.

O currículo inicial da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras de acordo com o Decreto n. 791 possuía:

Noções Gerais de Ciências Físicas e Naturais, Noções de Anatomia e Fisiologia, Higiene e Patologia e Enfermagem Elementar, Administração, Organização Sanitária e Ética, Noções de Propedêutica

---

<sup>27</sup> Uma cópia do decreto foi obtida em visita a Escola de Enfermagem Alfredo Pinto durante a pesquisa de mestrado.

<sup>28</sup> Em 1890, ocorreu a Reforma Benjamin Constant tendo como princípios orientadores a liberdade e laicidade do ensino, como também a gratuidade da escola primária. Uma das intenções dessa Reforma era transformar o ensino em formador de alunos para os cursos superiores. Outra intenção era substituir a predominância literária pela científica. (Decreto n. 981 - de 8 de novembro de 1890).

Clínica e Farmacológica, Prática de Pequena Cirurgia, Ginecologia, Obstetrícia e Enfermagem Cirúrgica.

Não se verifica menção à disciplina Psicologia nesse momento. Contudo, na primeira década do século XX, em 1903, a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras e o Hospício Nacional de Alienados foram reorganizados pelo médico baiano Juliano Moreira<sup>29</sup>, que elaborou um currículo para a Escola para a sistematização do ensino (Moreira, 1995; Silveira, 2008). Não conseguimos acesso ao novo currículo, mas sabemos que Juliano Moreira fez viagens de estudo à Europa e teve forte influência da psiquiatria alemã e da Psicologia francesa. Segundo Antunes (2007), ele foi o responsável pela instalação, em 1907, de um laboratório de Psicologia no Hospital Nacional de Alienados, um dos primeiros laboratórios de Psicologia no Brasil<sup>30</sup>. A viagem de estudos de Juliano Moreira para a Europa e a criação do laboratório de Psicologia no Hospital Nacional de Alienados nos leva a inferir que alguma disciplina da Psicologia ou pelo menos com conteúdos relacionados à Psicologia tenha sido incluída por Moreira na Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras.

A formação em Enfermagem expandiu-se e de acordo com o Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil da Fundação Oswaldo Cruz (n.d)<sup>31</sup>, a portaria de 1º de setembro de 1921, expedida por Alfredo Pinto Vieira Melo, então Ministro da Justiça e Negócios Interiores, dividiu a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras da Assistência a Alienados em três seções: masculina, feminina e mista. Ainda na mesma portaria está registrado:

---

<sup>29</sup> Juliano Moreira (1873-1933) é tido como um dos pioneiros no trabalho da psiquiatria no Brasil. Ele fez viagens a Europa e teve forte influência especialmente de Émil Kraepelin.

<sup>30</sup> Os primeiros laboratórios de Psicologia no Brasil foram instalados na cidade do Rio de Janeiro e são o *Pedagogium*, fundado em 1906 e o Laboratório de Psicologia Experimental da Clínica Psiquiátrica do Hospital dos Alienados, fundado em 1907.

<sup>31</sup> Disponível em: <<http://www.coc.fiocruz.br/observatoriohistoria/verbetes/escproenf.pdf>>. Acesso em: 07 de junho de 2009.

[a] seção masculina não vingou; a feminina funcionou na Colônia do Engenho de Dentro, sendo patrocinada pelo ministro e recebendo por isso, informalmente, o nome de Escola de Enfermagem Alfredo Pinto; e a mista funcionou no então Hospital Nacional dos Alienados.

A Escola de Enfermeiras Alfredo Pinto foi, portanto, um desdobramento da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras da Assistência a Alienados.

Elencamos acontecimentos que parecem ter influenciado sobremaneira a criação da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto da Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro. O principal deles talvez tenha sido a gripe espanhola, uma pandemia conhecida por sua elevada morbidade e mortalidade que, em 1918, atingiu diferentes regiões do Brasil. Entre outubro e novembro do mesmo ano, morreram no Brasil aproximadamente 15 mil pessoas - mais de dois terços da população foi atingida pela gripe, inclusive o presidente do país, Rodrigues Alves, que faleceu em 1919 (Porto & Amorim, 2007). As críticas ao sistema de saúde, somadas às consequências que a epidemia gerou no setor econômico pelo grande número de mortos, estimularam uma atuação mais direta do governo na saúde. Porto & Amorim, (2007, p.29) afirmam: “Diante disso [gripe espanhola], o diretor da Colônia de Alienados do Engenho de Dentro, dr. Gustavo Riedel, deliberou pela reorganização da instituição.”

Afim de contribuir com os trabalhos da Colônia do Engenho de Dentro, foi criada a Escola de Enfermagem Alfredo Pinto. Antunes (2007) afirma que em seu currículo havia a disciplina Psicologia. Porto & Amorim (2007, p.96), com base nos Annaes da Colônia de Psychopatas do Engenho de Dentro, explicam que uma das intenções dessa seção feminina foi a valorização nacional para a prática da Enfermagem e descrevem o currículo do curso:

O curso tinha duração de vinte e quatro meses, composta de duas séries. A primeira comportava: noções gerais de anatomia; **noções gerais de Psicologia** e noções gerais de higiene (moral, individual e hospitalar). A segunda: noções práticas de propedêuticas; noções de pequenas cirurgias, curativos e aparelhos; tratamento especializado, balneoterapia e administração interna (escrituração do serviço sanitário e econômico das enfermeiras) (p. 96). [Grifo nosso].

De acordo com *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil da Fundação Oswaldo Cruz* (s/d), havia uma terceira série no curso da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, para formar visitadoras sociais<sup>32</sup>, função que se tornaria papel das enfermeiras de saúde pública. Nesse momento seriam ensinadas noções gerais de Psicologia, segundo o Dicionário. Porto & Amorim (2007) se basearam nos *Annaes da Colônia de Psychopatas do Engenho de Dentro*, enquanto o documento da Fundação Oswaldo Cruz (s/d) orientou-se pelo decreto nº 17.805 de 23 de maio de 1927, que diz:

A terceira série visava a formação das visitadoras sociais, compreendendo, além do programa citado, as seguintes matérias, **consideradas indispensáveis a sua educação médico-social**: higiene social; puericultura; organização da vida social: legislação social e leis de assistência; diagnóstico, profilaxia e terapêutica das doenças sociais; e **noções gerais de Psicologia**. [grifo nosso].

Independente da sutil divergência entre o *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil da Fundação Oswaldo Cruz* e os *Annaes da Colônia de Psychopatas do Engenho de Dentro*, a ideia central defendida em ambos é a mesma: a inclusão oficial da disciplina Psicologia no curso de Enfermagem Alfredo Pinto.

---

<sup>32</sup> As visitadoras sociais foram um ramo de atuação da Enfermagem que como sugere o nome trabalhavam com a população em suas casas no intuito de prevenir não apenas doenças infectocontagiosas da população, mas também doenças mentais.

Em 1923, foi instalado o Laboratório de Psicologia Experimental na Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro, sob responsabilidade de Waclaw Radecki<sup>33</sup>. A criação do Laboratório e a presença de uma disciplina da Psicologia reforçam a nossa hipótese de Juliano Moreira ter incluído uma disciplina da área da Psicologia na Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras da Assistência a Alienados em 1903, visto que a Escola de Enfermagem Alfredo Pinto foi um desmembramento da primeira e deve ter sido criada nos parâmetros dela. As duas escolas se fundiram em 22 de setembro de 1942, passando a funcionar em uma sede única, que recebeu o nome de Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, segundo o Decreto-lei nº 4.725 de 22 de setembro de 1942. Atualmente ela está vinculada a Universidade do Rio de Janeiro (UNIRIO), e manteve seu nome.

Tivemos também acesso ao currículo inicial da Escola de Enfermagem da Cruz Vermelha, vinculada à Sociedade da Cruz Vermelha, como seu nome sugere. Em 5 de dezembro de 1908, civis, militares, médicos, políticos e damas da sociedade se reuniram no Rio de Janeiro para discutir e aprovar o estatuto da Sociedade da Cruz Vermelha Brasileira, além da composição de sua primeira diretoria (Porto & Amorim, 2007). A Sociedade foi regulamentada na década seguinte, sendo reconhecida pelo Comitê Internacional da Cruz Vermelha. Em 1912, o Brasil participou da 9ª Conferência Internacional da Cruz Vermelha que aconteceu em Genebra (Paixão, 1969).

Para falar da criação da Escola de Enfermagem da Cruz Vermelha, reportemos à Primeira Guerra Mundial (1914 - 1919). Em 1917, ano em que o Brasil se envolveu na referida Guerra, a Cruz Vermelha Brasileira também passou a preparar voluntárias para o trabalho de Enfermagem no que diz respeito ao cuidado aos feridos, dando início à

---

<sup>33</sup> Waclaw Radecki (1887-1953) era polonês. Foi chefe do laboratório de Psicologia experimental da Universidade de Cracóvia e assistente de Claparède na Universidade de Genebra. A convite de Gustavo Riedel, auxiliou na organização e direção do laboratório de Psicologia Experimental da Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro. Em 1929, ele ministrou um curso de Psicologia na Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais.

Escola de Enfermagem da Cruz Vermelha Brasileira. Apesar de pequenas divergências entre os autores (Santos, 2006; Simões & col, 1986; Moreira, 1995; Paixão, 1969) quanto ao início exato do curso, as datas estão próximas, entre 1914 e 1918. A Escola de Enfermagem da Cruz Vermelha formou socorristas voluntárias inicialmente, tendo posteriormente sido criado o curso para profissionais da Enfermagem atuarem em situações de emergência, calamidade ou guerra.

Porto & Amorim (2007, p. 53), com base em fontes da Cruz Vermelha, descrevem as cadeiras do curso, que foram transcritas a seguir:

Anatomia e Fisiologia; Assistência aos enfermos de clinica médica e higiene, na primeira série. Assistência aos enfermos de clínica cirúrgica; Assistência às mulheres grávidas e aos recém nascidos, e Economia doméstica, na segunda série, além de exercícios práticos durante os dois anos (p. 53).

Como pode ser observado, não há menção à disciplina Psicologia. Podemos apenas suspeitar que na disciplina Higiene havia conteúdos de Psicologia. As palavras em cada momento histórico carregam muitas vezes um sentido próprio e precisam ser vistas sob a óptica daquele período. Fazemos isso com intuito de evitar o anacronismo. “Higiene” era um conceito que, no início do século XX, estava diretamente associado ao higienismo<sup>34</sup>. Esse movimento influenciou no tratamento de resíduos, na habitação, distribuição d’água, etc. Essas relações reafirmam nossa hipótese sobre a presença, mesmo que discreta, de conteúdos relacionados à Psicologia também na formação

---

<sup>34</sup> Em 1918 foi fundada a Liga Pró-Saneamento, cujo objetivo era fazer propaganda das idéias de saneamento, denunciando a grave situação de saúde especialmente das populações rurais (Reis, 2000). Muitos dos integrantes desse grupo posteriormente vieram a fazer parte da Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM), fundada em 1923, no Estado do Rio de Janeiro, pelo psiquiatra Gustavo Riedel e que funcionou como um espaço de debates e discussões em âmbito nacional. Não serão discutidas aqui questões sobre eugenia, que defende uma raça sadia e pura, embora esse movimento se relacione com o higienismo. Entre os anos de 1923 e 1929, foram realizados cinco Congressos Brasileiros de Higiene, no Distrito Federal, em Belo Horizonte, em São Paulo, em Recife e na cidade de Salvador. O segundo Congresso ocorreu em dezembro de 1924, em Belo Horizonte (Santos e Faria, 2006), tendo sido presidido por Carlos Chagas (Instituto Oswaldo Cruz, 1959).

oferecida pela Escola de Enfermagem da Cruz Vermelha por meio da disciplina Higiene.

De acordo com Santos e Faria (2006), os higienistas mantinham laços estreitos com lideranças e programas de saúde pública dos Estados Unidos, em particular com a *Rockefeller Foundation*<sup>35</sup>. Os padrões e métodos de trabalho dos estadunidenses começaram a influenciar e fomentar pesquisadores brasileiros. Contudo, para Santos e Faria (2006), essa influência não foi passiva. Os brasileiros, como foi mencionado anteriormente, haviam recebido uma herança científica vinda da Europa, especialmente da França e da Alemanha. As concepções europeias já estavam incorporadas nas práticas de saúde do Brasil quando chegaram os pesquisadores dos Estados Unidos. Por isso, o modelo estadunidense não foi simplesmente copiado, mas adaptado à realidade do país e às concepções prévias.

Os higienistas brasileiros foram responsáveis, em grande medida, pela criação, em 1920, do Departamento Nacional de Saúde Pública<sup>36</sup> (Reis, 2000). Carlos Chagas<sup>37</sup> foi nomeado o primeiro diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP) e, por meio de ações normativas, reorganizou os serviços de saúde. Durante a gestão de Carlos Chagas no DNSP, aprofundou-se a atuação conjunta nas campanhas de combate às doenças infecciosas e na organização do ensino médico. A pedido de Carlos Chagas, a *International Health Board*<sup>38</sup> (Junta Internacional de Saúde) enviou ao Brasil, em

---

<sup>35</sup> A Fundação Rockefeller foi criada em 1913, por iniciativa do milionário John D. Rockefeller, com o objetivo de implantar em vários países medidas sanitárias baseadas no modelo dos Estados Unidos. Para mais informações: [http://www.coc.fiocruz.br/areas/dad/guia\\_acervo/arq\\_pessoal/fundacao\\_rockefeller](http://www.coc.fiocruz.br/areas/dad/guia_acervo/arq_pessoal/fundacao_rockefeller) ou ainda: [http://www.rockfound.org/about\\_us/history/timeline.shtml](http://www.rockfound.org/about_us/history/timeline.shtml)

<sup>36</sup> O DNSP foi criado pela Lei 3.987, em substituição à antiga Diretoria Geral de Saúde Pública e fez parte das ações que possibilitaram a Reforma Sanitária da época, conhecida como Reforma Carlos Chagas.

<sup>37</sup> Carlos Chagas (1879-1934) ingressou, em 1907, no Instituto Oswaldo Cruz (IOC). Em 1917, após a morte de Oswaldo Cruz, assumiu a direção do IOC, onde trabalhou durante toda a vida. Conhecido por ter descoberto a doença de Chagas. Participou de entidades na Argentina, Peru, Bélgica, França, Alemanha dentre outros países; ganhou títulos e condecorações nacionais e internacionais (Instituto Oswaldo Cruz, 1959).

<sup>38</sup> Entidade que precedeu a Fundação Rockefeller, também criada por John D. Rockefeller, que apoiou o combate contra malária e a febre amarela.

1921, a enfermeira Ethel Parsons<sup>39</sup>, para organizar o serviço de saúde pública (Santos, 2006; Simões & col, 1986). Segundo Porto & Amorim (2007, p.117):

[...] uma missão de enfermeiras, denominada Missão de Cooperação Técnica para o Desenvolvimento da Enfermagem no Brasil, chefiada por Ethel Parsons e subvencionada pela Fundação Rockefeller, foi enviada ao Brasil, para dar sustentação à Reforma Carlos Chagas. (p.117).

Ethel Parsons considerou a Enfermagem brasileira como atrasada em um século, como na Inglaterra antes de Nightingale<sup>40</sup> (Dornelles 1995). Segundo Porto & Amorim (2007), Ethel Parsons criticou os trabalhos que vinham sendo realizados no Brasil, justificando que a enfermeira não deveria ser camareira ou distribuidora de esmola, mas reformadora social, e o que se estava fazendo no país, na visão dela, era a doação de objetos, roupas pessoais, roupas de cama e alimentos aos portadores de tuberculose. Conforme análise da enfermeira estadunidense faltavam técnicas para combater essa doença e uma solução para o problema foi o apoio da Fundação Rockefeller ao DNSP na organização do serviço de enfermeiras. A Fundação Rockefeller, de acordo com Dornelles (1995), patrocinou o processo de desvinculação da atenção médica pelas associações religiosas, uma vez que com a formação de pessoal para assistir aos doentes, os serviços voluntários tendiam a diminuir. Essa disputa de poder entre governo e Igreja é antiga e, pelo que percebemos, ainda não havia sido resolvida.

Dentre as intervenções de Parsons, estava um curso de treinamento rápido de visitadoras sociais, até que em fevereiro de 1923 a Escola de Enfermagem do DNSP

---

<sup>39</sup> Enfermeira estadunidense que veio comandando uma equipe de enfermeiras para analisar problemas de saúde no país e apresentar propostas para solucionar tais problemas.

<sup>40</sup> Já citada no capítulo 1, Florence Nightingale (1820-1910) é considerada a precursora da Enfermagem moderna. Em 1860 esteve à frente na fundação de uma escola de Enfermagem do Hospital de St. Thomas, em Londres, considerada a primeira escola de Enfermagem moderna do mundo. Seu modelo de formação foi difundido pelas alunas dessa Escola para o Ocidente. Ao leitor interessado em mais informações, sugere-se a leitura de: Lunardi 1998, Oguisso 2007, Lira & Bomfim, 1989, Geovanini, 1995.

começou a funcionar (Porto & Amorim 2007; Dornelles 1995; Santos 2006). A Escola era a adaptação estadunidense ao modelo nightingaliano e com o decreto n. 17.268 de 31 de março de 1926, citado por Porto & Amorim (2007), passou a chamar Escola de Enfermeiras Dona Anna Nery<sup>41</sup>. Atualmente, é chamada Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN) da Universidade Federal do Rio de Janeiro<sup>42</sup>. Nos arquivos<sup>43</sup> dessa Escola encontramos documentos com o título: *Rockefeller Foundation – Internacional Health Division – Medical Examination*, os quais contêm informações de saúde das alunas da Escola. Além disso, encontramos outros documentos sobre as alunas e sobre a Escola, como relatórios de avaliação, por exemplo, escritos em inglês e assinados por enfermeiras estadunidenses.

Pesquisadores em História da Enfermagem consideram a criação dessa Escola como o início da Enfermagem moderna no Brasil. Paixão (1969), sugere ser a EEAN a primeira escola de Enfermagem de “alto padrão” do país. Machado (1995, p. 191) afirma que a Escola foi “o mais importante fórum de decisões políticas e intelectuais da Enfermagem por cinco décadas” e que as formandas nesse local integraram o corpo docente da maioria das demais escolas de Enfermagem, além de terem sido importantes líderes da pesquisa e da assistência de Enfermagem no Brasil. Podemos assim, a partir dessas informações, ter uma dimensão sobre a influência que a EEAN teve na Enfermagem brasileira.

---

<sup>41</sup> No material estudado encontram-se grafias diferentes para o nome da Escola e optou-se por essa escrita. Ana Justina Ferreira Néri (1814 – 1880), homenageada com o nome da Escola, voluntariou-se para cuidar dos feridos da Guerra do Paraguai (1864-1870), recebendo do governo brasileiro condecoração por sua atuação.

<sup>42</sup> Segundo uma carta do reitor da Universidade do Brasil ao diretor da EEAN, em 5 de julho de 1937, a EEAN foi incorporada à Universidade do Brasil pela Lei 452 do mesmo ano. A Universidade do Brasil tornou-se Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFMRJ) em 1965, seguindo a padronização dos nomes das universidades federais de todo o País. No ano 2000, a reitoria da UFRJ entrou com um pedido na Justiça para a universidade chamar-se "Universidade do Brasil", argumentando que a mudança de nome ocorreu com um decreto emitido durante a Ditadura Militar. Esse pedido foi aceito e atualmente é possível usar os dois nomes para designar a universidade.

<sup>43</sup> Apesar de Samara e Tupy (2007) sinalizarem que nem todo registro escrito é um documento histórico, essa diferenciação não foi precisa no trabalho, especialmente por se tratar de uma pesquisa feita por psicólogos e não por historiadores. Não diferenciaremos, portanto, os termos “documento” e “fonte”.

Após a criação dessa Escola, houve uma separação entre as “verdadeiras” e as “supostas” enfermeiras. Em outras palavras, de um lado se viam as enfermeiras formadas pelo modelo estadunidense e de outro as de formação ditas leigas. Geovanini (1995) explica que, para muitas pessoas nesse período, ser enfermeira subentendia ser formada pela EEAN e as profissionais que se formaram na Escola eram conhecidas como diplomadas<sup>44</sup>. A Escola “atendeu diretamente ao projeto estabelecido pela esfera dominante” (Geovanini, 1995, p.24). As enfermeiras diplomadas foram subordinadas ao poder vigente na época, estando sob supervisão das enfermeiras estadunidenses e sendo representadas pela Associação Nacional das Enfermeiras Diplomadas Brasileiras (ABED). Em 1954, a ABED tornou-se a Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), atual entidade que representa a Enfermagem no Brasil, o que nos leva a crer que o grupo das diplomadas foi o grupo legitimado e que perpetuou.

A proximidade do governo brasileiro com a Enfermagem dos Estados Unidos<sup>45</sup> beneficiou as diplomadas nas disputas que se seguiram. No contrato da Fundação Rockefeller com o DNSP em 1926, exigia-se lei federal que normatizasse a profissão de enfermeira (Moreira, 1995). Esse feito foi obtido com o Decreto n. 20.109, de 15 de junho de 1931, que fixou que as demais escolas de Enfermagem deveriam seguir o padrão da EEAN. Essas escolas de Enfermagem teriam que passar pela equiparação, processo pelo qual as escolas tinham os cursos reconhecidos para formar enfermeiras, após inspeção.

A Lei n. 775, de 06 de agosto de 1949, no artigo 15º, mantém essa referência: “Os cursos de Enfermagem atualmente equiparados passam à categoria de cursos

---

<sup>44</sup> Segundo Dornelles (1995), as diplomadas tentavam se consolidar como mais científica, enquanto profissionais de outras escolas organizavam-se em entidades que defendessem seus interesses com representação sindical.

<sup>45</sup> Alunas de destaque ganhavam bolsas para complementar a formação nos Estados Unidos. Nos documentos que pesquisamos na EEAN encontramos uma carta da Escola de Enfermagem da Universidade de Cornell, de Nova York sobre o aproveitamento de uma aluna brasileira que por lá passou e alguns históricos acadêmicos em inglês (History Card).

reconhecidos”. Porto & Amorim (2007, p. 120) descrevem o programa da escola modelo, ou seja, da Escola de Enfermagem do DNSP, com duração de vinte e oito meses:

O programa comportava as seguintes disciplinas, no primeiro ano (12 meses): história e ética da Enfermagem; métodos e princípios elementares de Enfermagem; noções de física e química; anatomia e fisiologia; noções de microbiologia e profilaxia; medicamentos e soluções; nutrição e cozinha; higiene individual; conferências sobre aspectos sociais da higiene; o segundo ano (12 meses): Enfermagem de casos especiais; doenças médicas, cirúrgicas, transmissíveis e das crianças; noções da matéria médica; dietética; técnica dos serviços na sala de operação; problemas profissionais; Enfermagem de urgência; primeiros cuidados e higiene pública. Para os últimos quatro meses: princípios e processos de Enfermagem em saúde pública; responsabilidade e deveres da enfermeira de saúde pública; profilaxia das doenças transmissíveis, problemas sociais; estatística sanitária e lições especiais sobre tuberculose, malária, doenças venéreas, higiene da boca, higiene da maternidade, da infância e puericultura ministradas por médicos brasileiros e enfermeiras americanas (p. 120).

A disciplina Psicologia não se encontra mencionada nesse currículo da EEAN, o que impossibilita afirmações sobre conteúdos de Psicologia na Escola, apesar de disciplinas como Higiene Pública, da Maternidade e da Infância, por exemplo, provavelmente abordarem temas de domínio atual da Psicologia.

Apesar disso, em visita à EEAN, pudemos ter acesso a históricos<sup>46</sup> de alunas das primeiras turmas da escola. Esse material nos trouxe uma surpresa: em alguns deles consta a disciplina Psicologia dentre as disciplinas cursadas pelas alunas. Não conseguimos desvendar a razão de algumas alunas terem a disciplina em seus históricos e outras não. Chegamos a perguntarmo-nos se as alunas que haviam feito formação no Curso Normal seriam dispensadas de cursar as aulas de Psicologia, já que essa disciplina Psicologia esteve presente no Curso Normal na época. Entretanto, verificamos que havia dentre as alunas que fizeram o curso Normal antes da Enfermagem, algumas que cursaram Psicologia na Enfermagem e outras que não. Além dos históricos escolares, foram analisados outros documentos que tivessem informações sobre as disciplinas do curso. Em alguns deles<sup>47</sup> está mencionada a disciplina Psicologia Elementar (Elementary Psychology), fazendo parte do primeiro semestre do curso, chamado de preliminar. Observamos alguns históricos em inglês, nos quais constam a disciplina Psicologia. Além disso, uma aluna que fez um curso de pós-graduação nos Estados Unidos cursou a disciplina Psicologia, de acordo com seu histórico. Consideramos essa informação importante, pois a Psicologia fazer parte da formação de enfermeiros estadunidenses provavelmente influenciaria na inclusão de uma disciplina da Psicologia na EEAN, curso organizado por enfermeiras dos Estados Unidos.

O professor da disciplina Psicologia da Escola de Enfermagem do DNSP (posteriormente denominada EEAN) foi o Dr. J. P. Fontenelle. Ele lecionou no curso de Enfermagem também as disciplinas Higiene, Ciência Sanitária e Saúde Pública. Esse dado reforça nossa idéia sobre a relação próxima entre a ciência psicológica e o higienismo. De acordo com os documentos localizados nos arquivos da EEAN, a carga horária da disciplina Psicologia variou de seis a oito horas totais. O professor J. P.

---

<sup>46</sup> Encontramos dois tipos de histórico (cartão histórico e histórico da vida escolar).

<sup>47</sup> Dois documentos, sendo um deles escrito em inglês, com o título do documento: *Record of theoretical work*, com 11 colunas, sendo duas à direita e 9 na outra metade do documento.

Fontenelle era médico, lecionou também a disciplina Higiene da Escola Normal do Rio de Janeiro, esteve envolvido com a temática da educação infantil e participava da Liga Brasileira de Higiene Mental (Reis, 2000). Ele esteve presente no Segundo Congresso Brasileiro de Higiene Mental, em Belo Horizonte, em 1924, segundo Boarini (2006). Fontenelle é mais um exemplo de médico ligado ao higienismo e que participou também do desenvolvimento da Psicologia brasileira. Pela estreita relação do higienismo com o desenvolvimento da Psicologia no Brasil, iremos explorar mais detalhadamente esse tema na próxima sessão.

### **2.3 A Psicologia no desenvolvimento da Enfermagem brasileira**

Antunes (2007) afirma que os profissionais ligados à assistência aos doentes mentais estimularam a produção da Psicologia no Brasil. Os médicos ligados à Psiquiatria estiveram presentes na organização da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras e assumiram as disciplinas teóricas dessa Escola. Os alunos da Escola serviriam como mão-de-obra para o Hospital Nacional de Alienados, hospitais civis e militares do Rio de Janeiro. A Psicologia, reconhecida como ciência afim para a psiquiatria não poderia ser excluída da formação daqueles que atuariam com os doentes mentais do Hospital Nacional de Alienados. Por isso inferimos que na reorganização que Juliano Moreira fez na Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, em 1903, uma disciplina da Psicologia foi incluída no currículo.

A Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro é apontada como um importante espaço de desenvolvimento da Psicologia brasileira (Antunes, 2007; Pereira & Neto, 2003). Ela foi instalada na década de 1910, no estado do Rio de Janeiro, e o Laboratório de Psicologia Experimental criado em 1923, nesse espaço, teve como objetivos auxiliar as atividades médicas, atender necessidades práticas e sociais, além de consolidar-se

como um centro de pesquisas científicas e um centro de formação de psicólogos (Pereira & Neto, 2003).

A Escola de Enfermagem criada na Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro (EEAP) foi um desdobramento da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras e teve em seu primeiro currículo a disciplina Psicologia. Esse é outro motivo que nos indica a existência de uma disciplina da Psicologia em 1903, na Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, quando foi reorganizada por Juliano Moreira. O currículo da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto do Engenho de Dentro pode ter sido baseado no currículo da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, em vigor desde os primeiros anos no século XX, já com ensino de Psicologia. A visita aos arquivos da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto não possibilitou confirmar essa hipótese. O que descobrimos foi a existência de uma disciplina da Psicologia em 1927, quando foi criado um curso de visitadoras sociais. De qualquer forma, essa Escola não foi o foco central do presente trabalho e o desconhecimento desse dado não compromete a nossa pesquisa.

Podemos observar o papel dos médicos no desenvolvimento da Psicologia. Eles foram os responsáveis iniciais pela criação de vários cursos de Enfermagem e eram comumente os professores desses cursos. O conhecimento que muitos médicos tinham da Psicologia como sendo fundamentação teórica e de técnicas orientadoras da prática assistencial influenciou a relação que estava por ser construída entre a Enfermagem e a Psicologia. Essa relação foi inicialmente intermediada pelos médicos, que introduziram o ensino de Psicologia na formação de Enfermagem. Os médicos não foram apenas grandes divulgadores da ciência psicológica: muitos deles tornaram-se os primeiros psicólogos do Brasil. Esse papel foi desenvolvido também por educadores, filósofos, religiosos. “As personagens dessa história são principalmente médicos, educadores,

bacharéis em Direito e até engenheiros, sendo que muitos deles acabaram por dedicar-se exclusivamente à Psicologia e podem ser considerados como os primeiros psicólogos brasileiros.” (Antunes, 2007, p.38 - 39).

As concepções que incluíam conhecimentos da Psicologia imprimiram um modo de atuação profissional sustentado no higienismo. Os profissionais que difundiram essas concepções buscavam a prevenção de doenças e estimularam a formação de recursos humanos para possibilitar ações preventivas. Com base em Silveira (2008), o higienismo pode ser considerado um desdobramento da medicina social, com medidas para tentar minimizar as conseqüências da industrialização e urbanização sem planejamento, que geraram más condições sanitárias e elevada mortalidade. Médicos, engenheiros e educadores implementaram, em nome da ordem e do progresso, medidas saneadoras de males físicos e sociais (Santos, 2006). Esse grupo objetivava a construção de um projeto profilático para o Brasil com intervenções sociais, morais e comportamentais.

Pela complexidade das respostas que os higienistas procuravam dar aos problemas sociais, precisaram buscar contribuições em diferentes áreas do conhecimento para subsidiar sua prática. Dentre essas áreas de conhecimento estava a Psicologia, embasando projetos e ações preventivas. Os higienistas tiveram um papel importante no desenvolvimento e na divulgação da Psicologia brasileira, como por exemplo, com as Jornadas Brasileiras de Psicologia com frequência anual e organizada por esse grupo (Antunes, 2007).

Nesse sentido, a tendência da Psiquiatria brasileira, nessa época, passou a ser o trabalho de prevenção, com intervenção prévia ao sinal de qualquer desequilíbrio mental. Segundo Reis (2000), a psiquiatria trouxe a Higiene Mental como a boa nova da medicina mental preventiva, alargando seu campo de ação para instâncias do social,

como a família, o trabalho e a escola. Esses locais (família, trabalho e escola) passaram a ser considerados como propícios para a emergência da loucura e, por isso, deveriam ser também foco de intervenção preventiva<sup>48</sup>. Ocorreu a partir de então um processo de mobilização política, com o surgimento de instituições como laboratórios de Psicologia aplicada, ambulatórios de Psiquiatria e consultório de Psicanálise, para as medidas profiláticas. Foram aplicados testes psicológicos em escolas públicas, organizados eventos sobre alcoolismo, apresentados programas de seleção e orientação profissional, além de medidas de esterilização e de controle pré-nupcial (Reis, 2000).

Podemos relacionar ainda a Psicologia à medicina social. O decreto nº 17.805, de 23 de maio de 1927, que aprovou o regulamento para execução dos serviços da Assistência a Psychopaths do Rio de Janeiro, declara que, visando a formação das visitadoras sociais, na terceira série do curso de Enfermagem, haveria, dentre outras, uma disciplina denominada Noções Gerais de Psicologia. O decreto apresenta a informação que o conjunto de disciplinas ensinadas no terceiro eram “consideradas indispensáveis a sua educação médico-social”. A Psicologia contribuiria, portanto, com ações sociais de saúde pública. O próprio higienismo tinha relação com a medicina social, de acordo com Silveira (2008). Foi essa atuação mais abrangente que buscou contribuições da Psicologia.

Tivemos acesso à segunda edição de um livro de Psicologia de Plínio Olinto, publicada em 1936. O autor desse livro esteve, em 1930, no Primeiro Congresso Internacional de Higiene Mental<sup>49</sup> como representante oficial do Brasil. Isso demonstra que Plínio Olinto fazia parte do grupo de ponta que discutia higiene mental. Ele divulga

---

<sup>48</sup> Os higienistas viam no desenvolvimento da sociedade o aumento do risco para a doença mental. O personagem Jeca Tatu de Monteiro Lobato exemplifica as ideias desses médicos. Jeca Tatu era um personagem ignorante, supersticioso e julgava inútil erguer uma casa decente, plantar ou armazenar a própria colheita. Depois de tratado pelo médico, se tornou um trabalhador que dá duro na roça, saudável e feliz. Trabalhos dessa natureza passaram a ser muito valorizados, especialmente no Governo Vargas (1930 - 1945).

<sup>49</sup> O evento ocorreu nos Estados Unidos, em Washington.

em seu livro que a higiene mental estava na moda em todos os ramos das ciências médicas internacional e que estava sendo bem recebida no Brasil. Olinto situa, ainda, a Psicologia dentre as bases teóricas da higiene mental, confirmando a estreita relação entre esses dois ramos da ciência.

Além do que já foi exposto, percebemos claramente a presença da Educação nessa interface da Medicina com a Psicologia. A Educação, por sua vez, também se serviu da Psicologia para alcançar mais cientificidade, já que, como na Medicina, na Educação a Psicologia ofereceu embasamento técnico e científico. Observamos as mesmas pessoas atuantes nos dois cenários: medicina e educação, defendendo o discurso higienista. Um exemplo é o Dr. J. P. Fontenelle, que ensinou na Escola de Enfermagem do DNSP e também no Curso Normal. Os médicos viam na escola um local de intervenção para prevenir o adoecimento mental e, desse modo, difundiram suas ideias entre os educadores. Apesar de defenderem a intervenção em crianças pré-escolares, a entrada da criança na escola facilitava o acesso às práticas de intervenção.

De fato, desde sua fundação a liga [LBHM] tem por diretriz intervir no interior da instituição escolar, seja buscando aplicar testes psicológicos nas escolas públicas [...], seja procurando orientar a instrução técnica das professoras primárias através do ensino de Psicologia nas escolas normais [...] (Reis, 2000).

Na Era Vargas (1930 - 1945), de acordo com Santos e Faria (2006), as intervenções na área da saúde no Brasil foram diretamente moldadas pelo novo Ministério da Educação e Saúde Pública. Os dois ministérios foram criados juntos e esses temas tinham uma interface grande. Em 1953, eles foram desmembrados em Ministério da Saúde e Ministério da Educação e Cultura, respectivamente.

Sobre o contexto internacional, tivemos acesso a um documento produzido em 1937 pelo *Committee on Curriculum of the National League of Nursing Education*<sup>50</sup> (Comitê de Currículo da Liga Nacional de Educação em Enfermagem). Esse comitê manifestou-se contrário à primazia da técnica nos cursos de Enfermagem, sugerindo o ensino de ciências humanas e sociais (incluindo o da Psicologia), de forma a equilibrar estudos técnicos e ciências humanas (Manzoli, 1981). Essa comissão teve como objetivo, na construção do documento, servir de guia internacional para cursos de formação em Enfermagem.

A inclusão oficial da disciplina Psicologia no currículo dos cursos de Enfermagem, no Brasil, deu-se em 1949, quando o Conselho Federal de Educação estabeleceu o currículo mínimo para os cursos de Enfermagem. Talvez essa determinação tenha sido um reflexo tardio do documento produzido pelo *Committee on Curriculum of the National League of Nursing Education*. No artigo 5º do decreto nº 27.426 de 14 de novembro de 1949, está presente o ensino de Psicologia na primeira série do curso de Enfermagem. Nesse momento, 12 anos após a orientação internacional, a Enfermagem era uma formação de Nível Médio, com características de Curso Superior, tendo os cursos de Enfermagem a duração de 36 meses e os cursos de Auxiliar de Enfermagem 18 meses de duração (Lira & Bomfim 1989).

Com a transformação do curso de Enfermagem em nível superior, no início da década de 1960, a Psicologia consolidou sua importância para a formação do enfermeiro, segundo Farah & Sá (2008), pois o currículo mínimo de Enfermagem determinado pelo Parecer n. 271 do Conselho Federal de Educação, de 19 de outubro de 1962, estabeleceu a Psicologia Geral entre os fundamentos de Enfermagem. Segundo Manzoli (1981), na década de 1970, a Psicologia estava presente em cursos de Enfermagem na Europa, na China e no Japão.

---

<sup>50</sup> Disponível em: <<http://mcgovern.library.tmc.edu/special/nursing/early.htm>>. Acesso em: 17 jun. 2009.

Analisaremos, no próximo capítulo, conteúdos de Psicologia que eram ensinados na Escola de Enfermagem Carlos Chagas. O capítulo dois introduziu o assunto, oferecendo uma contextualização sobre a relação da Psicologia com a Enfermagem, além de ter fornecido um retrato do desenvolvimento da Enfermagem brasileira, por meio de alguns cursos de formação.

## CAPÍTULO 3

### A ESCOLA DE ENFERMAGEM CARLOS CHAGAS

*Um outro poderá ver as mesmas coisas  
de maneira muito diferente, ou pode escolher  
coisas muito diferentes para as quais olhar.*

Wertheimer (1977, p.6)

#### 3.1 A Criação da Escola

A Escola de Enfermagem Carlos Chagas (EECC) foi criada em Belo Horizonte por meio do Decreto Estadual nº 10.952, de 7 de julho de 1933<sup>51</sup>. Essa foi uma iniciativa de Ernani Agrícola, então diretor de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais. A EECC foi a primeira escola de Enfermagem do Brasil existente fora da cidade do Rio de Janeiro, nos moldes da Escola Padrão Oficial (EEAN)<sup>52</sup>. Santos (2006) confirma essa informação, dizendo que a EECC foi a primeira escola de Enfermagem de Minas Gerais, além de ter sido uma das primeiras escolas de Enfermagem do Brasil.

Entendendo que a história não é feita por um único personagem, para conhecermos parte do contexto, fazemos menção a Raul de Almeida Magalhães. Ele foi o predecessor de Ernani Agrícola na direção da Saúde Pública de Minas Gerais, nomeado pelo Presidente Antônio Carlos. Um serviço de Enfermagem de saúde pública havia sido organizado por Laís Netto Reys e Raul de Almeida Magalhães colocou visitadoras sociais (ver nota 32, p. 47) em atuação para intervir especialmente no

---

<sup>51</sup> Documentos primários do acervo do Centro de Memória fundamentaram essa afirmação: Documento do ano de 1938, de duas páginas com o título “Histórico”. Documento, de 29 de abril de 1933, da diretoria de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais, com papel timbrado, endereçado ao Sr. Diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais. Decreto Estadual nº 10.952 de 7 de julho de 1933. Documento datado de 1950, com o título “Dados históricos da Escola de Enfermagem ‘Carlos Chagas’ da Faculdade de Medicina da UMG”, com duas páginas.

<sup>52</sup> Informações extraídas de documento no Acervo da Escola de Enfermagem da UFMG, datado de 1950, com o título *Dados históricos da Escola de Enfermagem ‘Carlos Chagas’ da Faculdade de Medicina da UMG*, de 2 páginas.

controle de doenças infecto-parasitárias, desenvolvendo em 1927 um projeto denominado Grande Reforma (Santos, 2006). Houve, portanto, um movimento pensado pelos governantes, que foi anterior à criação da EECC e propunha modificações em serviços de saúde. No mesmo ano desse projeto de Grande Reforma, a Escola de Enfermagem Alfredo Pinto começou seu curso de visitadoras sociais. Percebemos esse movimento de ações de saúde e expansão na Enfermagem acontecendo em diferentes regiões do Brasil.

O serviço de Enfermagem de saúde pública ficou sob a superintendência da EECC e demonstrou que propostas de intervenção à saúde da população culminaram com a criação de um curso para formação de enfermeiras. Raul de Almeida Magalhães fez parte do grupo da LBHM e ocupou cargos públicos. Demais profissionais ligados ao higienismo também ocuparam cargos políticos importantes, o que possibilitou o desenvolvimento da saúde pública, que precisaria de profissionais para atuar nas ações de saúde coletiva. Como foi discutido no capítulo anterior, com seu projeto profilático para o Brasil os higienistas estimularam o desenvolvimento de algumas profissões no país para auxiliá-los nos trabalhos propostos.

A finalidade da EECC era formar profissionais para trabalharem em hospitais, clínicas, ambulatórios, casas particulares e funções de saúde pública. Como justificativa para a criação da Escola, argumentou-se sobre a grande responsabilidade daqueles que lidam com doentes e que necessitam de uma formação teórica e prática para fazê-lo<sup>53</sup>. Por meio de uma comparação do Brasil com países da Europa e dos Estados Unidos tentou-se demonstrar que, se as pessoas são preparadas para a função de enfermeiras, a mortalidade é consideravelmente menor, pois vidas dependem dessa profissão.

---

<sup>53</sup> Dados baseados no documento datado de 1933, cujos títulos são: *Da criação da Escola de Enfermagem anexa à Diretoria de Saúde Pública de Minas Gerais e Exposições de motivos do projeto da Escola de enfermeiras do Estado de Minas Gerais apresentado aos Exmos. Srs. Diretores da Saúde Pública e Faculdade de Medicina* - contém 4 páginas. A esse documento foram acrescentadas 2 páginas, 6 meses depois, como prestação de contas e pedido de verba para a EECC.

Outras iniciativas de se criar uma formação em Enfermagem no Estado de Minas Gerais foram investigadas por Santos (2006). A autora cita essa possibilidade na inauguração da Maternidade Hilda Brandão, em 1916, quando Olímpio da Fonseca, então Secretário Geral da Academia Nacional de Medicina, mencionou em discurso, a criação de uma escola de enfermeiras. Santos (2006) encontrou também em artigo do jornal *Minas Geraes*<sup>54</sup>, de 1917, uma notícia sobre uma escola de Enfermagem. Contudo, a autora não localizou registros sobre o funcionamento de nenhuma dessas escolas.

Em outubro de 1930, a estadunidense Bertha Pullen, então diretora da Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN), ministrou cursos básicos de Enfermagem em Belo Horizonte por intermédio de Ernani Agrícola. Em janeiro de 1933, Laís Moura Netto Reys<sup>55</sup> foi colocada à disposição da Secretaria de Educação e Saúde do Estado de Minas Gerais para organizar e dirigir, como superintendente, o Serviço de Enfermeiras da Diretoria de Saúde Pública. Nascimento, Santos e Caldeira (1999) questionam se o contato de Bertha Pullen com Ernani Agrícola influenciou a criação da EECC. Mesmo sem poder comprovar essa hipótese, seguimos a mesma direção, entendendo que o caminho estava sendo preparado e a criação da EECC foi facilitada por um conjunto de circunstâncias favoráveis.

Uma vez que Laís Reys estava em Belo Horizonte, organizou e dirigiu a EECC. Ela fez o curso Normal em Niterói, formou-se em 1925 na primeira turma da EEAN e, por seu destaque como aluna, ganhou um curso de aperfeiçoamento nos Estados Unidos. Quando retornou ao Brasil, em 1927, foi trabalhar no aparelhamento de defesa

---

<sup>54</sup> Mantivemos a grafia original desse e dos demais documentos.

<sup>55</sup> Informações com base em documentos primários sem data. Um deles assinado por uma repórter - Sarah Marcus - com papel da Universidade Federal do Rio de Janeiro, impresso, mas endereçado a mão ao Professor José da Paz. O documento, de 3 páginas, conta sobre Laís Netto Reys enquanto ela ainda era diretora da EEAN. Outro documento de 3 páginas com o título: *Perfil de uma Pioneira – Laís Netto dos Reys*; e outro semelhante de 4 páginas.

sanitária, que estava sendo organizado por Carlos Chagas, então diretor de Saúde Pública. Laís ocupou, no Brasil, o cargo de enfermeira-chefe do primeiro Centro de Saúde do Rio de Janeiro e participou da organização de aulas de saúde pública, além de ter trabalhado no Engenho de Dentro<sup>56</sup>. Em 1928, foi à Europa, onde conheceu o serviço de Enfermagem de vários países e fez cursos de Pedagogia e Psicologia na Universidade de Paris - Sorbonne - e na Universidade Católica de Paris. Quando voltou da Europa, organizou serviços e cursos de Enfermagem no Rio de Janeiro, em São Paulo e em 1933, instalou-se em Belo Horizonte, onde permaneceu até 1938. Para a organização da EECC Laís se baseou na EEAN e em escolas europeias.

Ao ser criada, a EECC funcionou na Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais<sup>57</sup> (UMG) e, como previsto no contrato entre a Diretoria de Saúde Pública e a Faculdade de Medicina, professores da Faculdade de Medicina lecionaram na formação de enfermeiros, a exemplo de Ernani Agrícola. Os estágios práticos foram realizados, de acordo com Rosa (1999), inicialmente no Hospital São Vicente de Paulo<sup>58</sup> e na própria Diretoria de Saúde Pública. A EECC foi subordinada a diferentes entidades do governo<sup>59</sup> e, em 1950, foi anexada à Faculdade de Medicina da UMG, quando ambas foram federalizadas. Em 12 de fevereiro de 1968, tornou-se autônoma,

---

<sup>56</sup> A Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro, citada no capítulo dois, foi o local de funcionamento da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto.

<sup>57</sup> A Universidade de Minas Gerais foi fundada em 1927 como instituição privada, subsidiada pelo Estado e originada da união das escolas de nível superior existentes em Belo Horizonte nessa data. A Universidade permaneceu na esfera estadual até 1949, quando foi federalizada. Apenas em 1965 que a Universidade de Minas Gerais passou a ser chamada de Universidade Federal de Minas Gerais. Informação disponível em: [http://www.ufmg.br/conheca/hi\\_index.shtml](http://www.ufmg.br/conheca/hi_index.shtml) Acesso em 24 de junho de 2010.

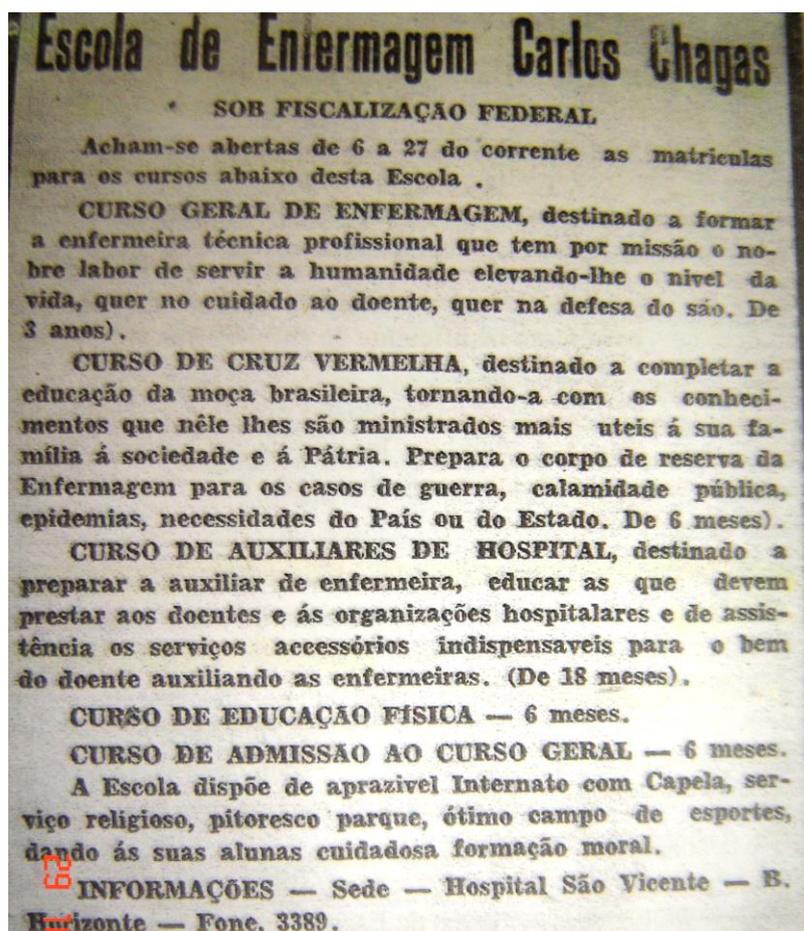
<sup>58</sup> Atual Hospital das Clínicas (HC) da UFMG, funcionando como hospital universitário, público e geral. Em 1920, o Instituto de Assistência e Proteção à Infância de Belo Horizonte, da Sociedade São Vicente de Paulo, recebeu da Faculdade de Medicina uma verba para a construção do Hospital São Vicente de Paulo, que foi inaugurado na década de 1920. Atualmente o HC é formado por um edifício central, o Hospital São Vicente de Paulo e 07 prédios anexos para atendimento ambulatorial. Em 1955, esse complexo hospitalar passou a chamar-se Hospital das Clínicas.

<sup>59</sup> “De sua criação até 1948, a ECC, subordinava-se, administrativamente e financeiramente, à Secretaria de Educação e Saúde Pública do Estado de Minas Gerais: de 7 de julho de 1933 a 2 de junho de 1946, à Diretoria de Saúde Pública e de 3 de junho de 1946 a 3 de abril de 1948 ao Departamento Estadual de Saúde. De abril de 1948 a dezembro de 1950, esteve vinculada à Escola de Saúde Pública da Secretaria de Saúde e Assistência do Estado de Minas Gerais.” (Santos, 2006, p. 43).

sendo integrada à Universidade Federal de Minas Gerais, onde continua vinculada com o nome de Escola de Enfermagem.

Figura 2

Divulgação dos cursos da Escola de Enfermagem Carlos Chagas na mídia escrita da época.<sup>60</sup>



Como se verifica na Figura 2, além do curso de formação de enfermeiras, a EECC criou um curso anexo à Cruz Vermelha, com duração inicial de 9 meses, destinado a dar “às moças e senhoras da sociedade mineira” os conhecimentos de Enfermagem doméstica, de puericultura, de higiene, de socorros de urgência, “completando a educação da moça brasileira (...) formando-a para sua elevada missão

<sup>60</sup> Documento obtido no Centro de Memória da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais.

no lar, sociedade e na Pátria”<sup>61</sup>. Inferimos, a partir dessas informações, que o curso da Cruz Vermelha não teve como objetivo apenas formar profissionais de Enfermagem, mas complementava a formação da dona de casa, que atuaria na sociedade em casos de catástrofe. Nascimento, Santos e Caldeira (1999) contam que esse curso aconteceu por cinco anos, desde que foi criado em 1933 e seu fechamento está relacionado com a volta de Laís ao Rio de Janeiro. Por outro lado, o curso de Auxiliar de Enfermagem foi extinto após dois anos de experiência, devido à dificuldade de distinção entre as auxiliares e as diplomadas por parte dos médicos e das próprias auxiliares.

Em 1937 Laís Netto Reys, então diretora da EECC, solicitou a equiparação<sup>62</sup> do curso de Enfermagem. O Governo Federal, por intermédio do Ministério da Educação, designou uma enfermeira para fazer inspeção na Escola, que aconteceu no ano seguinte. A equiparação não foi concedida em 1938, mas sim em 1942, pelo Decreto nº 9.102, de 24 de março<sup>63</sup>. Uma das fontes de pesquisa contém informações sobre a Escola com seus problemas e méritos, em que destacamos: “(...) o programa desse curso geral preenche as necessidades atuais da educação de uma enfermeira, tendo sido orientado pelo que há de mais moderno na profissão”<sup>64</sup>.

Analisaremos a seguir a disciplina Psicologia da Escola de Enfermagem Carlos Chagas, realizando uma divisão cronológica de 1933 até 1948 e, por fim, trataremos dos conteúdos ensinados na disciplina de 1949 até 1962.

---

<sup>61</sup> Documento primário: cópia textual do processo 7698-37, do Ministério de Educação e Saúde, de 1937; escrito pela diretora da Escola, Laís Moura Netto Reys.

<sup>62</sup> Documento primário, de 3 páginas em papel timbrado: Ministério da Educação e Saúde, Universidade do Brasil, Escola de Enfermeiras Anna Nery, Rio, 29 de Outubro de 1940, assinado por Aurora de Afonso Costa e Hilda Anna Krisch. Informações contidas também em documento citado na nota anterior.

<sup>63</sup> Documento de 18 de março de 1942, assinado por Laís Netto Reys – presidente do Conselho de Enfermagem, para Waleska Paixão, diretora da EECC. Foram encontradas algumas declarações de diplomas emitidos pela Escola que explicitam sobre a equiparação, por ter sido uma conquista importante.

<sup>64</sup> Documento primário, de 3 páginas em papel timbrado: Ministério da Educação e Saúde, Universidade do Brasil, Escola de Enfermeiras Anna Nery, Rio de Janeiro, 29 de Outubro de 1940, assinado por Aurora de Afonso Costa e Hilda Anna Krisch.

### 3.2 Inserção e trajetória da disciplina Psicologia entre 1933 e 1948

As informações sobre o ensino de Psicologia até 1949 foram por nós recolhidas de fontes diversas encontradas no Centro de Memória da Escola de Enfermagem da UFMG. Os dados foram reunidos e analisados como peças de um quebra-cabeça, na tentativa de construirmos uma visão geral da disciplina e seus professores. A primeira diretora da Escola, Laís Netto Reys, trouxe consigo do Rio de Janeiro para lhe auxiliar, no curso que começava, Waleska Paixão<sup>65</sup> que, de acordo com Nascimento, Santos e Caldeira (1999), passou a lecionar no curso de Enfermagem a disciplina Drogas e Soluções e a disciplina Psicologia. Waleska Paixão foi convidada para dar aulas no curso por sua experiência na área de Educação, mas como não havia se formado em Enfermagem, ingressou na Escola nas condições de aluna e professora da EECC. Waleska Paixão assumiu, em 1938, a direção da EECC, onde permaneceu até 1948, quando retornou ao Rio de Janeiro. Foi indicada para o título de cidadã carioca, e, em 1983, recebeu o título de Doctor Honoris Causa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Pela fragmentação dos documentos de 1933 até 1949, foi difícil estabelecer com exatidão o currículo adotado pela EECC, mas, de acordo com pesquisas anteriores de Santos (2006) e Nascimento, Santos e Caldeira (1999), a disciplina Psicologia era ofertada no primeiro ano do curso. A duração total do curso era de três anos. Na criação da EECC, seus idealizadores basearam-se na EEAN, Escola Padrão, pois intencionavam obter a equiparação. Apesar de a disciplina Psicologia não constar no currículo da EEAN, apresentado por Porto & Amorim (2007), os históricos da Escola que tivemos acesso indicam o contrário. A presença da disciplina na EECC, somada às informações encontradas nos históricos das alunas, reforçam que houve ensino de Psicologia nas

---

<sup>65</sup>Documentos primários sobre Waleska Paixão: Assembléia Legislativa do Estado da Guanabara, indicação nº1.727 de 1960. Departamento de Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, Brasil. Curriculum Vitae de Waleska Paixão, com cinco páginas.

primeiras turmas da Escola. Não parece ser por acaso que, no currículo da EECC, a Psicologia era ensinada no primeiro ano do curso. As alunas da EEAN que cursaram essa disciplina Psicologia também o fizeram no primeiro ano de curso. Desse modo, nossa hipótese é que EECC tenha se baseado no currículo da EEAN para construção de seu curso.

Outros fatores podem ter influenciado essa organização curricular da EECC, que incluiu a disciplina Psicologia em 1933, na sua matriz curricular. As primeiras décadas do século XX foram marcadas pela preocupação do governo brasileiro com a qualidade do ensino e, conseqüentemente, com a tendência de formar homens para o progresso social (Boschi, 2000). A proposta de 1928 de Francisco Campos, que foi Secretário do Interior de Minas Gerais e, posteriormente, Ministro da Educação, para a reforma do ensino, seguia essa tendência, uma vez que visava à melhoria efetiva da qualidade da educação, com o aprimoramento do professorado. Foi proposta uma nova concepção de educação e de formação, com base nas ciências (Lemos, 2008). Nesse momento, a Psicologia integrou-se a alguns cursos para formar um novo perfil de profissionais. “Tratava-se de colocar à disposição das instituições educativas (...) os novos conhecimentos produzidos nos laboratórios e hospitais psiquiátricos” (Campos, 2003, p.129).

No contexto nacional, de acordo com Antunes (2004), a Psicologia consolidou-se no país a partir de uma intensa produção em diferentes campos de atuação sobretudo na década de 1930. A Escola Nova, movimento que trouxe com grande força a Psicologia para o campo da Educação, estava diretamente vinculada à Reforma Francisco Campos.

A Escola de Aperfeiçoamento dos Professores em Belo Horizonte, organizada por Francisco Campos em 1929 com o intuito de

proporcionar às professoras melhor qualificação ao exercício do magistério, permitiu a estas uma maior aproximação com o que havia de mais moderno no campo da educação e confirmou essa concepção de Escola Nova (Orlando & Nasicmento, 2007).

As autoridades eclesiásticas estimularam a criação de um modelo de formação eficiente à educação das crianças como servidoras de Deus e da Pátria, favorecendo o projeto de recristianização da nação através da formação moral do indivíduo (Orlando & Nasicmento, 2007). Nesse sentido, as mudanças que contribuíram com o desenvolvimento e divulgação da Psicologia na Educação tiveram apoio religioso.

Não só o momento da Psicologia no Brasil influenciou sua inserção na EECC, como também outras particularidades de Minas Gerais. Helena Antipoff, psicóloga e educadora da Europa, estabeleceu-se em Belo Horizonte, em 1929, a convite do Governo do Estado para trabalhar na recém-instalada Escola de Aperfeiçoamento, onde iniciou suas atividades como professora de Psicologia. Ela foi pioneira no estabelecimento da área da Psicologia da Educação em Minas e no Brasil. Em 1932, Antipoff criou a Sociedade Pestalozzi de Belo Horizonte e a Fundação da Fazenda do Rosário, com o objetivo de fazer com que essa Sociedade pudesse atuar no cuidado a crianças tanto com necessidades especiais quanto aquelas excluídas da sociedade por situações de miséria e abandono. “Essas instituições foram vitais para a Psicologia naquele momento, e cumpriram sua missão em fomentar pesquisa, formar pesquisadores e oferecer serviços de Psicologia” (Vieira, 2008, p. 42). Minas Gerais possui essa particularidade na área da Psicologia, que pode ter influenciado no ensino da disciplina Psicologia também em outros espaços.

Podemos considerar um conjunto aparentemente propício ao desenvolvimento da Psicologia em Belo Horizonte: a Reforma Francisco Campos, a presença de Laís

Netto dos Reys com conhecimentos prévios na área, o próprio desenvolvimento da Psicologia da Educação por meio de Helena Antipoff em Minas Gerais e a difusão da Escola Nova no Brasil, além do período (década de 1930) considerado por Antunes (2004) como aquele em que se dá efetivamente a consolidação da Psicologia no país. Temos ainda como fator que contribuiu para o desenvolvimento da Psicologia no curso de Enfermagem a inserção dessa disciplina no curso de Enfermagem da EEAN, que serviu de referência para os demais cursos de Enfermagem no país. Esses fatores configuram o contexto em o curso da EECC foi criado, já com uma disciplina Psicologia na sua matriz curricular.

Diante disso, retomemos a continuidade da disciplina e o que podemos afirmar sobre o ensino de Psicologia na EECC. Nos arquivos do Centro de Memória da Escola de Enfermagem da UFMG existem modelos de currículos, contudo, nesse material não encontramos informações diversificadas sobre o ensino de Psicologia e alguns desses dados são, inclusive, divergentes. Nos modelos de Histórico Escolar de 1935 existem listas da relação das disciplinas com seus respectivos professores e, da disciplina Psicologia, constam como professores, em documentos diferentes, Waleska Paixão e Monsenhor Perna. Nos modelos de 1936 e de 1937, são referidos como professores da disciplina Waleska Paixão e Padre Álvaro Negromonte, ao passo que em 1938 apenas Waleska Paixão é citada. Em outro conjunto de documentos sobre Boletim Escolar, de 1933 a 1944, encontramos citados como professores de Psicologia: P. A. Guerrazzi, Dr. Aureliano Bastos e Monsenhor Perna.

Existem ainda, no acervo do Centro de Memória, dois quadros de docentes da EECC da década de 1930<sup>66</sup>, onde encontramos Padre Álvaro Negromonte e Waleska

---

<sup>66</sup> Documento primário em papel timbrado da Diretoria de Saúde Pública do Estado de Minas Geraes, com duas páginas, datilografado e outro documento semelhante assinado por Laís Netto dos Reys, como diretora da Escola. Encontramos outros documentos sem data, mas, referente à época em que a Escola ainda estava vinculada à Diretoria de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais.

Paixão como referência para a disciplina Psicologia que ocupava uma carga horária de 20 horas. Encontramos referência sobre o docente de Psicologia em 1934, sendo esse Dr. Aureliano Tavares Bastos; Waleska Paixão em 1936; Aspásia Vieira Ayer em 1947; e Arlete A. Silva em 1948. Outro documento<sup>67</sup> atesta que Aspásia Vieira Ayer lecionou a cadeira de Psicologia em 1947, ministrando duas aulas semanais, que deve ter sido a frequência de aulas da disciplina por semana. Em um documento digitalizado<sup>68</sup>, consta o nome de alguns professores que lecionaram Psicologia, com datas precisas de sua permanência na Escola. São eles: Dr. Aureliano Tavares Bastos (de 05/1934 a 04/1938), Waleska Paixão (de 20/03/1936 até 09/1936), Sebastião de Souza Mesquita (de 09/1946 até 07/ 1949), Aspásia Vieira Ayer (de 09/1947 até 11/1947) e Arlete A. Silva (de 09/1948 até 11/1948).

Para melhor visualização do nome dos oito professores e sobre o momento em que eles lecionaram na EECC, vamos sintetizar os dados anteriores (Tabela 1). Temos: Padre Armando Guerrazzi (entre 1933 e 1944); Dr. Aureliano Bastos (1934 até 1938); Monsenhor Perna (1935); Waleska Paixão (1935 até 1938); Padre Álvaro Negromonte (1936 e 1937); Sebastião de Souza Mesquita (1946 até 1949); Aspásia Vieira Ayer (1947); Arlete A. Silva (1948). As informações permitem-nos ter uma idéia geral sobre o corpo docente responsável por lecionar Psicologia, mas não devem ser vistas como afirmações categóricas, especialmente no que concerne às datas em que eles ministraram aulas, já que algumas datas se sobrepõem. Como os professores não lecionaram apenas a disciplina Psicologia, imaginamos que eles alternaram as matérias ensinadas durante o período que estiveram na Escola.

---

<sup>67</sup> Documento arquivado como cópia de um Certificado, com a data de 21 de janeiro 1964, com espaço para assinatura da diretora Irmã Emília Clarízia.

<sup>68</sup> São dezessete quadros com quatro colunas cada um, constando nome dos professores, disciplina, quando começou a ensinar na disciplina e até que ano permaneceu como docente da matéria.

Tabela 1

Relação de professores e datas em que os mesmos lecionaram na EECC

<b>Professor</b>	<b>Ano/período</b>
Padre Armando Guerrazzi	Entre 1933 e 1944
Dr. Aureliano Bastos	1934 – 1938
Monsenhor Perna	1935
Waleska Paixão	1935 – 1938
Padre Álvaro Negromonte	1936 e 1937
Sebastião de Souza Mesquita	1946 – 1949
Aspásia Vieira Ayer	1947
Arlete A. Silva	1948

Os professores citados na Tabela 1 foram referenciados também para outras disciplinas, a saber: Waleska Paixão<sup>69</sup> lecionou Português, Francês, Aritmética, Psicologia, Cultura Religiosa, Nutrição, Cálculo e Soluções, Pesquisas Clínicas, Histologia, Higiene Individual, Higiene Geral, Ética e História da Enfermagem. Padre Álvaro Negromonte foi responsável pelas disciplinas: Filosofia da Religião, Religião e Bases Família. Dr. Aureliano Bastos foi também professor de Higiene Mental. Esses dados são similares aos resultados de pesquisa encontrados nos estudos de história da Psicologia, demonstrando o papel de médicos e de religiosos no desenvolvimento da Psicologia no Brasil (Antunes, 2007; Massimi, 2005). Dentre os professores de Psicologia da EECC, três eram religiosos: Monsenhor Perna, Padre Álvaro Negromonte e Padre Armando Guerrazzi.

<sup>69</sup> Além dos documentos citados encontramos ainda um atestado de 1964, da diretora Irmã Emília Clarízia, sobre as disciplinas que Waleska lecionou na EECC.

A relação entre a Psicologia e a Higiene Mental, já indicada, pode ser percebida na atuação de Waleska Paixão e Aureliano Tavares Bastos, que ensinaram não só Psicologia, como também Higiene Mental, Individual e Geral. A proximidade de conteúdo entre essas disciplinas é uma interpretação possível, apesar de Waleska Paixão ter ensinado temas muito diversos. Assunção (2002) e Lourenço (2007) nos propiciam mais argumentos para essa interpretação, quando citam a inclusão da Psicologia no currículo do Curso Normal por meio do Decreto n. 6.831, de 20 de março de 1925, pois a disciplina entrou na matriz curricular com o nome *Pedagogia, Psicologia Infantil e Higiene*. Essa relação entre Psicologia e Higiene no Curso Normal, verificada em meados de 1920, parece ter existido também na Medicina e na Enfermagem.

Médicos e padres estavam afinados com temas da Psicologia e, desse modo, representantes desses dois grupos atuaram na disciplina Psicologia na EECC. Desde a colonização do Brasil, religiosos tiveram um papel importante no desenvolvimento da Psicologia e, posteriormente, também os médicos estiveram à frente em produções da área. Essas relações não são novas na história da Psicologia brasileira e em Minas Gerais não foi diferente. Lourenço (2007) comparou o desenvolvimento da Psicologia em Minas com o restante do país e diz que, apesar de alguns atrasos no Estado, esse processo não foi muito diferente do restante do país.

Não conseguimos informações sobre todos os professores que lecionaram Psicologia na EECC de 1933 até 1948. Padre Armando Guerrazzi ingressou, em 1903, no Seminário Menor Metropolitano de Pirapora, onde cursou ciências humanas<sup>70</sup>. Em São Paulo ele iniciou seus estudos de Filosofia e Teologia e, em 1910, licenciou-se em Filosofia. Ele escreveu o livro *O Linguajar da Criança* (1942) e lecionou aula também na Escola de Aperfeiçoamento de Minas Gerais.

---

<sup>70</sup> Disponível em: <[http://www.portaljj.com.br/interna.asp?Int\\_IDSecao=1&Int\\_ID=64083](http://www.portaljj.com.br/interna.asp?Int_IDSecao=1&Int_ID=64083)> Acesso em 08 de jan de 2010.

O médico Aureliano Tavares Bastos trabalhou no Instituto Raul Soares, com Iago Victoriano Pimentel, onde ambos introduziram e incentivaram o uso das práticas psicológicas, sobretudo dos testes mentais, para auxiliar no diagnóstico psiquiátrico. Vale dizer que Iago Victoriano Pimentel foi tradutor, em 1925, de uma obra de Freud no Brasil e foi convidado a reger a cadeira de Psicologia Educacional na Escola Normal Modelo de Belo Horizonte, além de, em 1932, ter participado do grupo que, mobilizado pelas preocupações de Helena Antipoff, propôs a fundação da Sociedade Pestalozzi, onde ele prestou serviços (Lourenço e Tinoco, BVS).

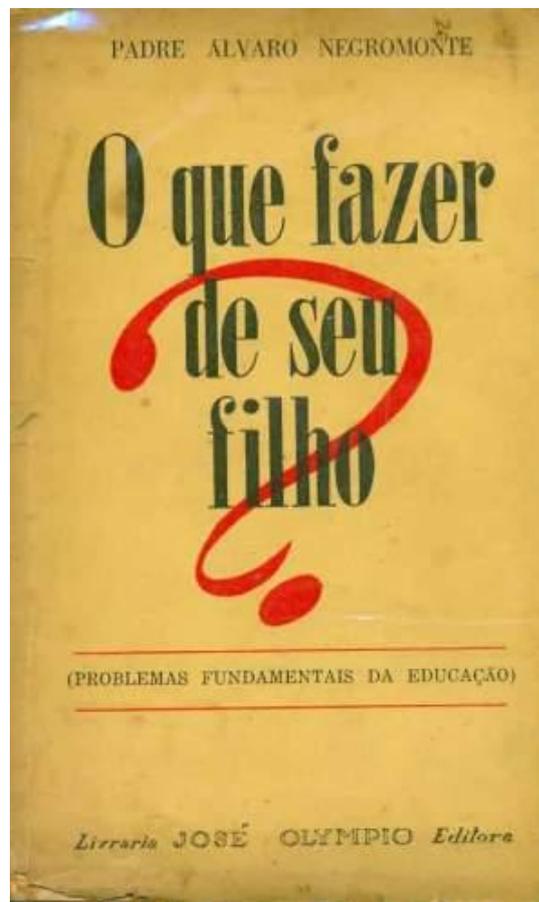
Acredita-se que Monsenhor Perna tenha sido Teólogo, mas, além disso, não tivemos mais acesso a nenhum dado seguro sobre ele. Waleska Paixão se formou como enfermeira na EECC, sendo aluna e professora da Escola.

Padre Álvaro de Albuquerque Negromonte foi orientador religioso e hóspede permanente no internato das alunas da EECC. Ele escreveu, dentre outros: *A Educação dos filhos* (1955), *O que fazer do seu filho* (1955, Figura 3), *Corrija seu filho* (1961). São livros que apresentam relação estreita com temas da Psicologia da Educação. Negromonte idealizava a aplicação dos ideais católicos com os “modernos conhecimentos da Psicologia Infantil” (Orlando & Nascimento, 2007). Ele foi uma pessoa influente, teve contato com Helena Antipoff e esteve amplamente envolvido com a Psicologia em Minas Gerais (Fazzi, 2005).

Sobre Sebastião de Souza Mesquita e Arlete A. Silva não foram encontradas informações precisas. A respeito de Aspásia Vieira Ayer foi localizado um artigo de História. Identificamos alguns dos professores que lecionaram Psicologia no curso de Enfermagem interagindo com pessoas que receberam destaque na história da Psicologia, como Helena Antipoff, que teve contato com Aureliano Tavares Bastos e com Padre Negromonte.

Figura 3

Capa do Livro: O que fazer de seu filho, de Padre Álvaro Negromonte.



Outra associação pode ser realizada entre a história da Psicologia e a Educação. De acordo com Santos (2006), muitas alunas (49%) que entraram no curso de Enfermagem da EECC entre 1933 e 1950 haviam feito o curso Normal. Esse dado isolado não diz muito, mas é uma informação curiosa, pois em diplomas de alunas do Curso Normal observamos a existência das disciplinas “Pedagogia e Higiene” e “Psicologia infantil e Higiene”. O discurso sobre a Psicologia aprendido por essas alunas no Curso Normal não parece ser muito diferente do que esteve presente no curso de Enfermagem. O nome dessas disciplinas demonstra a relação entre a Psicologia, a Educação e o Higienismo, ou seja, a Higiene Mental.

Encontramos também nos documentos a listagem de enfermeiras diplomadas e seus respectivos locais de trabalho. Dessa lista de treze profissionais, sete estavam

atuando fora de Belo Horizonte e poderiam estar sendo personagens de divulgação de uma prática profissional específica que era aprendida na EECC. O curso possuía duas entradas e as alunas tinham, ao todo, 90 dias de férias nos três anos. Além das aulas teóricas, elas passavam por estágios práticos.

Muitos históricos escolares das primeiras alunas do curso de Enfermagem estão armazenados na Sessão de Ensino da Escola de Enfermagem. Existem diferentes tipos de histórico, pois foram emitidos em épocas diferentes. Por meio da análise desse material, percebemos registros de alunas do primeiro ano do curso que fizeram a disciplina Psicologia. Estudantes que ingressaram na Escola em 1934 e 1935 também tiveram em seu histórico a disciplina Psicologia. Contudo, em históricos de alunas que entraram na EECC em 1936 e 1937, não consta entre as matérias que cursaram a disciplina Psicologia. Em históricos de alunas que ingressaram no curso em 1938, na relação de professores consta o Padre Negromonte como docente da disciplina Psicologia.

Imaginamos que a data de emissão do histórico pode ter influenciado no conteúdo do mesmo, pois, no histórico de uma aluna que ingressou em 1940 constam as disciplinas: Psicologia Evolutiva e Psicologia da Personalidade. Esse documento foi emitido em 1970 e causou estranhamento, visto que na década de 1940, pelos nossos estudos, não houve tais disciplinas, que foram oferecidas na década de 1960. Em históricos de alunas que entraram na EECC entre 1941 até 1944 também não são citadas a disciplina Psicologia. Uma carta de um escritório de advocacia para a EECC, datada de 1956, cita o roubo de papéis e documentos históricos da década de 1930.

Em face do exposto, nossa discussão inicial sobre a veracidade das fontes de pesquisa histórica é cabível na análise desse período (1933 – 1948) da disciplina Psicologia no curso da EECC. A depender do documento que escolhêssemos para

privilegiar, teríamos afirmações diferentes a fazer. Como nosso intuito foi dialogar com os documentos e comparar o máximo de informações que conseguimos coletar, levantamos muitas dúvidas. A informação mais precisa é que o ensino de Psicologia na EECC iniciou-se em 1933 com a criação do curso. Sobre os próximos anos, a partir de 1949, tivemos mais materiais para analisar, pois as informações são mais completas, além de incluírem os temas que eram ensinados na disciplina em questão.

### **3.3 A disciplina Psicologia de 1949 a 1962**

Com base nos diários de classe da disciplina Psicologia (Figura 4) foram feitas as análises a seguir, do ano 1949 até 1962. Durante esses treze anos, a disciplina Psicologia foi lecionada por Irene Lustosa. Ela estudou com Helena Antipoff e, segundo Assunção (2002), na década de 1930 desenvolveu trabalhos no Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento. Irene Lustosa esteve envolvida, portanto, com as pessoas que fizeram parte da divulgação e do desenvolvimento da Psicologia em Minas Gerais. O Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento desenvolveu discussões e trabalhos na área e a professora da EECC, como parte desse grupo, representa pelo menos parcialmente o que circulava na Psicologia mineira.

A disciplina Psicologia na EECC era composta por 32 aulas, incluindo os dias de prova, oferecidas duas vezes por semana à tarde. Os programas da disciplina de 1949 a 1962 foram assinados por Irene Lustosa e estão transcritos como anexo deste trabalho. Cada linha corresponde a uma aula do programa.

Figura 4

Foto do diário de classe da disciplina Psicologia, de 1949.

ESCOLA DE ENFERMAGEM "SARLES STALLM"		Disciplina: <u>PSICOLOGIA</u>		Classe:	G:	Período:	DIÁRIO DE CLASSE	
		Prof. <u>D. THOMAS LUSTOSA</u>		Assist.			em 19 <u>49</u>	
		Horário	Assunto	Assinatura**	Observações***			
13/9	13	13h	Psicologia: definição objeto, importância	Lustosa				
14/9	13	13h	Alma vegetativa, sensitiva e intelectual. Funções	Lustosa				
15/9	13	13h	Sensação. Sentidos.	Lustosa				
16/9	13	13h	Percepção.	Lustosa				
17/9	13	13h	Estados afetivos.	Lustosa				
18/9	13	13h	Emoções: causas, efeitos. Controle das emoções.	Lustosa				
19/9	13	13h	Algumas emoções: medo e cólera.	Lustosa				
20/9	13	13h	Simpatia, amor, amizade. Reações de defesa.	Lustosa				
21/9	13	13h	Inteligência: tipos, medida, etapas.	Lustosa				
22/9	13	13h	Aplicação de um teste mental (T).	Lustosa				
23/9	13	13h	Prova escrita sobre a matéria dada.	Lustosa				
24/9	13	13h	Memória e testemunho.	Lustosa				
25/9	13	13h	Imaginação.	Lustosa				
26/9	13	13h	Atenção.	Lustosa				
27/9	13	13h	Aprendizagem - tipos, leis.	Lustosa				
28/9	13	13h	Hábitos - características.	Lustosa				
29/9	13	13h	Hábitos: formação e eliminação.	Lustosa				
30/9	13	13h	Glândulas endócrinas e influência no psiquismo.	Lustosa				
1/10	13	13h	Fatores da personalidade.	Lustosa				
2/10	13	13h	Tipos de personalidade.	Lustosa				
3/10	13	13h	Personalidade ajustada e desajustada.	Lustosa				
4/10	13	13h	Vontade como fator da personalidade.	Lustosa				
5/10	13	13h	Aplicação das noções às doenças.	Lustosa				
6/10	13	13h	Psicologia da enfermagem.	Lustosa				

1) Projeção. (2) Aula prática, (3) Aula teórica, (4) Aula teórica-prática, (5) Grupos de discussão, (6) Seminário, (7) Exame, (8) Visita, (9) Excursão  
 \*\* Assinatura do professor  
 \*\*\* Ver o n.º de dispositivos e o n.º de figuras projetadas, n.º de desenhos (cartazes ou outros materiais usados durante a aula)

13/10 Prova escrita final - Lustosa  
 14/10 Prova oral - Lustosa

27 10/57

Em 1949, a primeira aula de Psicologia era uma introdução do assunto, com definição de Psicologia, seu objeto de estudo e importância. Os assuntos seguintes que compuseram o programa foram: 1) Alma vegetativa, sensitiva e intelectual; 2) Sensação, sentidos; 3) Percepção; 4) Estados afetivos; 5) Emoções: causas, efeitos. Controle das emoções. Algumas emoções: medo, cólera, simpatia, amor, amizade. 6) Reações de defesa. Sublimação. Compensação; 7) Inteligência: tipos, medida, etapas; 8) Aplicação de um teste mental; 9) Memória e testemunho; 10) Imaginação; 11) Atenção; 12) Aprendizagem: tipos, leis; 13) Hábitos: características, formação e eliminação; 14) Glândulas endócrinas e influência no psiquismo; 15) Fatores da personalidade, tipos de personalidade, personalidade ajustada e desajustada. Vontade como fator da personalidade; 16) Aplicação das noções às doenças; 17) Psicologia da Enfermagem.

Na segunda edição do livro *Psicologia*, de Plínio Olinto, publicada em 1936, observamos assuntos comuns com o programa da disciplina Psicologia do curso de Enfermagem da EECC, tais como: sensação, percepção, estados afetivos, emoções, atenção, aprendizagem e suas leis, personalidade. Além desses conteúdos, o livro trata sobre vida mental e raciocínio, tendências e recalcamientos, enquanto a professora Lustosa ensina sobre alma intelectual e inteligência, hábitos e reações de defesa, respectivamente. Essa sintonia não parece ser por acaso. Consideramos Irene Lustosa inteirada do que estava sendo discutido e produzido na Psicologia brasileira e, por isso, os assuntos escolhidos por ela para serem ensinados na Enfermagem nos trazem informações sobre a Psicologia da época.

A disciplina Psicologia teve conteúdos de Psicologia aplicada à Enfermagem, pois as aulas sobre “aplicação das noções às doenças” e “Psicologia da Enfermagem” são específicas para a formação de enfermeiros. Irene Lustosa planejou a aplicação de um teste a suas alunas, em 1949, mas não citou que teste foi esse. Podemos delinear informações sobre a produção de teóricos brasileiros sobre testes psicológicos. Em 1924, por exemplo, José Joaquim de Campos da Costa Medeiros Albuquerque (1867-1934) publicou um dos primeiros livros brasileiros sobre Psicometria, intitulado *Os testes*. Manoel Bergstrom Lourenço Filho (1897-1970) publicou em 1934, *Testes ABC*<sup>71</sup>. Esse instrumento estava, portanto presente em discussões da Psicologia na época.

Em 06 de agosto de 1949 foi publicada a Lei 775, que dispõe sobre o ensino de Enfermagem. A Lei foi complementada pelo decreto 27.426, de 14 de novembro, também de 1949, que aprovou o regulamento básico para os cursos de Enfermagem e de Auxiliar de Enfermagem. A inclusão da Psicologia no currículo dos cursos de

---

<sup>71</sup> Informações disponíveis em: <http://www.neaad.ufes.br/subsite/Psicologia/obs04hn%20mira%20y%20lopez.htm> Acesso em 11 de jan de 2010.

Enfermagem no Brasil ocorreu por meio desse decreto, que estabeleceu o currículo mínimo para esses cursos. De acordo com o artigo 5º do decreto, na primeira série do curso de Enfermagem seria ministrado ensino de Psicologia, cuja duração ficaria a cargo da escola. O decreto recomendou ainda a realização de prova escrita parcial, exame final escrito, oral ou prático oral, quando fosse o caso. Irene Lustosa, seja por conhecer a Lei 775, ou por seguir uma recomendação da escola, oferecia tais provas (prova escrita parcial, prova escrita final e prova oral).

O programa proposto em um ano auxilia na compreensão da disciplina nos outros anos, pois os diários eram preenchidos à mão e vemos formas diferentes de anunciar um conteúdo similar. Algumas formas diferentes de apresentar o mesmo conteúdo complementam informações sobre os assuntos com dados extras. No estudo sobre “sensações”, por exemplo, no programa de 1950, está descrito que eram ensinados os elementos das sensações, seus mecanismos e espécies. “Excitantes dos sentidos” também fizeram parte do programa em 1950. O assunto: “Alma vegetativa, sensitiva e intelectual” não foi assim denominado nos diários de classe subsequentes e o tema “métodos” da Psicologia foi acrescentado.

Sobre “percepções”, no ano de 1950, Lustosa programou uma aula para ensinar “perturbações da percepção” e outra sobre o “sistema nervoso”. A expressão “estados afetivos” não foi mais utilizada, reaparecendo apenas em 1955 e, em 1951, Lustosa utilizou o termo “estudos da vida afetiva”. O ensino sobre as “emoções” permaneceu em 1950, com uma mudança na descrição das aulas: “1) Emoções físicas e morais. Sentimentos, emoções, paixões; 2) Classificação das emoções. O medo, a cólera, o amor; 3) Controle das emoções. Substituição. Sublimação”. O tema, que era abordado em cinco aulas, passou a ser ensinado em três. Esses conteúdos sugerem que era considerado no ensino uma distinção entre emoções físicas e morais e, ainda, uma

distinção entre sentimentos, emoções e paixões. Apesar de a Professora Irene Lustosa não ter realizado menção direta à Psicanálise, a “sublimação” é um assunto muito trabalhado nessa abordagem teórica.

“Atenção” foi um assunto acrescentado no programa em 1950, com o estudo de: “formas, papel e perturbações”. Uma aula com o tema: “Consciência. Subconsciente; complexos; Psicanálise” aparece também no mesmo ano. O teste que foi apresentado para a turma em 1949 não foi mencionado até 1954. O estudo da inteligência em 1950 ganhou mais duas aulas, descritas como: “1) Inteligência – evolução; 2) Inteligência – papel – definições – passos da inteligência; 3) Inteligência graus – tipos. Anormais mentais”.

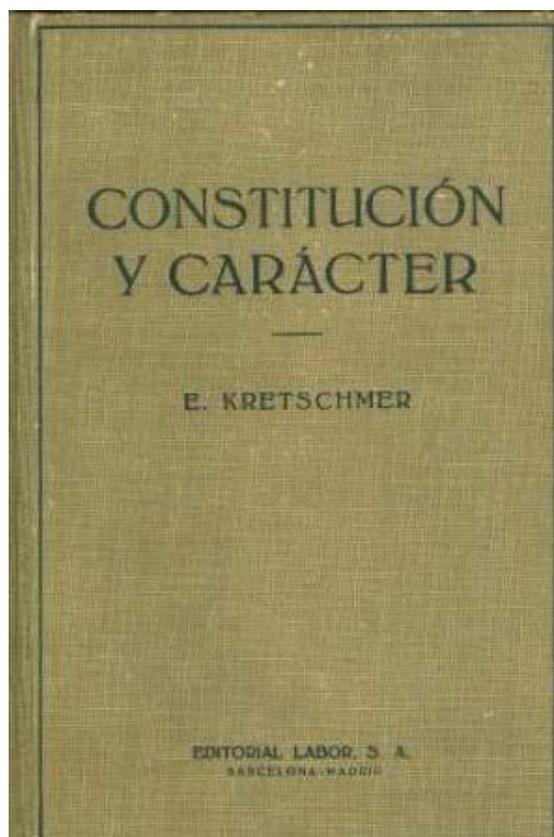
Foram acrescentadas ao programa, em 1950, duas aulas sobre “instintos”: “1) Instintos: divisão, educação; 2) Instintos: características. Os instintos e os interesses”. Esse tema saiu do planejamento de aula por dois anos e voltou em 1953, permanecendo como tópico de aula nos anos seguintes, com exceção de 1955. “Glândulas endócrinas” foi objeto de aula intermitentemente na disciplina Psicologia ao longo dos anos. O tema “Hábito” foi ensinado em uma aula a menos, em 1950, enquanto “aprendizagem” ganhou uma aula com o assunto “Leis de associação”. A mudança acrescentada nas aulas sobre “Personalidade” é relevante, pois, Irene Lustosa nomeou alguns autores que serviram de base para essas aulas. Apesar da dificuldade de compreensão na caligrafia e ortografia da professora, mas os autores citados são: Kretschmer, Sheldon e Stevens sobre “formação da personalidade”, e Yung e Spranger sobre “tipos de personalidade”.

No início da década de 1920, Ernest Kretschmer (1888 – 1964) descreveu os temperamentos esquizoides e cicloides. Ele verificou a existência de uma correlação estatística entre determinados distúrbios psíquicos e certas características físicas. A partir disso, Kretschmer distinguiu três tipos constitucionais principais: leptossômico,

pícnico e atlético (Apêndice 1), havendo ainda o grupo dos displásicos, que agrupava os indivíduos que não se encaixavam em nenhum dos tipos principais (Rego, 1994). Um dos livros que Kretschmer publicou sobre o tema denomina-se *Constituição e Caráter* (versão em espanhol na Figura 5). Tivemos acesso a um livro publicado em 1954 do autor chamado *Psicologia Médica*<sup>72</sup>.

Figura 5

Capa do Livro: *Constitución y Carácter*, de Ernest Kretschmer.



De acordo com Natrielli Filho (2002), posteriormente Kretschmer passou a descrever duas maneiras de ser antagônicas: esquizoide e cicloide, sendo a primeira correspondente aos indivíduos de hábito leptossômico, atlético e displásico, e a segunda observada nos pícnicos. Rego (1994) explica que entre os esquizofrênicos predominariam os tipos leptossômicos, entre os psicóticos maníaco-depressivos

---

<sup>72</sup> KRETSCHMER, Ernest. *Psicologia Médica*. Editorial Labor, S. A. Barcelona, Madrid, Buenos Aires, Rio de Janeiro, México e Montevideú. 1954. Tradução da 10ª edição alemã.

predominariam os pícnicos, e entre os epilépticos os do tipo atléticos seriam a maioria. Nos casos fronteiros entre uma simples disposição de temperamento e a psicose manifesta, a denominação seria esquizoide e cicloide. Os tipos esquizotímico e ciclotímico, com base em Matos e Col (2005), situam-se entre a esquizofrenia e o transtorno do humor (originalmente a psicose maníaco-depressiva). Os tipos esquizoide e cicloide de Kretschmer foram redefinidos por Bleuler (Pessoti, 2006). No livro de Kretschmer sobre Psicologia Médica, os assuntos desenvolvidos são: 1) Principais funções psíquicas e seus substratos anatomofisiológicos; 2) Os aparatos psíquicos e sua formação evolutiva; 3) Instintos e temperamento; 4) Personalidades e tipos de reações; 5) Psicologia médica prática. Os temas não diferem dos objetos ensinados por Irene Lustosa na disciplina Psicologia da EECC.

Rego (1994) diz que as tipologias mais aceitas são as de Kretschmer e de Sheldon e explica que Sheldon desenvolveu uma tipologia (Apêndice 2) em que há uma correspondência entre tipos físicos (endomorfo, mesomorfo e ectomorfo) e temperamentos (endotônico, mesotônico e ectotônico). William Herbert Sheldon<sup>73</sup> (1898-1977) doutorou-se em Psicologia na Universidade de Chicago, em 1931. Ele foi representante da Psicologia Constitucional, ciência que relacionava os aspectos psicológicos do comportamento humano com a morfologia e a fisiologia do corpo, buscando no biológico, as explicações para o comportamento humano. A tipificação significa classificar as pessoas em categorias de personalidade ou tipo (Davidoff, 2001). A tipologia constitucional de Kretschmer e de Sheldon consideram, portanto, que a personalidade está apoiada na estrutura física do indivíduo, na sua constituição, e defendem que o temperamento e caráter, por sua vez, estão atrelados à constituição.

---

<sup>73</sup> Disponível em: <[http://www.infopedia.pt/\\$william-h.-sheldon](http://www.infopedia.pt/$william-h.-sheldon)> e <[http://openlibrary.org/a/OL1766548A/William\\_Herbert\\_Sheldon](http://openlibrary.org/a/OL1766548A/William_Herbert_Sheldon)> Acesso em 11 de jan de 2010.

Sheldon, em seus trabalhos, tentou identificar os principais componentes estruturais do corpo humano, os principais componentes do temperamento e a aplicação desses à delinquência. Ele investiu em uma Psicologia mensurável, recolhendo dados e formulando tabelas. Trabalhou em institutos e universidades norte-americanas, como Harvard, Colúmbia, Califórnia, Oregon e para o *Center for Research in Human Constitutional Variation* (Centro de Pesquisa em Variação Constitucional Humana) em Cambridge, Massachusetts.

Outro autor trabalhado por Irene Lustosa foi Stanley Smith Stevens<sup>74</sup> (1906 – 1973), psicólogo estadunidense formado pela Universidade de Stanford e, autor de obras referentes à Psicologia Experimental e Psicofisiologia. Ele foi fundador do *Harvard's Psycho-Acoustical Laboratory* (Laboratório de psico-acústica de Harvard). Observamos entre esses pesquisadores da Psicologia, uma preocupação com estudos quantitativos, com sistematizações de dados para a construção de suas teorias. Essa era uma característica marcante do período (virada do século XIX para o XX).

Yung, também citado no diário de classe de Irene Lustosa, faz referência a Carl Gustav Jung (1875 - 1961), que desenvolveu uma tipologia funcional, distinguindo os tipos extrovertido e introvertido. De acordo com essas proposições, as pessoas poderiam ser analisadas de acordo com quatro funções fundamentais: pensamento, sentimento, percepção e intuição. Pensamento e sentimento eram consideradas funções racionais, ao contrário de percepção e intuição, que eram consideradas funções irracionais. Jung posteriormente se tornou um teórico da psicodinâmica, grupo que entende a personalidade como resoluções de conflitos internos que ocorrem na infância (Davidoff, 2001).

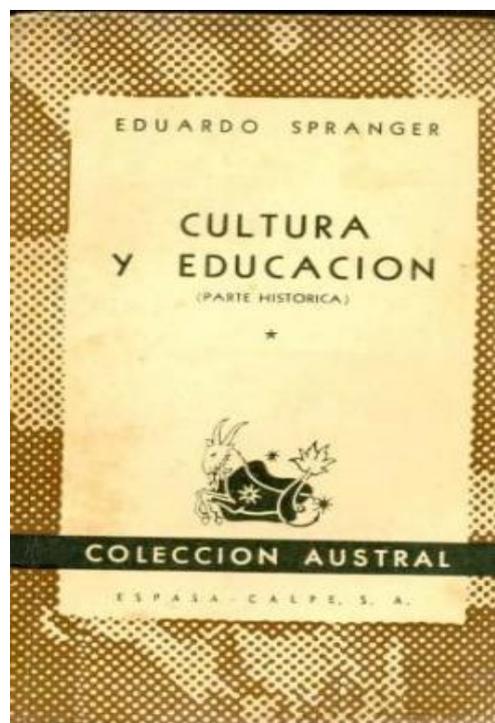
---

<sup>74</sup> Disponível em < [http://en.wikipedia.org/wiki/Stanley\\_Smith\\_Stevens](http://en.wikipedia.org/wiki/Stanley_Smith_Stevens)> E em: <[http://psychology.wikia.com/wiki/Stanley\\_Smith\\_Stevens](http://psychology.wikia.com/wiki/Stanley_Smith_Stevens)>. Acesso em 11 de jan de 2010.

Ao citar Spranger, Lustosa se referia a Eduardo Spranger, autor de livros como *Psicología de la Edad Juvenil*, traduzido para o Espanhol e publicado na Argentina em 1948<sup>75</sup>, além dos livros: *Cultura y Educacion* (Figura 6), também publicado na Argentina, assim como a obra *Formas de Vida - Psicologia y Etica de La Personalidad*, de 1946. Outro título encontrado foi *Spranger y las ciencias del espíritu*, de Juan Roura Parella, publicado no México em 1944. Sua obra *Lebensformen*, de 1922 foi traduzida para o Português como *Formas de Vida* (Tomanari, 2003). Spranger caracterizou seis tipos de homem: teórico, econômico, estético, social, político, religioso e o tipo misto. Suas ideias tiveram boa aceitação também no meio religioso. A relação entre as produções da Psicologia e os religiosos não é novidade e foi mencionada em outros momentos da dissertação.

Figura 6

Capa do Livro: *Cultura y Educacion*, de Eduardo Spranger.



<sup>75</sup> Exemplares são oferecidos na internet em sites brasileiros: <<http://www.traca.com.br/autores/autor.php?autor=Eduardo%20Spranger>> e <[http://www.estantevirtual.com.br/mod\\_perl/busca.cgi?pchave=Eduardo+Spranger&tipo=simples&estante=%28todas+estantes%29&alvo=autor](http://www.estantevirtual.com.br/mod_perl/busca.cgi?pchave=Eduardo+Spranger&tipo=simples&estante=%28todas+estantes%29&alvo=autor)> Acesso em 11 de jan de 2010.

Retornando aos diários de classe, observamos dentre as mudanças no conteúdo, em 1951, que nas aulas introdutórias foi incluído “ligeiro histórico” sobre a Psicologia. Vimos que a Psicologia internacional e nacionalmente, já havia percorrido um caminho até esse momento e um histórico sobre a mesma seria, de fato, viável. O tema “atenção” passou a ser ensinado na mesma aula de “percepção”. Irene Lustosa detalhou que, no item sobre “sistema nervoso”, seriam estudadas suas partes e funcionamentos e esse tema passou a ser ensinado em uma aula inteira. Na descrição sobre o estudo da “memória” o foco foi nas funções e leis de associação, sem menção à “memória e testemunho”. A aula “Consciência. Subconsciente; complexos” foi mantida, mas sem explicitar se era ensinada sobre a perspectiva da Psicanálise ou não. Entendemos, contudo, que esse assunto (especialmente o “subconsciente”) está relacionado com a Psicanálise como teoria de base da aula. “Inteligência” foi ensinada em uma aula a menos e no programa de 1951, não estavam descritos seus subtemas, que podem ter sido ensinados, apesar de não serem descritos.

No diário de 1951, não está registrada aula sobre “instintos”, enquanto “hábitos” foi objeto de duas aulas. O estudo da personalidade continuou ocupando quatro aulas e o tema da vontade voltou a se relacionar com esse assunto, havendo uma quinta aula descrita como “vontade como fator da personalidade”. Os autores não são citados nesse ano e, a descrição da aula sugere que o estudo da personalidade enfoca “pessoa, temperamento, caráter, constituição, fatores inatos e adquiridos, biotipologias, elementos e personalidade ajustada e desajustada”. “Biotipologia”, também chamada de biopsicotipologia, está associada aos estudos da tipologia constitucional citados anteriormente, tendo como representantes William Herbert Sheldon e Ernest Kretschmer, que relacionavam características biológicas com aspectos comportamentais e do temperamento.

Em 1952, o “ligeiro histórico” da Psicologia não é mencionado como tema de uma aula e não deve ter sido ensinado pela professora Irene Lustosa. “Percepção” não apareceu, mas pode ter sido abordada na aula sobre “atenção”. “Psicanálise” foi referida na aula sobre “consciência, subconsciente e complexos”, indicando que esse assunto esteve associado com a teoria psicanalítica. “Glândulas endócrinas” voltou a ser ensinado em duas aulas. Outro tópico foi introduzido nesse ano: “conceito de pessoa; constituição; temperamento; caráter”. Na aula sobre hábitos foi abordado a formação dos mesmos, além de “como ‘tirar’ certos hábitos”. “Personalidade” e “vontade” passaram a ocupar apenas duas aulas e Sheldon, Stevens, Yung e Spranger voltaram a ser citados nessa matéria.

Assunção (2002) analisou alguns artigos publicados por Irene Lustosa, dentre os quais, havia uma pesquisa realizada na Escola de Aperfeiçoamento com as alunas que eram também professoras lá do local. Lustosa construiu seus argumentos com base em alguns autores e Eduardo Spranger foi um deles. Nessa pesquisa, Irene Lustosa buscou caracterizar as professoras de acordo com o seu biótipo. Ela classificou ainda o professor nos tipos social e religioso, de acordo com os tipos propostos por Spranger, e considerou o professor como pertencendo ao tipo pícnico, por sua facilidade de adaptação, jovialidade e entusiasmo. Ernest Kretschmer que elaborou o tipo pícnico. Podemos dizer, dessa forma, que a professora da disciplina Psicologia da EECC teve interesse também em pesquisa, além da docência e, de certa forma, os temas de pesquisa e das aulas não foram muito divergentes. Concluimos ainda que ela estava acompanhando as produções e publicações da Psicologia e mais ainda: fez parte do grupo que produzia e pesquisava.

Em 1953 houve poucas mudanças na disciplina. Lustosa foi mais sucinta na descrição dos temas ensinados. “Consciência, subconsciente e psicanálise” foram

abordados em uma aula e, em seguida, a professora ensinou “subconsciente e complexos”. “Inteligência” foi objeto de três aulas. A aula denominada “conceito de pessoa, constituição, temperamento, caráter” não apareceu. “Personalidade” voltou a ser ensinada em quatro aulas e não houve citação de autores de referência. “Instintos” retornou ao programa, ocupando uma aula. Nesse ano aconteceu no estado do Paraná o 1º Congresso de Psicologia<sup>76</sup> (Gomes, 2006).

Em 1954 “métodos” da Psicologia foi tratado em uma aula à parte e as aulas introdutórias passaram a ser objeto de três dias. “Consciência” foi programado para ser apresentado em três aulas, sendo ensinado juntamente com “atenção” em um dos dias destinado ao tema. Os assuntos “subconsciente e complexos” saíram do programa. Por outro lado, pela primeira vez Freud foi citado ao se abordar o tema “personalidade”. As três aulas sobre “inteligência” foram mantidas e, Lustosa explicitou alguns assuntos a serem abordados dentro desse tema: “definições; inteligência empírica e racional; níveis de inteligência e fases do ato de inteligência”. Uma aula foi acrescida no estudo dos “Instintos”, que passou a ser ensinado em dois dias e “vida afetiva” passou a ocupar uma aula a menos, ficando com dois dias. Nesse ano de 1954, a professora voltou a realizar e apresentar um teste psicológico para seus alunos. Ao tema “personalidade”, dentre os tópicos ensinados somou-se o subtema “indivíduo” e foram citados Allport e Mira y Lopes como autores de referência.

Lustosa acrescentou nas aulas o estudioso Gordon Willard Allport<sup>77</sup> (1897 - 1967), que foi um psicólogo estadunidense e se doutorou em Harvard em 1922. É

---

<sup>76</sup> Apesar do nome, o evento que aconteceu em Curitiba, não foi de fato o primeiro congresso de Psicologia no Brasil. Contudo, foi um congresso com grande número de participantes e trabalhos apresentados. Outros congressos realizados no Brasil podem ainda ser citados: na cidade de São Paulo, em 1937; no Rio de Janeiro em 1942; e em Belo Horizonte em 1943, por exemplo. Um grupo de profissionais já estava se organizando para conseguir a organização da Psicologia no Brasil. Informações disponíveis em: <<http://www6.ufrgs.br/museupsi/PSI-RS/Chap6.htm>>. Acesso em 05 de abril de 2010.

<sup>77</sup> Para saber mais, conferir em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Gordon\\_Allport](http://pt.wikipedia.org/wiki/Gordon_Allport)>; <[http://www.netsaber.com.br/biografias/ver\\_biografia\\_c\\_1408.html](http://www.netsaber.com.br/biografias/ver_biografia_c_1408.html)> <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Escala\\_de\\_Allport](http://pt.wikipedia.org/wiki/Escala_de_Allport)> Acesso em 11 de jan de 2010.

conhecido por sua *Escala de Allport* para mensurar o preconceito numa determinada sociedade. A escala foi definida em seu livro *A natureza do preconceito*, de 1954. Segundo Tomanari (2003), Allport criou um teste com base nos tipos definidos por Spranger com a utilidade de pesquisa, para aconselhamento, para sala de aula ou na orientação vocacional. Não temos dados para afirmar, mas o teste dado para a turma pode até ser esse, que foi desenvolvido no início da década de 1930.

Sobre Mira y Lopes<sup>78</sup>, a professora referia-se a Emílio Mira y Lopes (1896 – 1964). Ele nasceu em Cuba e estudou na Espanha, onde foi Chefe do Serviço de Higiene Mental do Exército da República Espanhola. Com a derrota na Guerra Civil Espanhola foi exilado e morou em diversos países, dentre eles o Brasil, onde permaneceu de 1947 até falecer, em 1964. Ele fez parte do movimento pela regulamentação da profissão e pela formação acadêmica do psicólogo no Brasil. Desde 1947 ocupou o cargo de diretor do *Instituto de Seleção e Orientação Profissional* (ISOP), no Rio de Janeiro<sup>79</sup>. O ISOP é muito estudado por autores da história da Psicologia, posto que nesse local psicólogos foram formados e a Psicologia aplicada desenvolveu-se expressivamente.

O ISOP do Rio de Janeiro teve importância na criação do SOSP - Serviço de Orientação e Seleção Profissional em Belo Horizonte. O SOSP foi criado pela Lei nº 482, de 11 de novembro de 1949, sob responsabilidade governamental (Abade, 2005). O exame vestibular da EECC era de responsabilidade do SOSP<sup>80</sup> e eram aplicados testes de nível mental, de personalidade e de cultura geral nas candidatas. O serviço era anexo

---

<sup>78</sup> Para o leitor interessado em aprofundar-se no tema, buscar em: <<http://www.cliopsyche.uerj.br/arquivo/mira.html>>, <<http://www.Psicologia.org.br/internacional/artigo3.htm>>, <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Emilio\\_Mira\\_y\\_L%C3%B3pez](http://pt.wikipedia.org/wiki/Emilio_Mira_y_L%C3%B3pez)>. Acesso em 11 de jan de 2010.

<sup>79</sup> Estamos nos referindo aqui ao ISOP do Rio de Janeiro, apesar de ter existido um ISOP em Pernambuco, que segundo Antunes (2004) foi originado a partir do Instituto de Psicologia de Pernambuco que em 1929 tornou ISOP.

<sup>80</sup> Com base em documento do Centro de Memória da Escola de Enfermagem da UFMG: carta de 02 de junho de 1965, da Irmã Emília Clarízia, diretora da Escola sobre o resultado do vestibular de uma aluna.

ao Instituto de Educação, demonstrando que as atividades desenvolvidas no Instituto de Educação eram de Psicologia aplicada.

O SOSP foi dirigido por Pedro Parafita de Bessa, que foi formado por Helena Antipoff, e era orientado nessas atividades por Mira y Lopez. Assunção (2002) diz que Helena Antipoff indicou docentes para as faculdades da Universidade Católica e técnicos para os primeiros serviços de Psicologia Aplicada, inclusive para o SOSP. Nesse sentido, Pedro Parafita de Bessa pode ter sido uma indicação de Helena Antipoff para o cargo no SOSP. Assunção (2002) declara que Mira y López planejou com Parafita de Bessa o SOSP, com base no ISOP, utilizando a metodologia psicotécnica (testes psicológicos), de bases quantitativas.

Mira y López possuía o hábito de escrever e publicar. Ele criou os *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*, chamado hoje de *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. Tivemos acesso a um livro do Mira y López no acervo do Centro de Memória da Escola de Enfermagem da UFMG. O livro, denominado *Problemas atuais de Psicologia*, foi publicado pela Editora Científica, em 1948. O Capítulo IV desse livro, intitulado “Psicopatologia dos estados passionais”, pode ter orientado as aulas sobre “vida afetiva” de Irene Lustosa. Nessa parte do livro, Mira y López fala sobre paixão e sobre o amor, que foram temas ensinados na disciplina, no tópico “emoção”. Antes de morar no Brasil, Mira y López esteve no Rio de Janeiro e, em outubro de 1945 ofereceu um curso que, segundo Campos (2001), foi um marco na história da Psicologia aplicada no Brasil. Esse curso foi concluído em outubro do ano seguinte.

Encontramos entre os documentos sobre conteúdos da disciplina Psicologia na EECC, de 1954, além do diário de classe, o Programa de Psicologia, transcrito a seguir:

Programa de Psicologia. Objetivos: 1) Formar nos alunos uma atitude científica, objetiva, para a compreensão da própria conduta e da

conduta alheia. 2) Fazer apreciar os fatores básicos da conduta humana e aqueles que a modificam. 3) Dar aos alunos conhecimento e prática de princípios psicológicos que favoreçam o desenvolvimento da própria personalidade e uma colaboração eficiente no tratamento, ou reajustamento dos doentes.

Podemos, com base nesse documento, ilustrar o que afirmamos em alguns momentos desse texto, as bases científicas para a Enfermagem fornecidas pela Psicologia. A Psicologia, quando buscou ser legitimada como conhecimento científico, procurou formas objetivas de compreender o homem e sua conduta. Para isso baseou-se nos modelos das ciências naturais e exatas. Irene Lustosa ilustra essas idéias, pois, dentre os objetivos da disciplina Psicologia, ela citou a formação nos alunos de uma atitude científica e objetiva. A disciplina deveria servir para a formação reflexiva e crítica dos discentes, formando neles uma atitude científica. Além disso, ressaltamos o objetivo de favorecer o desenvolvimento da personalidade dos alunos. O ensino de Psicologia em outras áreas do conhecimento, desperta em alguns alunos encantamento (Larocca, 2000). Esse interesse, contudo, fica muitas vezes voltado para o lado pessoal, não sendo uma contribuição efetiva para o profissional que se está querendo formar.

É relevante expor que, em 1954, foi fundada a Associação Brasileira de Psicólogos<sup>81</sup>. Vemos que a área e os profissionais que se ocupavam da Psicologia cresciam numericamente e buscavam organização e união. A disciplina Psicologia na EECC, em 1955, sofreu poucas alterações. Irene Lustosa retomou o ensino de “subconsciente e psicanálise” em duas aulas, junto com o tema “consciência”. As aulas de personalidade foram descritas como: “1) Personalidade: noções gerais; 2)

---

<sup>81</sup> Informação disponível em <http://www.neaad.ufes.br/subsite/Psicologia/obs04hn%20mira%20y%20lopez.htm> Acesso em 11 de jan de 2010.

Personalidade: elementos inatos e adquiridos; 3) Personalidade amadurecida (Allport). ‘Tipos’ de Spranger; 4) Biotipologia; 5) Biotipologia: Kretschmer Sheldon e Stevens.” Não são citados outros autores para as aulas. “Inteligência” nesse ano foi aludida como “vida intelectual” e eram ensinadas definições e tipos de inteligência. Logo em seguida, a essas duas aulas era ensinado: “anormais e causas”. Inferimos assim, que eram trabalhados temas sobre dificuldade de aprendizagem. “Memória” não apareceu esse ano.

Outras mudanças ocorridas na disciplina, de acordo com o diário de classe de 1956, podem ser citadas. A palavra “psicanálise” deixou de aparecer no tema consciência e subconsciente. A expressão “fenômenos psíquicos” apareceu antes do estudo de memória. A professora Lustosa não voltou a usar a expressão “vida intelectual”, nomeando de “inteligência” esse tópico. Nas aulas sobre o estudo da personalidade, Irene Lustosa citou, em 1956, o maior número de autores que já citara em qualquer outro ano em que lecionou a disciplina. Os autores que não haviam aparecido ainda no programa foram: Maslow, Noubel, Hipócrates, Galeno, S. Allberto, Gall, Lombroso, Viola e Pende.

Abraham Harold Maslow<sup>82</sup> (1908 – 1970) era estadunidense e formou-se como Doutor em Psicologia pela Universidade de Wisconsin, em 1934. É conhecido especialmente pela Teoria da Hierarquia de Necessidades e pela Teoria de Motivação. Lustosa baseou-se nele para ensinar “vida afetiva” no curso. Outro tema novo na disciplina foi “constituição do eu”, sendo estudado segundo Noubel. Sobre esse estudioso da Psicologia não encontramos dados concretos.

Hipócrates e Galeno são estudados na história da Medicina. Hipócrates nasceu no ano 460 a. C., enquanto Galeno estudou Medicina na Grécia e em Alexandria,

---

<sup>82</sup> Disponível em <[http://www.portaldomarketing.com.br/Artigos/Maslow\\_Biografia.htm](http://www.portaldomarketing.com.br/Artigos/Maslow_Biografia.htm)> Acesso em 12 de jan de 2010.

estabeleceu-se em Roma e foi precursor da fisiologia experimental (Paixão, 1969). Historicamente, a tipologia teve sua origem em Hipócrates, que estabeleceu quatro tipos de temperamentos: o Melancólico, o sanguíneo, o colérico e o fleumático, que foram retomados por Galeno no século II (Rego, 1994). Apesar de fazerem parte de uma época diferente dos outros teóricos ensinados na disciplina, Hipócrates e Galeno foram precursores de algumas teorias ensinadas por Irene Lustosa, especialmente a tipologia.

S. Alberto, ou seja, Santo Alberto Magno<sup>83</sup> nasceu na Alemanha por volta do ano 1206. Estudou em Pádua e em Paris, e em 1248 voltou para a Alemanha. São Tomás de Aquino foi seu discípulo, e, por sua vez, foi estudado por Massimi (2005), uma vez que suas publicações contêm temas psicológicos. S. Alberto foi beatificado em 1622 e em 1931 Pio XI declarou-o santo e Doutor da Igreja. Em 1941 Pio XII nomeou-o patrono daqueles que estudam ciências naturais. Esse teórico, que apareceu no programa da disciplina Psicologia, parece inicialmente destoar dos demais especialmente por sua ligação religiosa. A Igreja católica, entretanto, esteve presente explicitamente na Escola Carlos Chagas<sup>84</sup>. Além disso, Alberto Magno foi considerado dentro da própria Igreja como patrono daqueles que estudam ciências naturais.

Franz Joseph Gall<sup>85</sup> (1758-1828), por sua vez, nasceu na Alemanha e estudou medicina em Viena. Ele foi pioneiro no estudo da localização das funções mentais no cérebro. Por volta de 1800, Gall desenvolveu a *cranioscopia* (*cranium*=crânio, *scopos*=visão), um método para se conhecer a personalidade e desenvolvimento das

---

<sup>83</sup> Disponível em [http://www.portal.ecclesia.pt/ecclesiaout/liturgia/liturgia\\_site/santos/santos\\_ver.asp?cod\\_santo=194](http://www.portal.ecclesia.pt/ecclesiaout/liturgia/liturgia_site/santos/santos_ver.asp?cod_santo=194) e [http://www.triplov.com/semas/semiot/alberto\\_magno.html](http://www.triplov.com/semas/semiot/alberto_magno.html) Acesso em 12 de jan de 2010.

<sup>84</sup> Na criação na Escola, é explicitado como uma das finalidades do curso de enfermagem a formação de religiosas. Explica-se que a Escola oferecerá a educação técnica para a arte que as religiosas dedicam-se há longos anos. Essa abertura para a formação de religiosas é um diferencial da EECC em relação a outros cursos de enfermagem do Brasil. No percurso da EECC existem relatos de celebrações religiosas frequentes em datas santas, além de retiro espiritual, Congresso Eucarístico e a existência de uma capela no internato, onde aconteciam missas frequentes. A presença de membros da Igreja Católica é relatada na história da EECC e a própria Laís, fundadora da EECC e primeira diretora da Escola, foi muito religiosa. Por um período a Escola teve ainda diretoras religiosas.

<sup>85</sup> Disponível em [http://www.cerebromente.org.br/n01/frenolog/frengall\\_port.htm](http://www.cerebromente.org.br/n01/frenolog/frengall_port.htm) Acesso em 12 de jan de 2010.

faculdades mentais e morais com base na forma externa do crânio. Isso porque ele acreditava que os instintos, sentimentos, tendências e faculdades mentais teriam uma representação na superfície do cérebro, afetando a forma do mesmo. Segundo as ideias de Gall, pela palpação das protuberâncias existentes no crânio poder-se-ia conhecer sobre uma pessoa (Rego, 1994).

A tradição vertical em Psicologia está associada ao trabalho de Gall, pois ele argumenta, por exemplo, que se a memória fosse horizontal, bons memorizadores de números seriam necessariamente bons memorizadores de direções espaciais ou de poemas (Maia, 2002). Apesar de ter feito importantes considerações sobre o cérebro, para Maia (2002), Gall não teve muito reconhecimento pela relação da Cranioscopia com a Frenologia (*phrenos*=mente, *logos*=estudo). Os estudiosos começaram a medir caráter e propensão ao crime com base no formato da cabeça, sendo Gall associado à Lombroso.

Cesare Lombroso (1835 - 1909) defendia que, partindo de características físicas, poder-se-ia identificar os indivíduos propensos ao crime, ou seja, os criminosos natos. Suas ideias influenciaram muito o Direito Penal e com a justificativa de prevenção da criminalidade pessoas foram presas na Europa e no Brasil por apresentarem determinadas características físicas. O médico brasileiro Raimundo Nina Rodrigues, por exemplo, foi seguidor de Lombroso por um certo período e, com base nessas ideias, Nina Rodrigues manteve uma posição diferenciada com relação às populações negra, mulata e indígena. Ele criou a Escola Intelectual de Antropologia Criminal, sediada na Bahia e defendia que o Código Penal deveria prever tratamento diferenciado segundo um critério racial (Rocha, 2004). Em 1916 no livro de Afrânio Peixoto sobre Psicopatologia Forense, apesar de ele não concordar com Lombroso, dedicou boa parte de um capítulo ao exame e à crítica destas ideias (Rego, 1994).

Cesare Lombroso foi estudado na disciplina Psicologia da EECC em 1956 e muitos estudos de médicos e advogados brasileiros se apoiaram em sua teoria. Lombroso aparece com frequência em trabalhos de história da Psicologia (Rocha, 2004; Lourenço 2007) pois teve grande repercussão durante um período da ciência psicológica. Sua principal obra, *L'Uomo Delinquente* (O Homem Criminoso), de 1876 - Figura 7 - teve uma repercussão internacional. Devemos, ao fazer história, tentar olhar para os documentos não com olhar de hoje, mas tentando enxergar com a mente desse outro tempo para evitar o presentismo. Podemos, contudo, refletir sobre o passado e avaliar a relação que ele mantém com o presente e em que medida tratamentos diferenciados ainda ocorrem em decorrência de questões étnicas.

Figura 7

Ilustração do livro *L'Uomo Delinquente*, de Cesare Lombroso.



Viola e Pende são outros teóricos que Irene Lustosa citou no programa da disciplina Psicologia em 1956. Foram encontradas poucas referências sobre os dois autores, embora eles estejam associados às ideias dos tipos constitucionais. As classificações de Viola se baseiam na forma das vísceras (tipos microsplâncnico, megalosplâncnico e normosplâncnico), e nas características externas totais (tipos

dolicomórfico, braquimórfico e eumórfico), enquanto Pende teria modificado esse sistema, distinguindo um biótipo hipervegetativo e um hipovegetativo (Tripicchio, 2008).

De acordo com Weil (1967), são diversas as classificações biotipológicas existentes, como as de Viola (em 1905 com tipos: longitipo microsplânquico, normotipo normosplânquico e braquitipo megalosplânquico) e Pend (em 1922 com os tipos: longilíneo, mediolíneo e brevilíneo). Ainda segundo Weil (1967), Pend teria encontrado correspondentes caracterológicos<sup>86</sup> (bradipsíquico e taquipsíquico) nas suas classificações biotipológicas. Rego (1994) acrescenta que Pende e Viola foram influenciados por Lavater<sup>87</sup> e suas biopsicotipologias são aceitas ainda hoje por muitas pessoas.

O diário de classe da disciplina Psicologia de 1957 não foi encontrado entre os diários de classe. Contudo, tivemos acesso a um programa de disciplina, que serviu de base para as análises desse ano. Consta nesse material uma descrição ainda mais detalhada das aulas de Irene Lustosa, que continuou sendo a responsável pela disciplina. A expressão “moderna Psicologia” chamou nossa atenção, pois ela demonstra uma demarcação sobre qual a Psicologia estava sendo ensinada no curso de Enfermagem. Podemos ir além e dizer que essa era a Psicologia que estava sendo valorizada na época, ou seja, uma ciência com história e métodos de investigação definidos, e diferente da Psicologia filosófica. Na primeira aula, dizer sobre a “necessidade do seu estudo” deveria ser a explicitação da importância ou dos motivos da disciplina Psicologia em um curso de Enfermagem.

---

<sup>86</sup> Caracterológicos significa pertinente à caracterologia, que por sua vez é a ciência dos caracteres humanos. Essas ideias estão ligadas à tipologia.

<sup>87</sup> Lavater foi influenciado por Hipócrates e escreveu um livro com Gall sobre fisionomia e frenologia, em francês, que está disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k68212p.image.f284.langPT.tableDesMatières>> Acesso em 14 de jan de 2010. Fisionomia, segundo Johann Kaspar Lavater é a arte de conhecer o interior do Homem pelo seu exterior (Martinez, 1988), com base nas características do rosto.

Na quinta aula estudava-se “atenção” e eram apresentadas algumas teorias relativas ao assunto. No próximo assunto sabemos que a Psicanálise foi ensinada como teoria sobre a consciência, o subconsciente e os complexos. Alguns fatores eram abordados na disciplina como sendo os responsáveis pela formação da personalidade: “hereditariedade, ambiente familiar, meio econômico e cultural, educação”. Essa variação demonstra uma visão ampla da Psicologia sem priorização definida sobre aspectos biológicos ou ambientais como mais fortes nessa determinação da personalidade. Entretanto, prevalecia entre os autores ensinados pela professora, teóricos que consideravam aspectos comportamentais do homem como determinados pelo fator hereditário. Lourenço (2007) identificou as concepções psicológicas presentes na Faculdade de Direito de Minas Gerais e concluiu que a tendência inicial foi de um discurso organicista. Mesmo na década de 1950, quando ela identificou um discurso tecnicista, o organicismo mantinha-se forte. Apenas depois do início da década de 1960, segundo sua análise, surgiram considerações sobre o papel da cultura e da sociedade na produção da subjetividade. Verificamos que a mesma tendência ocorreu na EECC.

Como último ponto para análise da disciplina em 1957, citamos a aula sobre “caracteres biopsíquicos favoráveis e desfavoráveis à profissão”. Essa aula nos remete à pesquisa que Lustosa realizou para caracterizar as professoras de acordo com o seu biótipo. No caso da disciplina Psicologia no curso de Enfermagem, ela trabalhou numa direção similar, mas sobre a profissão de enfermeiro. Uma aula contendo esse tópico demonstra não só o interesse da professora pelo assunto, mas indica uma relação de suas pesquisas com sua atuação como docente.

As mudanças nas aulas em 1958 foram sutis. Temos, por exemplo, as aulas introdutórias acontecendo em três dias, com a separação no primeiro momento para ensinar “definições”, depois “motivos para o estudo da Psicologia” e por fim “métodos

para estudo de Psicologia”. Consciência e subconsciente são ensinados em aulas separadas, seguidos por uma aula de psicanálise com o tema “complexos”. Não houve aula programada sobre o sistema nervoso e a expressão “fenômenos psíquicos” também não esteve presente. Irene Lustosa falou de “inteligência anormal - tipos, níveis e causas” e não manteve “instintos” no programa. “Hábitos” se tornou assunto para uma aula e “aprendizagem” ocupou uma aula a mais. A professora não citou mais nenhum autor de referência nos anos posteriores, apenas em 1962. No tema “personalidade” foi anunciado o estudo do “eu” ao invés de “constituição do ‘eu’”.

Pequenas foram também as mudanças na disciplina para o ano de 1959. A aula “Psicanálise – complexos” não apareceu. “Memória” se tornou assunto de duas aulas, assim como “instintos”. Além disso, “vida afetiva” foi planejado para duas aulas, e não mais para três. “Aprendizagem” ganhou mais um dia. Não foi encontrado o diário de 1960 e nem o programa da disciplina. Contudo, referente ao ano de 1961 existem dois diários da disciplina Psicologia, ambas oferecidas pela Professora Irene Lustosa.

“Consciência” e “subconsciente” voltaram a ser ensinados juntos e ocuparam mais duas aulas em 1961. Na aula sobre métodos da Psicologia foi acrescentado “histórico”. A expressão “fenômenos psíquicos” foi novamente mencionada como tema de uma aula, assim como “imagem – percepção”. “Instintos”, além de ganhar mais uma aula, foi mais detalhado: “1) Instintos conceito, divisão; 2) Instintos educação; 3) Tendências instintivas – ‘necessidades’”. “Aprendizagem” saiu do programa e no assunto “personalidade”, a biotipologia não apareceu como sugestão de tema. O que encontramos de diferente no outro programa encontrado referente a 1961 foi a expressão “classificação dos fenômenos psíquicos” como tema de uma aula. “Vontade” apareceu como assunto isolado em uma aula. O último ano da Professora Irene Lustosa como docente da disciplina Psicologia na EECC foi 1962.

A professora separou novamente, em 1962, “consciente” de “subconsciente”. Manteve o estudo dos fenômenos psíquicos, mas não indicou nada referente às suas classificações. Indicou novamente o estudo da biotipologia no estudo da personalidade. “Ato voluntário” foi citado pela primeira vez, contudo, o que mais nos chamou atenção nesse ano foi a inclusão de “reflexos” no programa. Lustosa pode ter se referido à reflexologia de Pavlov.

Ivan Petrovich Pavlov (1849-1936)<sup>88</sup> foi premiado com o Nobel de Fisiologia/Medicina de 1904, por suas descobertas sobre os processos digestivos de animais. A partir desses estudos ele observou que podem ser desenvolvidos reflexos aprendidos ou condicionados, ocasionando ainda uma alteração de comportamento. Esse modelo de Psicologia foi desenvolvido por outros pensadores com forte base na experimentação. Mira y López, Allport, Kretschmer, Scheldon e Stevens continuaram sendo citados nas aulas sobre personalidade da professora Irene Lustosa.

Finalizando nossa análise, destacamos o Parecer nº 271, do Conselho Federal de Educação de 19 de outubro de 1962, que estabeleceu o currículo mínimo de Enfermagem mantendo a Psicologia entre os fundamentos de Enfermagem. Nesse momento o curso de Enfermagem tornou-se formação de Nível Superior. Foi também em 1962 que a formação e a profissão de psicólogo foram regulamentadas. Em Belo Horizonte entre os cursos mais antigos de formação de psicólogos estão os cursos oferecidos pela PUC (Pontifícia Universidade Católica), de 1958, e pela UFMG, de 1963.

---

<sup>88</sup> [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ivan\\_Petrovich\\_Pavlov](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ivan_Petrovich_Pavlov) acesso em 18 de jan de 2010. O Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina é um prêmio atribuído anualmente pelo Instituto Karolinska, da Suécia, recompensando pessoas que se destaquem nas áreas de investigação da Fisiologia ou da Medicina. É um dos prêmios internacionais de investigação científica instituídos em 1901 por Alfred Nobel, que foi químico e inventor sueco. Dentre suas invenções estão a dinamite e a borracha sintética. No seu testamento havia a indicação para que fosse criada uma fundação que premiasse anualmente as pessoas que mais tivessem contribuído para o desenvolvimento da Humanidade. Em 1900 foi criada a Fundação Nobel que atribua cinco prêmios em áreas distintas: Química, Física, Medicina, Literatura (atribuídos por especialistas suecos) e Paz Mundial (atribuído por uma comissão do parlamento norueguês).

## CAPÍTULO 4

### DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

*Existem duas maneiras de ser imparcial: a do cientista e a do juiz. Elas têm uma raiz comum na sua honesta submissão à verdade. O cientista registra, ou melhor, provoca o experimento que, talvez, inverterá suas mais caras teorias. O bom juiz, qualquer que seja o secreto desejo de seu coração, interroga as testemunhas sem outra preocupação senão conhecer os fatos, tais como se deram.*

*Bloch, 1949, p. 138*

Ao longo do texto fizemos interpretações e análises que serão sumariamente resgatadas nesse capítulo. Predominantemente identificamos nas fontes que pesquisamos confirmações de dados encontrados pelos pesquisadores da história da Psicologia. Percebemos que nosso olhar específico sobre o ensino de Psicologia no curso de Enfermagem permitiu-nos enxergar elementos particulares sobre a relação entre a Psicologia e a Enfermagem. A O foco sobre a disciplina Psicologia nos cursos de Enfermagem nos fez acessar os históricos de alunas da primeira turma da Escola de Enfermagem do Departamento Nacional de Saúde Pública (antiga Escola de Enfermagem Anna Nery) onde vimos que, desde a criação da Escola, alunas cursaram a disciplina Psicologia. A revisão bibliográfica não nos permitiu tal observação, apenas o acesso às fontes apontou para esse dado.

Esse fator de observação a partir do acesso às fontes faz resgatar nosso referencial metodológico na pesquisa histórica. Não apenas o acesso às fontes é valorizado, mas também a diversidade delas. Na nossa investigação tivemos a

comprovação disso, pois a análise dos históricos escolares das primeiras alunas da Escola de Enfermagem do Departamento Nacional de Saúde Pública nos fez afirmar sobre a existência do ensino de Psicologia nesse espaço. Tal informação foi importante para nossas análises. A razão dessa importância deve-se ao Decreto n. 20.109 de 15 de junho de 1931, pois ele fixou que as demais escolas de Enfermagem deveriam seguir o padrão da EEAN. A partir dessa norma, a Escola serviu de modelo para os demais cursos de Enfermagem do Brasil. Nesse contexto, a presença da disciplina Psicologia no curso modelo pode ter contribuído para uma expansão do ensino de Psicologia nos cursos de Enfermagem no país.

Concluimos também que na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto houve ensino de Psicologia desde a década de 1920, apesar de nossas suspeitas indicarem que a Psicologia era ensinada nessa Escola a partir de 1903, quando Juliano Moreira reorganizou o Hospício e a Escola, elaborando um currículo para o curso de Enfermagem. Além disso, Juliano Moreira foi o responsável pela instalação em 1907 do laboratório de Psicologia no Hospital Nacional de Alienados. Esse laboratório está entre os primeiros laboratórios de Psicologia no Brasil.

Outra conclusão elaborada a partir da pesquisa foi sobre o papel dos médicos na relação entre Psicologia e Enfermagem. Percebemos que os médicos intermediaram a entrada da Psicologia na Enfermagem. Eles foram os principais responsáveis pela criação de cursos de Enfermagem, além de terem sido grandes divulgadores da Psicologia brasileira. Os médicos estiveram à frente na criação dos laboratórios de Psicologia mencionados no texto e tais laboratórios estavam presentes nos mesmos espaços em que se iniciaram cursos de Enfermagem. Os primeiros docentes nos cursos de Enfermagem foram também os médicos, que ensinaram, a partir das disciplinas teóricas, conteúdos de Psicologia para os enfermeiros. Essa função foi ainda mais clara

entre os profissionais que aderiram ao movimento do higienismo. Pudemos identificar com clareza que os higienistas no Brasil apoiaram-se nas teorias da Psicologia para aperfeiçoar e fundamentar algumas de suas ações.

A Enfermagem na saúde pública valeu-se ainda mais das teorias da Psicologia. No curso da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, a disciplina Psicologia foi considerada, no Decreto 17805/1927, indispensável para a educação médico-social e era oferecida para a formação das visitadoras sociais. A Psicologia parece ter respondido de forma eficiente sobre as ações de Enfermagem em saúde pública. A Psicologia ofereceu ideias para o projeto profilático brasileiro, auxiliando no desenvolvimento do país e prevenindo algumas das consequências negativas decorrentes desse desenvolvimento.

Vimos que foram utilizados no Brasil, modelos de Enfermagem de outros países, especialmente da França, Inglaterra e Estados Unidos. Sobre esses modelos importados, identificamos que os brasileiros não copiaram passivamente o que era feito fora do Brasil, até porque os modelos citados possuem divergências entre eles. Assim, o conjunto de saberes construídos fora do Brasil permitiu uma adaptação “abrasileirada” da Psicologia para a formação de enfermeiros brasileiros.

Além do papel dos médicos no desenvolvimento e divulgação da Psicologia brasileira, localizamos a participação de educadores e religiosos nessa tarefa. A disciplina Psicologia foi lecionada por pessoas ligadas à área da Educação e que foram também professores em curso Normal, como por exemplo, J. P. Fontenelle, da Escola de Enfermagem do Departamento Nacional de Saúde Pública. Ele lecionou a disciplina Higiene na Escola Normal do Rio de Janeiro, esteve envolvido com a temática da educação infantil e, além disso, participou da LBHM. Encontramos entre os professores de Psicologia na EECC padres da Igreja Católica. Padre Negromonte, por exemplo, deu aula de Psicologia na EECC e publicou livros sobre Educação (ex. Figura 4, p.80).

Outros autores da História da Psicologia encontraram dados semelhantes sobre a presença de médicos, religiosos e educadores no desenvolvimento da Psicologia.

Pelo que observamos, os atores envolvidos com a Psicologia brasileira mantinham um contato entre si. Havia um intercâmbio de profissionais, que ofereciam cursos em diferentes regiões do país e distintas áreas do conhecimento. J. P. Fontenelle, por exemplo, participou do Segundo Congresso Brasileiro de Higiene Mental, em Belo Horizonte, em 1924. Mira y López auxiliou na criação no SOSF, em Belo Horizonte. Waclaw Radecki ministrou, em 1929, um curso de Psicologia na Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais. Percebemos também, por esses exemplos, a presença da Psicologia da Educação no discurso da Psicologia Médica e, portanto, o perpasso da Educação na relação entre Psicologia e Enfermagem.

Identificamos uma tendência organicista nos conteúdos ensinados na disciplina Psicologia da EECC. Esse dado corrobora com a tese de Lourenço (2007), que também observou nas ideias da Psicologia presentes na Faculdade de Direito de Minas Gerais, um discurso organicista. Lombroso, teórico que foi estudado tanto no curso de Enfermagem da EECC quanto na Faculdade de Direito nas respectivas disciplinas da Psicologia, pode ser considerado como um representante de tal corrente. Ele buscava no biológico as explicações, geralmente deterministas, para o comportamento humano. As concepções psicológicas mais difundidas pareciam seguir essa linha, embora não se restringissem a isso.

Citamos no texto o processo do desenvolvimento profissional da Enfermagem, que passou pela criação de uma formação profissional sistematizada. Esse processo foi conflituoso, pois o campo de atuação do enfermeiro já existia no Brasil e era ocupado por pessoas que não haviam necessariamente passado por uma formação profissional. A obrigatoriedade de um curso oficial que oferecesse não apenas um ensino prático, mas

contemplasse uma formação, sobretudo teórica, foi conquistada pelas enfermeiras diplomadas por meio de um movimento político. Essa sistematização da formação diferenciou a profissão de Enfermagem da assistência social voluntária, oferecida por religiosos e pelas chamadas enfermeiras leigas. Há indícios de que a Psicologia teve um papel no processo de legitimação das enfermeiras diplomadas, que se tornaram o padrão a ser seguido. Isso porque a Psicologia respaldou outras áreas de conhecimento, como a Educação, tornando a formação de professores mais científica e pode, portanto, ter respaldado a Enfermagem de forma semelhante. Talvez por esse papel, a Psicologia ensinada nos cursos de Enfermagem primava pelo que havia de científico na Psicologia. De qualquer forma, esse era o padrão mais valorizado no período investigado.

A Psicologia ainda não havia se estabelecido oficialmente como ciência autônoma entre o final do século XIX até meados do século XX, pois foi regulamentada em 1962. A Enfermagem pode ser incluída como campo de divulgação e desenvolvimento da Psicologia no Brasil, visto que, a partir do início do século XX, a Psicologia esteve presente em cursos de Enfermagem. A legislação reforçou a presença do ensino de Psicologia nesses cursos. A Lei 775, de 06 de agosto de 1949, que dispôs sobre ensino de Enfermagem no país e deu outras providências, incluiu a Psicologia no currículo de Enfermagem. O Parecer n. 271, de 19 de outubro de 1962, do Conselho Federal de Educação manteve essa ideia e estabeleceu a Psicologia Geral entre os fundamentos de Enfermagem, reforçando nossa afirmação de que a Enfermagem pode ser investigada na própria história da Psicologia.

## CAPÍTULO 5

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

*O que chamamos princípio é quase sempre o fim  
e alcançar um fim é alcançar um princípio*

*Fim é o lugar de onde partimos*

Th. St. Eliot – Little Gidding, 1963, p. 233-4.

Esta dissertação apresenta contribuições para a historiografia da Psicologia, pois inclui a Enfermagem como campo de pesquisa no desenvolvimento da Psicologia brasileira. Outros enfoques podem ser trabalhados na relação entre a Psicologia e a Enfermagem, como o papel que a Psicologia teve na legitimação do grupo que defendia uma formação científica e estruturada para os profissionais da Enfermagem. Uma pesquisa sobre a formação que os enfermeiros leigos recebiam pode servir de comparativo sobre a função da Psicologia nos cursos oficiais de Enfermagem, que formavam as diplomadas.

Nossas questões iniciais foram respondidas com a pesquisa realizada, mas outras perguntas apareceram. Identificamos personagens que fizeram parte da história do ensino de Psicologia na Enfermagem, contudo o papel de alguns deles nesse cenário pode ser investigado em pesquisas futuras. Padre Negromonte e J. P. Fontenelle, por exemplo, podem ser eleitos como representantes da Igreja Católica e da Medicina, respectivamente, para fornecerem dados sobre a participação de religiosos e de médicos no desenvolvimento da Psicologia brasileira. Um estudo nessa direção indicaria ainda, aspectos da relação entre religiosos e médicos no processo de profissionalização dos psicólogos no Brasil. Esses dois grupos podem ter sido concorrentes e/ou complementares no desenvolvimento da Psicologia brasileira.

A relação entre Psicologia, Educação e Higiene Mental também pode ser mais trabalhada. Esse foi um ponto suscitado na pesquisa de mestrado e que merece uma investigação futura aprofundada. Construimos hipóteses de que o discurso da Psicologia, da Educação e do Higienismo eram similares e complementares, mas possíveis divergências entre as falas difundidas no contexto dessas áreas não foram identificadas. Suas semelhanças foram feitas com bases em inferências e uma fundamentação rasa. Identificamos alguns limites neste trabalho e consideramos que dados sobre o higienismo e sua relação com o ensino de Psicologia talvez seja o mais aparente desses limites.

A necessidade de nos aproximar da história da Enfermagem, que nos era totalmente desconhecida, fez com que alguns aspectos da história da Psicologia não fossem abarcados neste texto. Estudos sobre o movimento feito pelos profissionais da Psicologia para a regulamentação da profissão, por exemplo, não foram contemplados, mas poderiam ter direcionado a pesquisa para outras análises e outras conclusões possíveis. Como declaramos no início deste trabalho, numa pesquisa acadêmica de história, as escolhas do pesquisador já direcionam as fontes investigadas e as perguntas a esses documentos. Apesar de não controlarmos essas escolhas, tentamos ter consciência delas ao longo da investigação.

Na pesquisa, procuramos incluir aspectos políticos, sociais e econômicos que formam o emaranhado na rede de acontecimentos estudados. Entretanto, pela complexidade desses fatos, seria impossível contemplar o contexto histórico em sua totalidade, até porque nossa formação é em Psicologia e não em História. Reforçamos que outras escolhas poderiam ter sido feitas e outras conclusões seriam geradas a partir daí. A imparcialidade não é viável, mesmo quando tentamos manter uma posição crítica e reflexiva.

Esperamos ter aberto um horizonte a ser explorado por mais pesquisadores para que aumentem nossos conhecimentos e nossos argumentos sobre o ensino de Psicologia na Enfermagem. Muitas escolas de Enfermagem possuem acervos bem preservados, como a EECC e, quanto mais elementos tivermos, mais afirmações poderemos fazer sobre o ensino de Psicologia na Enfermagem e também sobre a história da Psicologia brasileira.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABADE, Flávia Lemos. Orientação profissional no Brasil: uma revisão histórica da produção científica. *Rev. bras. orientac. prof*, jun. 2005, vol.6, no.1, p.15-24. Disponível em: <[http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php?pid=S1679-33902005000100003&script=sci\\_arttext](http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php?pid=S1679-33902005000100003&script=sci_arttext)> Acesso em 14 de jan de 2010.
- ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino (2007). *A Psicologia no Brasil: leitura histórica sobre sua constituição*. São Paulo: Marco Editora e EDUC. 5ª edição. (original de 1998). 134p.
- ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino (2004). *A Psicologia no Brasil no século XX: desenvolvimento científico e profissional*. In: Massimi, Marina; Guedes, Maria do Carmo (organizadoras). *História da Psicologia no Brasil – novos estudos*. São Paulo, Educ, Editora Cortez, 2005. p. 109 a 152.
- ASSUNÇÃO, Maria Madalena Silva. *A Psicologia da Educação e a construção da subjetividade feminina (Minas Gerais – 1920-1960)*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2002. Disponível em: <[http://www.fae.ufmg.br/portalmineiro/portal/conteudo/hiseduminas/index\\_teses.htm](http://www.fae.ufmg.br/portalmineiro/portal/conteudo/hiseduminas/index_teses.htm)> Acesso em 07 Nov de 2009.
- BARROS, José D'Assunção (2007). *Justificativa e objetivos*. In *O projeto de pesquisa em história: da escolha do tema ao quadro teórico*. Capítulo 4. p 67 a 78. 3ª edição. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes.
- BASILE, Marcelo Otavio. In: *Historia Geral do Brasil*. Linhares (org.). Cap. 6 O Império Brasileiro: panorama político. 9ª. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990. 16ª impressão.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin (2001). *Apologia da história: ou o ofício de historiador*. Tradução de André Telles. Título original: *Apologie pour l'histoire, ou, Métier d'historien*, publicado em 1949. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BOARINI, Maria Lúcia. *O Higienismo na Educação Escolar*. Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação em 2006. Disponível em [http://www.faced.ufu.br/columhe06/anais/arquivos/589maria\\_lucia\\_boarini.pdf](http://www.faced.ufu.br/columhe06/anais/arquivos/589maria_lucia_boarini.pdf).

Acesso em 14 de jan de 2010.

BOCK, Ana Mercês Bahia. *A Psicologia no Brasil tem história*. In *Aventuras do Barão de Munchhausen na Psicologia*. São Paulo. Educ Cortez editora, 1999. 207 p.

BOSCHI, Maria de Fátima Lobo. *A Psicologia na formação do professor: a Psicologia nos programas dos cursos normais em Belo Horizonte (1930-1940)*. 2000. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2000.

BROZEK, Josef e MASSIMI, Marina (org) *Historiografia da Psicologia Moderna*, Edições Loyola, São Paulo, 1998.

BRASIL. Congresso Nacional. Decreto n. 17.805 de 23 de maio de 1927. Aprova o regulamento para execução dos serviços da Assistência a Psychopathas no Districto Federal. Disponível em:

<<http://www2.camara.gov.br/internet/legislacao/legin.html/visualizarNorma.html?idNorma=499073&PalavrasDestaque=>>>. Acesso em: 17 jun. 2009.

BRASIL. Congresso Nacional. Decreto n. 20.109 de 15 de junho de 1931. Regula o exercício da Enfermagem no Brasil e fixa, as condições para a equiparação das escolas de Enfermagem. Disponível em:

<<http://www2.camara.gov.br/internet/legislacao/legin.html/visualizarNorma.html?idNorma=544273&PalavrasDestaque=>>>. Acesso em: 17 jun. 2009.

BRASIL. Congresso Nacional. Decreto n. 791 de 27 de setembro de 1890. Cria no Hospício Nacional de Alienados uma escola profissional de enfermeiros e enfermeiras. Disponível em: <  
<http://www2.camara.gov.br/internet/legislacao/legin.html/visualizarNorma.html?ideNorma=503459&PalavrasDestaque=>>. Acesso em: 17 jun. 2009.

BRASIL. Congresso Nacional. Decreto n. 82 de 18 de junho de 1841. Fundando hum Hospital destinado privativamente para tratamento de Alienados, com a denominação de Hospício de Pedro Segundo. Disponível em:  
<<http://www2.camara.gov.br/internet/legislacao/legin.html/visualizarNorma.html?idNorma=561222&PalavrasDestaque=>>. Acesso em: 17 jun. 2009.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei 775 de 06 de agosto de 1949. Dispõe sobre ensino de Enfermagem no País e dá outras providências. Disponível em:  
<<http://www2.camara.gov.br/internet/legislacao/legin.html/visualizarNorma.html?idNorma=363891&PalavrasDestaque=>>. Acesso em: 17 jun. 2009.

BRASIL. Congresso Nacional. Decreto nº 27.426/49, de 14 de novembro de 1949. Aprova do Regulamento Básico para os cursos de Enfermagem e de Auxiliar de Enfermagem. Disponível em: acervo de documentos da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto da Universidade do Rio de Janeiro.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei n. 2.040 de 28 de setembro de 1871. Lei do Ventre Livre. Declara de condição livre os filhos de mulher escrava que nascerem desde a data desta lei, libertos os escravos da Nação e outros, e providencia sobre a criação e tratamento daquelles filhos menores e sobre a libertação annual de escravos. Disponível em:  
<<http://www2.camara.gov.br/internet/legislacao/legin.html/visualizarNorma.html?idNorma=538828&PalavrasDestaque=>>. Acesso em: 17 jun. 2009.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei n. 3.353 de 13 de maio de 1888. Lei Áurea. Declara extinta a escravidão no Brasil. Disponível em:

<<http://www2.camara.gov.br/internet/legislacao/legin.html/visualizarNorma.html?idNorma=533138&PalavrasDestaque=>>>. Acesso em: 17 jun. 2009.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei n. 4.119 de 27 de agosto de 1962. Dispõe sobre os cursos de formação em Psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo.

Disponível em:  
<<http://www2.camara.gov.br/internet/legislacao/legin.html/visualizarNorma.html?idNorma=353841&PalavrasDestaque=>>>. Acesso em: 17 jun. 2009.

BRASIL. Congresso Nacional. Senado Federal. Decreto-lei n. 4.725 de 22 setembro de 1942. Reorganiza a Escola Profissional de Enfermeiros criada pelo decreto n. 791, de 27 de setembro de 1890, e dá outras providências. Disponível em:

<<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=11810>>.  
Acesso em: 17 jun. 2009.

GUEDES, Maria do Carmo & CAMPOS, Regina Helena de Freitas. Estudos em história da Psicologia. São Paulo: EDUC, 1999. p. 97 – 118.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. História da Psicologia e História da Educação: conexões. In: FONSECA, Thais Nívia de Lima; VEIGA, Cynthia Greive (orgs.). *História e Historiografia da Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p.129.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas (org.). Dicionário biográfico da Psicologia no Brasil: Pioneiros. Imago Editora. Rio de Janeiro, 2001. 461 p.

CARDOSO, Ciro Flamarion. História e Paradigmas rivais. In Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. Cardoso, Ciro Flamarion e Vainfas, Ronaldo (org.). Rio de Janeiro. Elsevier. 1997. 19ª reimpressão. p. 1 – 23.

- CHERVEL, André. A história das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisas. *Revista Teoria & Educação*, 1990.
- DAVIDOFF, Linda L. (2001). *Introdução à Psicologia*. Terceira edição. São Paulo. Makron Books. Tradução Lenke Perez. Revisão técnica: José Fernando Bittencourt Lômaco. Título original: *Introduction to Psychology: Third Edition*.
- DORNELLES, Soraia. Processo de trabalho e organização trabalhista. In *História da Enfermagem – versões e interpretações*. Rio de Janeiro RJ. 1995. Editora Revinter. Parte III, p. 87-161.
- FARAH, Olga Guilhermina Dias; SÁ, Ana Cristina de. *Psicologia Aplicada a Enfermagem*. São Paulo. 2008. Editora: Manole. 192p.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 12. ed., 2. reimp, Editora da Universidade de São Paulo, 2007, São Paulo. 657p
- FAZZI, Ernani Henrique. O laboratório de Psicologia da escola de aperfeiçoamento de Belo Horizonte: (1929-1946). Dissertação de mestrado. 2005. Faculdade de Educação.
- FERREIRA, Arthur Leal. O múltiplo surgimento da Psicologia. In *História da Psicologia – rumos e percursos*. Jacó-Vilela, Ana Maria; Ferreira, Arthur Arruda Leal; Portugal, Francisco Teixeira. Rio de Janeiro, Editora NAU. 2005. Cap1. p. 13 – 46.
- FIGUEIREDO, Luís Cláudio M. & Santi, Pedro Luiz Ribeiro de. *Psicologia uma (nova) introdução – uma visão histórica da Psicologia como ciência*. 3ª edição. São Paulo: Educ, 2008. 104 p.
- FREITAS, Genival Fernandes. A responsabilidade ético-legal do enfermeiro. (Cap. 9). In Oguisso, Taka (org). *Trajetória histórica e legal da Enfermagem*. Barueri, SP,

2007 2ª. Edição ampliada. Barieri, SP. Editora Manole, série Enfermagem. p 209 – 236.

Fundação Oswaldo Cruz (s/d): Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil. Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras. Disponível em: <<http://www.coc.fiocruz.br/observatoriohistoria/verbetes/escproenf.pdf>>. Acesso em: 07 de junho de 2009.

GEOVANINI, Telma. Uma abordagem dialética da Enfermagem. In *História da Enfermagem – versões e interpretações*. Rio de Janeiro RJ. 1995. Editora Revinter. Parte I p.1-39.

GEOVANINI, Telma & Colaboradores. *História da Enfermagem – versões e interpretações*. Rio de Janeiro RJ. 1995. Editora Revinter. 205p.

GOMES, William B. (Org.). *Psicologia no Estado do Rio Grande do Sul*. MuseuPSI, Porto Alegre, novembro 2006.

HERRNSTEIN, Richard J. & BORING, Edwin G. A natureza da Psicologia. In *Textos básicos de história da Psicologia*. Tradução Dante Moreira Leite. Editora Herder. Editora da Universidade de São Paulo. 1971. Original America de 1966. A Source Book in the History of Psychology. Cambridge, Massachusetts.

INSTITUTO OSWALDO CRUZ. Biblioteca (1959). Carlos Chagas (1879-1934) bio-bibliografia. Cinquentenário da descoberta da doença de Chagas. Rio de Janeiro: Instituto Oswaldo Cruz, 44 p.

LAROCCA, P. O saber psicológico e a docência. *Psicologia Ciência e Profissão*, Brasília, 2000. V. 20, n. 2, p. 60-65.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento, In *História e Memória*. 3ª edição. Campinas, São Paulo. Editora UNICAMP, 1994.

LE GOFF, Jacques. A História Nova. São Paulo: Martins Fontes. 2005. Título Original: La Nouvelle Histoire. Original publicado em 1978.

LEMOS, Marina. *O cientificismo na escola brasileira no final do século XIX e início do século XX*. In: 3º Simpósio Fazendo Arte na Ciência; 4º Simpósio Ciência, Arte e Cidadania; 1º Simpósio Psicanálise, Arte e Barroco, Universidade Federal de São João Del Rei. Caderno de Resumos Ciência e Arte 2008. São João Del Rei, Minas Gerais, 2008. p. 65.

LIRA, Nazareth Freire de & BOMFIM, Maria Eliza de Souza. A História da Enfermagem e Legislação. Rio de Janeiro, RJ. 1989. Editora Cultura Médica. 68 p.

TRIPICCHIO, Adalberto. Tipo Constitucional. Redepsi - Categoria: Psicopatologia Clínica e Forense. 14-Fev-2008. Disponível em: <http://www.redepsi.com.br/portal/modules/wordbook/print.php?entryID=799>  
Acesso em: 12 de jan de 2010.

LOURENÇO, Erika. A Criminologia entre a Biologia e a Educação: o discurso sobre o Psicológico na Revista da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais (1892 – 1962). Tese de doutorado apresentado na Faculdade de Educação. Belo Horizonte, 2007. Universidade Federal de Minas Gerais.

LUNARDI, Valéria Lerch. História da Enfermagem – rupturas e continuidades. Pelotas, RS, 1998. Editora e Gráfica Universitária, UFPel. 74 p.

MACHADO, Wiliam César Alves. Reflexão sobre a prática profissional do enfermeiro. In *História da Enfermagem – versões e interpretações*. Rio de Janeiro RJ. 1995. Editora Revinter. Parte IV. p. 164-204.

MAIA, Marcus. Aula 6: A Modularidade da Mente. Forum de Ciência e Cultura - Textos Seminais em Linguagem e Cognição. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 10 de abril de 2002. Disponível em:

[www.museunacional.ufrj.br/.../Modularidade%20da%20Mente%20-%20Fodor.doc](http://www.museunacional.ufrj.br/.../Modularidade%20da%20Mente%20-%20Fodor.doc) Acesso em 12 de jan de 2010.

- MANZOLLI, Maria Cecília. A Psicologia em escolas de saúde: em Enfermagem. In Manzolli, Maria Cecília; Carvalho Emília Campos; Rodrigues, Antonia R. Foregatto. Psicologia em Enfermagem. São Paulo: editora Sarvier, 1981. p.3-13.
- MANZOLLI, Maria Cecília. Formação do enfermeiro – contribuições da Psicologia. São Paulo: editora Sarvier, 1985. 94 p.
- MASSIMI, Marina. História da Psicologia brasileira – da época colonial até 1934. Editora EPU (editora pedagógica e universitária ltda). São Paulo. 1990. 84 p.
- MASSIMI, Marina. O lugar do conhecimentos psicológicos na cultura luso-brasileira, do século XVI ao século XVIII. In Estudos em história da Psicologia. Guedes, Maria do Carmo & Campos, Regina Helena de Freitas. São Paulo: EDUC, 1999. p. 97 – 118
- MASSIMI, Marina. Idéias psicológicas na cultura luso-brasileira, do século XVI ao século XVIII. In História da Psicologia – rumos e percursos. Jacó-Vilela, Ana Maria; Ferreira, Arthur Arruda Leal; Portugal, Francisco Teixeira. Rio de Janeiro, Editora NAU. 2005. Cap 3 p. 75 – 83.
- MASSIMI, Marina. O processo de institucionalização do saber psicológico no Brasil do século XIX. In História da Psicologia – rumos e percursos. Jacó-Vilela, Ana Maria; Ferreira, Arthur Arruda Leal; Portugal, Francisco Teixeira. Rio de Janeiro, Editora NAU. 2005. Cap 9 p. 159 – 168.
- MATOS, GOMES DE, Evandro; MATOS, GOMES DE Thania Mello; MATOS, GOMES DE, Gustavo Mello. A importância e as limitações do uso do DSM-IV na prática clínica. Rev. psiquiatr. Rio Gd. Sul, Porto Alegre, v. 27, n. 3, Dec. 2005

- Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-81082005000300010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81082005000300010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 13 Jan. 2010.
- MOREIRA, Almerinda. Desmistificando a origem da Enfermagem brasileira. In *História da Enfermagem – versões e interpretações*. Rio de Janeiro RJ. 1995. Editora Revinter. Parte II p.41-86.
- MOREIRA, Almerinda. A Profissionalização da Enfermagem. In OGUISSO, Taka (org). *Trajetória histórica e legal da Enfermagem*. Barueri, SP, 2007 2ª. Edição ampliada. Barueri, SP. Editora Manole, série Enfermagem. Cap. 4. p. 98 - 119.
- NASCIMENTO, Esterlina. S; SANTOS, Geralda Fortina dos; CALDEIRA, Valda P. *Criação, cotidiano e trajetória da Escola de Enfermagem da UFMG*. Belo Horizonte, MG. 1999. Escola de Enfermagem da UFMG. p. 26-41.
- NATRIELLI Filho, Décio Gilberto. Evolução Histórica do Conceito – Tipologias Humanas ou Tipos de Personalidade. In *Neurobiologia da Personalidade. Temas e Prática do Psiquiatra*. Volume 32. N.62-63. P. 1-152. Jan/Dez 2002, São Paulo.
- OGUISSO, Taka (org). *Trajetória histórica e legal da Enfermagem*. Barueri, SP, 2007 2ª. Edição ampliada. Barueri, SP. Editora Manole, série Enfermagem. 277 p.
- PAIXÃO, Waleska. *História da Enfermagem*. Rio de Janeiro, editora Bruno Buccini, 1969. 4a. Edição revisada e aumentada. '132'p.
- ORLANDO, Evelyn de A. & NASCIMENTO, Jorge C. do. A Igreja Católica e a Educação Brasileira: Álvaro Negromonte e o Discurso de Moralização da Nação. *Scientia plena*. Volume 3, número 5. p. 180 a 185. Disponível em: <[http://www.scientiaplena.org.br/sp\\_v3n5p180\\_185.pdf](http://www.scientiaplena.org.br/sp_v3n5p180_185.pdf)> Acesso em 08 de jan 2010.
- PENNA, Antônio Gomes. *História da idéias psicológicas*. Rio de Janeiro, Editora Imago. 2ª edição, 1991. 151p.

- PEREIRA, Fernanda Martins e NETO, André Pereira (2003). O Psicólogo no Brasil: notas sobre seu processo de profissionalização. *Psicologia em Estudo*, v.8(2). p.19-27.
- PESSOTTI, Isais. Dados para uma história da Psicologia no Brasil. *Psicologia. Revista Semestral*. Maio, 1975. Ano1. p. 1 – 14.
- PESSOTTI, Isaiás. Notas para uma história da Psicologia brasileira. In: Conselho Federal de Psicologia (Org.) - Quem é o psicólogo brasileiro? São Paulo: Edicon, Educ e Edufpr, 1988. p.17-31.
- PESSOTTI, Isaias. Sobre a teoria da loucura no século XX. *Revista Temas em Psicologia* Volume 14 número 2. 2006 p. 113-123. Publicado na verdade em 2009. Disponível em : <http://www.sbponline.org.br/revista2/vol14n2/v14n2a02t.htm>  
Acesso em 13 de jan de 2010.
- PORTO, F. (Org.); AMORIM, W. M. (Org.). *História da Enfermagem Brasileira: Lutas, Ritos e Emblemas*. Rio de Janeiro: Águia Dourada, 2008. 368 p.
- REGO, Ricardo Amaral. Psicoterapia e Corpo. I – Biopsicotipologias. *Revista Reichiana* 3. Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo, 1994, p. 24-43. Disponível em: <http://www.ibpb.com.br/Tipologias.doc> Acesso em 13 jan de 2010.
- REIS, José Roberto Franco. *De pequenino é que se torce o pepino: a infância nos programas eugênicos da Liga Brasileira de Higiene Mental*. *História, Ciências, Saúde –Manguinhos*, VII(1): 135-157, mar.-jun. 2000. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010459702000000200007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010459702000000200007&script=sci_arttext).  
Acesso em 10 de jan de 2010.
- RIBEIRO, Lourival (1964). *Figuras e fatos da medicina no Brasil*. Rio de Janeiro. Sociedade Brasileira de Tuberculose. 187p.

- ROCHA, Nádía Maria Dourado (2004) A Faculdade de Medicina da Bahia e a Preocupação com Questões de Ordem Psicológica durante o Oitocentos. In Massimi, Marina e Guedes, Maria do Carmo (Orgs) - História da Psicologia no Brasil: novos estudos. São Paulo: EDUC e Cortez. 89 - 107.
- SAMARA, Eni de Mesquita & TUPY, Ismênia S. Silveira. História & Documento e metodologia de pesquisa. Belo Horizonte. Autêntica, 2007. 168p.
- SANTOS, Sebastião Dobel. *Florence Nightingale*. Livraria Freitas Bastos S.A. Rio de Janeiro, RJ. s/d. 78 p.
- SANTOS, Luiz Antonio de Castro & FARIA, Lina. O ensino da Saúde Pública no Brasil: os primeiros tempos no Rio de Janeiro. Publicado em *Trabalho, Educação e Saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz, Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Vol. 4 n. 2, Setembro 2006, p. 291-324. Disponível em: [http://www.ims.uerj.br/downloads/trabalho\\_educacao\\_saude\\_texto\\_castro\\_santos\\_e\\_faria.pdf](http://www.ims.uerj.br/downloads/trabalho_educacao_saude_texto_castro_santos_e_faria.pdf). Acesso em 10 de jan de 2010.
- SANTOS, Geralda Fortina dos; Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação. *Escola de Enfermagem Carlos Chagas (1933-1950): A Deus – pela humanidade – para o Brasil*. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. 2006. 308p.
- SILVA, Tomaz Tadeu. Documentos de Identidade – uma introdução às teorias do currículo. Editora Autêntica. 2002.
- SILVEIRA, Renato Diniz; Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação. *Projeto Lopes Rodrigues: continuidades e rupturas nas conexões entre ensino psiquiátrico e prática assistencial em Minas Gerais (1920-1930)*. 2008. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

- SIMÕES, Cleamaria e colaboradoras. *Considerações sobre: modalidades da assistência de Enfermagem no Brasil no período de 1900 a 1945*. Bauru: Universidade de Sagrado Coração, 1986. 31p. Cadernos de Divulgação Cultural.
- SCHULTZ, Diane P. & SCHULTZ, Sydney Ellen. *História da Psicologia Moderna*. Tradução Suely Sonoe Murai. São Paulo: Thomson Learnig, 2007. Título original *A history os modern psychology*. 4ª. reimpressão da 1ª. edição de 2005. 484 p. Tradição da 8ª edição norte-americana.
- SOUZA JÚNIOR, Marcílio & GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *História das disciplinas escolares e história da educação: algumas reflexões*. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 391-408, set./dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a05v31n3.pdf> Acesso em 21 de jan de 2010.
- VIDAL, Fernando. “A mais útil de todas as ciências.” *Configurações da Psicologia desde o Renascimento tardio até o fim do Iluminismo*. In *História da Psicologia – rumos e percursos*. Jacó-Vilela, Ana Maria; Ferreira, Arthur Arruda Leal; Portugal, Francisco Teixeira. Rio de Janeiro, Editora NAU. 2005. Cap 2 p. 47 – 74.
- TOMANARI, Sílvia Assumpção do Amaral. *Segmentação de Mercado com enfoque em valores e estilo de vida (Segmentação Psicográfica) – um estudo exploratório*. Dissertação de mestrado em Ciências da Comunicação na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003. 464 p.
- VIEIRA, Rita de Cássia. *O psicólogo e o seu fazer na Educação: contando uma outra história*. Tese de Doutorado (Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2008.
- WEIL, Pierre. *Manual de Psicologia Aplicada*. Belo Horizonte, outubro de 1967.
- Disponível em:

<<http://www.pierreweil.pro.br/Livros/Portugues/on%20line/Manual%20de%20Psicologia%20Aplicada.pdf>> Acesso em 12 de jan de 2010.

WERTHEIMER, Michael. Pequena História da Psicologia. São Paulo, Editora Nacional. 1977. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. 3ª edição. 208 p.

## ANEXO

### Anexo 1 – Programa da disciplina Psicologia no curso da EECC em 1949

Psicologia: definição, objeto, importância
Alma vegetativa, sensitiva e intelectual. Faculdade
Sensação. Sentidos
Percepção
Estados afetivos
Emoções: causas, efeitos. Controle das emoções
Algumas emoções: medo e cólera
Simpatia, amor, amizade – reações de defesa; sublimação
Simpatia, amor, amizade. Compensação, sublimação (continuação)
Inteligência: tipos, medida. Etapas.
Aplicação de um teste mental (T)
Prova escrita sobre a matéria dada
Comentário da prova. Memória
Memória e testemunho
Imaginação
Ligeira recapitulação – atenção
Aprendizagem – tipos. Leis
Hábitos – características
Hábitos: formação e eliminação
Glândulas endócrinas e influência no psiquismo
Fatores da personalidade
Tipos de personalidade

Prova parcial
Comentário da prova parcial
Personalidade
Personalidade ajustada e desajustada
Vontade como fator da personalidade
Aplicação das noções às doenças
Psicologia da Enfermagem
Prova escrita final
Prova oral

Anexo 2 - Programa da disciplina Psicologia no curso da EECC em 1950

Psicologia – Objeto – vantagens do estudo. Métodos
Sensações – Elementos, Mecanismos, espécies, Sentidos e excitantes.
Percepção. Perturbações da perturbação. O sistema nervoso
Emoções físicas e morais. Sentimentos, emoções, paixões.
Classificação das emoções. o medo, a cólera, o amor.
Controle das emoções. Substituição. Sublimação
Atenção: formas, papel, perturbações
Consciência. Subconsciente; complexos; psicanálise
Memória
Memória e testemunho
Prova parcial
Comentário das provas.
Imaginação

Inteligência – evolução –
Inteligência – papel – definições – passos da inteligência
Inteligência graus – tipos. Anormais mentais
Instintos: divisão, educação
Instintos: característicos. Os instintos e os interesses
Personalidade, constituição e temperamento
Personalidade formação Kretsehsner e Sheldou Stevens
Personalidade Tipos de Yung e Sprangers
Personalidade glândulas endócrina. Personalidade ajustada e desajustada
Prova parcial
Vontade – educação evolução
Aprendizagem. Leis de associação
Aprendizagem. Leis de aprendizagem. Tipos de aprendeizagem
Hábitos - sua formação
Aplicação de princípios psic. a Enfermagem
Psicologia da Enfermagem
Prova escrita final
Prova oral

### Anexo 3 – Programa da disciplina Psicologia no curso da EECC em 1951

Que é Psicologia. Importância do estudo.
Ligeiro histórico e métodos
Sensação: elementos – diversos sentidos.
O sistema nervoso: suas partes e funcionamentos

A percepção. A atenção
Consciência. Subconsciente. Complexos
Memória; funções; leis de associação
Imaginação
Inteligência
Inteligência (continuação)
Prova parcial
Comentário das provas
Estudo da vida afetiva
Classificação das emoções. Controle
Origem das emoções. Substituição. Sublimação
Personalidade, pessoa, temperamento, caráter, constituição
Personalidade: fatores inatos e adquiridos
Personalidade e constituição. Biotipologias
Personalidade e seus elementos. Personalidade ajustada e desajustada
Vontade como fator da personalidade
Aprendizagem – definição e tipos de aprendizagem
2ª. Prova parcial
Comentário das provas parciais
Aprendizagem
Hábitos: importância, formação
Hábitos (continuação)
Psicologia da Enfermagem
Aplicação de noções a Enfermagem

Ligeira recapitulação de alguns pontos
Prova parcial
Exame oral

Anexo 4 - Programa da disciplina Psicologia no curso da EECC em 1952

Psicologia, objeto, divisões. Aplicações da Psicologia.
Métodos de estudo de Psicologia
Sensações – espécies, mecanismo, condições
Sistema nervoso. Percepção
Consciência. Subconsciente. Psicanálise. Complexos
Continuação do assunto da aula anterior
Atenção
Memória
Imaginação
Prova escrita
Comentário da prova escrita
Inteligência. Definições
Inteligência (continuação). Tipos. Medida
Vida afetiva. Importância
Vida afetiva. Classificação dos sentimentos
Vida afetiva. Controle das emoções
Conceito de pessoa – constituição – temperamento- caráter
Glândulas endócrinas
Glândulas endócrinas

2ª. Prova parcial
Comentário da prova parcial
Personalidade. Tipos – Sheldon, Stevens, Yung, Spranger
Vontade
Aprendizagem
Aprendizagem (continuação)
Hábitos: origens, tipos
Formação de hábitos. Como “tirar” certos hábitos
Psicologia da Enfermagem
Revisão de matéria
Prova escrita final
Prova oral

Anexo 5 - Programa da disciplina Psicologia no curso da EECC em 1953

Psicologia: definições
Valor do estudo de Psicologia
Sensações: elementos, tipos
Sistema nervoso. Percepção
Atenção
Consciência. Subconsciente. Psicanálise
Subconsciente. Complexos
Vida afetiva: sentimentos, emoções, paixões
Vida afetiva: origem, controle
Vida afetiva: classificação

1ª. Prova parcial
Comentário das provas._ Memória (início)
Memória (continuação)
Imaginação
Inteligência.
Inteligência
Inteligência
Instintos
Personalidade.
2ª. Prova parcial
Personalidade (continuação)
Personalidade (continuação)
Personalidade ajustada e desajustada
Aprendizagem
Aprendizagem
Hábitos
Psicologia da Enfermagem
Aplicações das noções psicológicas
Prova final
Prova oral
Exame (2ª. chamada)

Anexo 6 - Programa da disciplina Psicologia no curso da EECC em 1954

Psicologia: definições, objeto
--------------------------------

Motivos do estudo, métodos
Métodos
Apresentação e realização de um teste psicológico
Sensações
Consciência
Consciência
Consciência e atenção
Memória: funções e tipos
1ª. Prova parcial
Comentários da questões da prova_ Estudo da imaginação
Inteligência, definições – inteligência empírica e racional.
Inteligência. Níveis de inteligência. Fases do ato de inteligência
Inteligência
Instintos
Instintos
Vida afetiva
Vida afetiva
Personalidade: indivíduo, pessoa e constituição, temperamento, caráter.
Personalidade (continuação) segundo Freud, Allport, Mira y López
Prova escrita
Personalidade
Personalidade
Personalidade
Glândulas endócrinas

Aprendizagem
Aprendizagem
Hábitos
Psicologia da Enfermagem
Prova final
Prova oral

Anexo 7 - Programa da disciplina Psicologia no curso da EECC em 1955

Psicologia. Definições_ Valor do estudo de Psicologia
Divisão_ métodos
Aplicação de um teste psicológico
Consciência: tipos. Subconsciente.
Consciência. Subconsciente. Psicanálise
Sensações
Sensações – sistema nervoso.
Glândulas endócrinas
Atenção
Prova escrita
Comentários sobre a prova escrita
Hábitos: noções gerais
Hábitos (continuação)
Personalidade: noções gerais
Personalidade: elementos inatos e adquiridos
Personalidade amadurecida (Allport). “Tipos” de Spranger

Biotipologia
Biotipologia: Kretschmer, Sheldon e Stevens
Vida afetiva. Vários estados afetivos. Tipos de emoção.
Vida afetiva: seu papel, origem, controle das emoções
Vida afetiva (continuação)
2ª. prova parcial
Comentário da prova e personalidade ajustada e desajustada
Vida intelectual, inteligência. Definições, tipos
Inteligência
Anormais: causas
Psicologia da Enfermagem
Resumo da matéria dada: lista de pontos
Exame escrito e oral

#### Anexo 8 - Programa da disciplina Psicologia no curso da EECC em 1956

Psicologia: definições
Valor do estudo- métodos
Consciência e subconsciente
Sensações e sentidos
Sistema nervoso
Atenção
Fenômenos psíquicos. Início do estudo da memória.
Memória
Inteligência – idéias gerais

Primeira prova parcial
Comentário das provas. Continuação do estudo da inteligência
Inteligência (graus)
Os instintos: definição, espécies.
Instintos e hábitos
Hábitos – Tipos – Leis para sua formação.
Hábitos: sua explicação. Regras para se eliminar um mau hábito
Vida afetiva.
Vida afetiva
Vida afetiva: origens segundo Mira y López e segundo Maslow
2ª. prova parcial
Personalidade
Personalidade elementos inatos e adquiridos
Personalidade a constituição do “eu” segundo Noubel
Personalidade segundo Mira y López
Personalidade: Allport e Spranger
Personalidade Hipócrates, Galeno, S. Alberto, Gall, Lombroso, Kreshner
Personalidade Viola, Pende, Scheldon, Stevens. Personalidade ajustada e desajustada
Psicologia da Enfermagem
Prova escrita final

Anexo 9 – Programa da disciplina Psicologia no curso da EECC em 1957

Programa de Psicologia

Matéria:

1. Psicologia. Definição e objeto. Conceito da moderna Psicologia. Necessidade do seu estudo. Esboço histórico. Métodos de investigação psicológica.
2. 3. 4. Conceito atual das funções psicológicas. A sensação como elemento psíquico que nos leva ao conhecimento do mundo exterior. O substrato anátomo fisiológico da sensação: o sistema nervoso. Mecanismo da sensação. Os sentidos. Excitantes e reação. Percepção. Anomalias da percepção.
5. Atenção. Algumas teorias relativas à atenção. Seu papel na economia da vida mental. Vários aspectos da atenção. A atenção e o interesse. Perturbações da atenção.
6. 7. Consciência. Subconsciente. Complexos. Perturbações da consciência. Causas prováveis. Teorias. A psicanálise.
8. 9. Memória. Formas e mecanismo. Relação com outras funções psíquicas. Perturbações da memória. O testemunho.
10. Imaginação. Propriedade das imagens. Várias espécies de imagens. Perturbações das imagens.
11. 12. 13. Inteligência. Definições. Teorias, As três operações capitais de um ato completo de inteligência. Tipos de inteligência. Medida da inteligência: testes. Nível mental. Indivíduos sub e superdotados. Causas prováveis. O crescimento e sua relação com o desenvolvimento mental
14. 15. Instintos, interesses e emoções. Características dos instintos: sua relação com outros instrumentos de adaptação – a inteligência e hábito. Sua relação com as emoções.
16. 17. 18. Estudos das emoções e do sentimento: causas, efeitos. Formas de manifestação. Derivação e controle.
19. 20. 21. 22. 23. Estudo da personalidade. Conceito de pessoa. Constituição, temperamento, caráter. Fatores que atuam na formação da personalidade: hereditariedade, ambiente familiar, meio econômico e cultural, educação. Glândulas de

secreção interna: sua influência na constituição corporal e no temperamento. Noções de biotipologia. Algumas classificações biotipológicas e caracterológicas: Yung, Kretschmer, Spranger, Sheldon, Stevens. Personalidade normal e anormal. Medidas biotipológicas a antropométricas, Estudos de personalidades célebres: infância e fatores que agiram na sua formação.

25. O papel da vontade na formação da personalidade. Sua educação. Perturbações da vontade.

26. 27. 28. Aprendizagem. Caracteres do aprendizado. Leis de aprendizagem. Os hábitos e sua formação.

29. Aplicação das noções estudadas aos diversos tipos de enfermos.

30. Psicologia da Enfermagem. Caracteres biopsíquicos favoráveis e desfavoráveis à profissão.

Anexo 10 - Programa da disciplina Psicologia no curso da EECC em 1958

Psicologia: definições
Motivos para o estudo da Psicologia
Métodos para estudo de Psicologia
Sensação
Consciência
Subconsciente
Psicanálise – complexos – Atenção (início)
Atenção
Memória
Esclarecimentos de dúvidas apresentadas
1ª. prova parcial
Comentários sobre a prova – início de inteligência.

Inteligência
Inteligência (continuação)
Anormais: tipos, níveis e causas
Anormais (continuação)
Vida afetiva.
Vida afetiva
Vida afetiva.
Instintos
Personalidade: definições, elementos que a integram
Personalidade e seus elementos. O “eu”
2ª. prova parcial
Comentário das provas
Personalidade
Biotipologia
Aprendizagem
Hábitos
Prova escrita final
Prova oral
Prova oral 2ª. chamada

#### Anexo 11 – Programa da disciplina Psicologia no curso da EECC em 1959

Definições
Valor do estudo - métodos
Métodos

Sensação
Consciência
Subconsciente
Atenção
Memória
Memória
Prova parcial
Comentários das provas. Inteligência.
Inteligência
Inteligência
Instintos
Instintos
Vida afetiva.
Vida afetiva
Biotipologia
Personalidade
2ª. prova parcial
Comentários das provas
Personalidade
Personalidade ajustada e desajustada
Aprendizagem
Aprendizagem e hábitos
Hábitos
Revisão

Prova final
Prova oral

Anexo 12 - Programa da disciplina Psicologia no curso da EECC em 1961/A

Valor do estudo da Psicologia
Definições de Psicologia
Histórico – métodos
Consciência
Consciência e subconsciente
Consciência e subconsciente
Consciência e subconsciente
Atenção
Fenômenos psíquicos
Sensações
Prova parcial
Imagem – percepção
Memória
Memória
Inteligência
Inteligência
Vida afetiva.
Vida afetiva
Vida afetiva - mecanismos de ajustamento
Vida afetiva - mecanismos de ajustamento

2ª. prova parcial
Instintos conceito, divisão
Instintos educação
Tendências instintivas. “Necessidades”
Hábitos
Personalidade
Personalidade
Personalidade
Personalidade ajustada e desajustada
Prova escrita final
Prova oral

Anexo 13 - Programa da disciplina Psicologia no curso da EECC em 1961/B

Definições
Valores e métodos
Classificação dos fenômenos psíquicos
Sensações
Percepções. Atenção
Atenção. Consciência
Consciência. Subconsciente
Consciência. Subconsciente
Memória
Inteligência
1ª. prova parcial

Inteligência
Inteligência
Vida afetiva.
Vida afetiva
Vida afetiva.
Vida afetiva
Instintos
Hábitos
Hábitos
2ª. Prova parcial
Vontade
Personalidade
Personalidade
Biotipologia
Biotipologia
Biotipologia
Biotipologia
Prova final (escrita)
Prova final (oral)
Prova oral

Anexo 14 - Programa da disciplina Psicologia no curso da EECC em 1962.

Psicologia importância da matéria
Psicologia: definições, histórico

Psicologia: definições, histórico
Métodos
Consciência
Subconsciente
Sensação
Sensação (continuação) e percepção
Atenção
Fenômenos psíquicos
Prova escrita
Reflexos
Instintos
Instintos
Classificação de Maslow
Instintos Educação
Instintos Educação
Hábitos: definição e classificação
Hábitos: formação, vantagens
Exercício escrito
Ato voluntário
Ato voluntário e Inteligência (noções)
Ato voluntário e Inteligência
Inteligência
Inteligência níveis – vida afetiva
Vida afetiva.

Vida afetiva. Mecanismos de adaptação
Personalidade elementos inatos e adquiridos
Personalidade amadurecida: Mira y López e Allport
Personalidade; biotipologia: Kreshner, Scheldon, Stevens
Prova final
Prova oral

## APÊNDICES

Apêndice A – Biopsicotipologia de Kretchmer extraída de Rego (1994).

<b>Tipo constitucional</b>	<b>Características psíquicas</b>	<b>Características físicas</b>
Leptossômico	alto, magro, pele seca e pálida, tórax estreito, costelas visíveis, pescoço, pernas e braços longos, músculos e ossos delgados. Tipo físico do D. Quixote.	oscilação entre anestesia e hipersensibilidade, baixa capacidade de sintonia com as pessoas, facilidade para inteligência abstrata e conceitual, idealista e sonhador, tímido e retraído. Correlação com esquizofrenia
Atlético	ossos e músculos desenvolvidos, ombros largos, pelve estreita, face angular, queixo grande, porte marcial, proeminências ósseas na face.	perseverante, viscoso, sem grande relevo intelectual, combativo, alta tolerância à dor, interesse por esportes. Correlação com epilepsia.
Pícnico	baixa estatura, membros curtos, tronco desenvolvido e adiposo, pescoço largo e curto, contornos arredondados. Tipo físico de Sancho Pança.	oscilação entre alegria e tristeza, elevada capacidade de sintonia com as pessoas, desenvolvimento da Inteligência concreta, realista e prático, presunçoso e atuante. Correlação com psicose maníaco-depressiva.

## Apêndice B - Biopsicotipologia de Sheldon feita com base em Davidoff (2001).

<b>Tipologia</b>	<b>Tipo físico</b>	<b>Temperamento</b>
Endomorfia / viscerotoni	Víscera digestiva superdesenvolvida, redonda, mole.	Adora conforto, sociável, glutão, bem humorado.
Mesomorfia / Somatotonia	Rígido, retangular, forte, atlético, músculos altamente desenvolvidos.	Assertivo, agressivo, ativo, direto, corajoso, dominante.
Ectomorfia / cerebrotonia	Alto, magro, frágil, cérebro grande, sistema nervoso sensível.	Inibido, contido, temeroso, autoconsciente.